



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CURSO DE MESTRADO**

KALYLA MAROUN

**O CULTO AO CORPO EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA: UM
ESTUDO ETNOGRÁFICO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro

Março de 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CURSO DE MESTRADO**

KALYLA MAROUN

**O CULTO AO CORPO EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA: UM
ESTUDO ETNOGRÁFICO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Baêta Neves Flores

Rio de Janeiro

Março de 2008

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas que mais amo na vida, àquelas, sem as quais, eu nada seria:

À minha mãe, por ter dedicado a vida aos filhos, criando-nos bravamente com muito amor, zelo e altivez, transformando-nos em seres de corações humanos e peitos abertos para vida;

Ao meu pai, pela confiança incomensurável em mim depositada e pela força sensível oferecida em todos os momentos;

À minha irmã, pela eterna admiração, sensibilidade e carinho, cujos quais me fizeram e me fazem amadurecer junto com ela;

Ao meu irmão, pela incondicional compreensão, respeito e aceitação do ser humano que sou;

Ao meu amor, maior do mundo, com o qual divido um mundo mágico, divertido e encantador, cheio de belas, puras e majestosas fantasias.

AGRADECIMENTOS

É um tanto quanto difícil ser justo e coerente num momento em que as emoções e as lembranças borbulham incessantemente na cabeça de um pesquisador. Fazer agradecimentos neste instante é atestar a total incapacidade do indivíduo em ser perfeito, mas sim demonstrar a solidez que o faz humano. Portanto, na certeza de um agradecimento falho, adianto-me em dizer que agradeço a vida e a todos aqueles que fizeram, fazem ou farão parte dela.

Agradeço ao meu orientador, Luiz Felipe Baeta Neves, por ter acreditado em mim desde o primeiro instante. Sempre com palavras certas em momentos importantes, ele foi um marco no processo pelo qual venho passando de transformação e amadurecimento. Sem seu estímulo, sua confiança e seu carinho, não teria iniciado e, muito menos, finalizado esta jornada.

Aos funcionários do PPGPS (Aníbal, Kátia, Marcos e Jussara), meus sinceros agradecimentos pela sempre cordial, honesta, carinhosa e atenciosa forma de nos atender.

Aos vários companheiros do Programa, mestres, professores, alunos e amigos, com os quais pude dividir angústias e incertezas ao longo dessa missão.

Aos muitos companheiros da vida, em especial as amigas cabrochas e não cabrochas, aquelas que estiveram e sempre estarão do meu lado, seja para me confortar num momento difícil ou para vibrar junto num momento de alegria.

À CAPES, pela bolsa de estudos que permitiu a dedicação integral a este trabalho.

Aos meus pais pela compreensão e pelo respeito ao ‘meu momento’ representado pelas vezes em que foram privados da minha atenção.

Ao Edil, pela competente revisão desse trabalho e, mais ainda, por ouvir carinhosamente e pacientemente meus anseios, temores e inseguranças que surgiam aqui e rapidamente se propagavam para o corpo social dos indivíduos, isto é, para o viver.

A Deus por ter me dado o maior presente, sem o qual nada disso seria possível: a vida!

EPÍGRAFE

*“[...] o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo a lei da fisiologia.
É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica superfície de projeção passível de unir as
mais variadas formas culturais” (LE BRETON)*

Resumo da dissertação apresentada PPGPS-UERJ como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Ciências (M.Sc.)

O CULTO AO CORPO EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Kalyla Maroun

Março/2008

Orientador: Luiz Felipe Baêta Neves Flores
Programa: Psicologia Social

O objetivo principal do presente estudo foi descrever, a partir da ambiência das academias de ginástica, o fenômeno do culto ao corpo na sociedade contemporânea. A ambiência, considerada uma categoria no campo do imaginário social, compreende o espaço como um lugar que é, ao mesmo tempo, produto e produtor de relações simbólicas e de sentidos. Após a revisão de literatura acerca da temática proposta, realizou-se um estudo etnográfico mediado por observação participante e análise de discurso (escola francesa) em uma academia de grande porte situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados da pesquisa de campo apontaram para três categorias de análise da ambiência: 1) a casa dos espelhos: a motivação das imagens, dos objetos e das formas; 2) a motivação humana: o profissional de educação física; e 3) o símbolo da tribo: o corpo. Pode-se considerar que a ambiência contribui significativamente para a emergência do culto ao corpo desenvolvido nas academias e, proliferado em outras esferas da vida social, sendo aparentemente excludente àqueles que não abarcam o fenômeno em questão. Nesse sentido, é possível estabelecer uma analogia da descrição da ambiência com a seguinte ponderação: do hedonismo Dionisíaco à disciplina Apolínea prevalece a imagem de Narciso. Por fim, o mapeamento da ambiência da academia é uma fonte interessante para se pensar algumas das relações sociais da contemporaneidade que, quando comparadas a outros períodos históricos, mantiveram-se, modificaram-se ou que estariam em processo de transição. O fenômeno do culto ao corpo e a forma com que as relações se estabelecem em função da busca pela estética, decerto, representam o momento transitório ao qual as sociedades complexas estão submetidas.

Palavras-chave: corpo; ambiência; academia de ginástica.

Abstract of dissertation presented to PPGPS-UERJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Science (M.Sc.)

THE BODY CULT IN GYMNASTIC ACADEMIES: AN ETHNOGRAPHIC STUDY IN
THE RIO DE JANEIRO CITY

Kalyla Maroun

Março/2008

Advisor: Luiz Felipe Baêta Neves Flores
Department: Social Psychology

The main goal of the present study was to describe, based on the ambience of the gymnastic academies, the phenomenon of body cult in the contemporaneous society. The ambience, considered as a category in the social imaginary field, recognize the space as a place that is both, product and producer of symbolic relationship and senses. After reviewing the literature concerning the purpose here, an ethnographic study was accomplished throughout both the participant observation and the discourse analysis (French school) in a full-size gymnastic academy localized in the south zone of Rio de Janeiro city. The results obtained in the field research highlighted for three categories of ambience analysis: 1) the mirror house: the motivation of images, objects and shapes; 2) the human motivation: the professional of physical education; and 3) the tribe symbol: the body. It is reasonable to consider the ambience as a significant contributor for emerging the body cult developed in academies and, proliferating in other spheres of social life, it apparently excludes those who are not concerned to the phenomenon under discussion. Furthermore, it is possible to establish an analogy for describing the ambience by pondering: from the Dionysian hedonism to the Apollonian discipline, the image of Narcissus prevails. Finally, mapping the ambience of gymnastic academy is an interesting source for reflecting some of the contemporary social relations, which if compared to other historic periods, were either, maintained, modified or would be into a process of transition. The phenomenon of body cult, as well as the approach by the way dealings is ascertained by searching for esthetics represent the transitory moment which the complexes societies are submitted.

Key words: body; ambience; gymnastic academy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS	15
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO ACERCA DA PROBLEMÁTICA DO ESTUDO	16
1- O corpo como suporte de signos.....	16
2- O corpo na história.....	21
3- O corpo contemporâneo.....	24
4- O corpo na cultura carioca.....	32
5- Imaginário Social.....	39
CAPÍTULO II – CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO APLICADO	48
1- Classificação da pesquisa.....	48
2- <i>Locus</i> da pesquisa de campo.....	49
3- Procedimentos.....	50
4- Método de coleta de dados.....	51
5- Análise dos dados.....	53
CAPÍTULO III – AMBIÊNCIA DA ACADEMIA DE GINÁSTICA	60
1- A casa dos espelhos: a motivação das imagens, dos objetos e das formas.....	60
2- A motivação humana: o profissional de educação física.....	80
3- O símbolo da tribo: o corpo.....	93
CAPÍTULO IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO HEDONISMO DIONISIÁCO À DISCIPLINA APOLÍNEA PREVALECE A IMAGEM DE NARCISO	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
ANEXO 1	120

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como objetivo principal descrever o fenômeno do culto ao corpo na sociedade contemporânea, através da realização de um estudo etnográfico em uma academia de ginástica de grande porte situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Realizou-se a análise do fenômeno em questão sob o viés da categoria ambiência. A referência à ambiência como categoria de análise parte do pressuposto de que os indivíduos encontram-se imersos em dado contexto sócio-histórico-cultural, cuja relação com o mundo é estabelecida por meio de sentidos que são construídos e desconstruídos a todo tempo. Logo, o enredamento entre indivíduos, mundo e objetos não é passível apenas de uma análise descritiva e funcional.

O interesse, portanto, é identificar o processo de produção de sentidos¹, à luz de estudos no campo do imaginário social, que se dá mediante o encontro dos indivíduos com o mundo que está a sua volta, isto é, discutir o espaço como um lugar que é produto e que produz sentidos e significantes. A ambiência é aqui compreendida como uma categoria possível de ser analisada no campo do imaginário social. Sendo assim, o propósito deste trabalho não é discutir possíveis causas do culto ao corpo, mesmo que estas venham a aparecer ao longo do texto. É sim descrever tal fenômeno submerso no ambiente da academia e apontar a categoria ambiência como um dos componentes que contribui significativamente para a emergência do culto ao corpo que se desenvolve nesses locais e que prolifera em outras esferas da vida social.

A semiologia expressa pela ambiência é evocada como instrumento capaz de fornecer pistas reveladoras e relevantes acerca de uma realidade altamente disseminada na cultura contemporânea e, mais precisamente, na cultura carioca: a busca por academias de ginástica em grande escala como uma das alternativas para cultuar o corpo. Não é a intenção disseminar a idéia de que a busca por academias de ginástica esteja apenas voltada para o culto ao corpo, isto é, para a modelação de um corpo padronizado (fins estéticos). No entanto, alguns estudos apontam que a estética é um dos fatores mais recorrentes. Jefferson Novaes (2001), em seu Livro *Estética: o corpo na academia*, - oriundo de sua tese de doutoramento - apontou que 80% das pessoas que procuram uma academia de ginástica, o fazem por motivos estéticos. Ainda segundo o autor (NOVAES, 2001, p. 21), há o que ele denominou, “objetivos outros” que vêm acompanhados da busca pela estética, dentre os quais se podem destacar:

¹ O pressuposto teórico deste termo é destacado na metodologia.

correção postural, melhora da capacidade cardíaca, sociabilidade e melhora na qualidade de vida. Em outro trabalho, o autor defende a premissa de que a busca pela estética corporal nas academias de ginástica brasileiras merece ser mais bem investigada. Nas palavras do próprio autor:

A busca incessante da estética corporal, dos praticantes das atividades *gímnicas* em academia, hoje, é um fenômeno sociocultural relevante que necessita de maiores atenções e investigações, uma vez que se tornou um valor orientador para as pessoas, em muitos casos, possivelmente, mais significativo que a própria realização econômica, afetiva ou profissional. (NOVAES, 1995, p. 24).

Para o desenvolvimento do estudo, realizou-se uma revisão bibliográfica acerca, basicamente, das seguintes temáticas: o corpo como suporte de signos imerso em diferentes contextos sócio-histórico-culturais; e teorias acerca do imaginário social. Posteriormente, foi-se a campo para uma observação-participante, a fim de que fosse possível analisar a forma com que este fenômeno se dava na perspectiva da ambiência, tentando articular a revisão bibliográfica com os dados da realidade.

O presente trabalho foi desenvolvido sob o viés do corpo inserido, especialmente, na cidade do Rio de Janeiro. Optou-se por esse recorte teórico pelo fato de muitos estudiosos (Goldenberg, Malysse, Maffesoli, Sabino, dentre outros) convergirem com a idéia de que o estilo de vida de determinadas parcelas da sociedade carioca pode refletir algumas das diversas transformações as quais o corpo vem sendo submetido na contemporaneidade.

As diversas questões relativas ao corpo, embora presentes no mundo acadêmico, estão longe de serem esgotadas. É plausível pensar que algumas modificações nas relações sociais ocorridas nos últimos anos contribuíram significativamente para o surgimento de novas formas de abordagem e interpretação relacionadas ao corpo, influenciando todo um campo de estudos até então pulverizado.

Existem diferentes maneiras de representar o corpo, as quais podem ser evidenciadas no momento em que os corpos passam a ser utilizados, compreendidos e referenciados como símbolos. Levi-Strauss (1990) demonstrou a importância de se estudar os fenômenos dessas representações simbólicas ao defender a idéia de que é necessário investigar todos os fenômenos que são signos, isto é, aqueles que podem vir a substituir algo para um indivíduo. Nesse sentido, os símbolos podem ser considerados metáforas, que além de serem responsáveis pela estruturação da sociedade em que vivemos, permitem uma melhor

compreensão do comportamento dos indivíduos imersos em determinado contexto sócio-histórico-cultural.

O que poderia ser chamado genericamente de ‘corpo ocidental’ - um corpo padronizado e difundido - encontra-se em plena metamorfose. Pode-se assistir, hoje, principalmente nos grandes centros urbanos, como é o caso do Rio de Janeiro, ao redimensionamento de valores e imaginários voltados para o corpo. Não se trata mais de aceitá-lo como é, mas sim de transformá-lo, modificá-lo, reconstruí-lo, reconhecer-se e ser reconhecido através dele. Muitos indivíduos, em função de um forte imaginário contemporâneo, vêm buscando nos corpos uma possível verdade sobre si mesmo, a qual a sociedade parece não conseguir mais lhes proporcionar. Assim, estes parecem, em alguns momentos, restringir sua existência à modelação de seus corpos, o que muitas vezes se torna sinônimo de sofrimento e privação.

A construção cultural do corpo não se dá isoladamente. Cada sociedade elege certo número de atributos, físicos ou não, que configuram padrões a serem seguidos. Esta constelação de atributos é, em certa medida, a mesma para todos os membros de dada sociedade, embora tenda a se distinguir em nuances segundo os diferentes grupos, classes ou categorias que toda e qualquer sociedade abriga. Isso significa que as normas ditadas ao corpo estão sempre relacionadas ao contexto sócio-histórico-cultural no qual ele está inserido, fazendo com que natureza e cultura dialoguem constantemente. Segundo Rodrigues (1983, p. 45): “[...] o corpo humano como sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes culturais e sociais.”

Muitos antropólogos vêm tentando compreender a cultura do corpo através das relações sociais que se estabelecem nos espaços urbanos. No Rio de Janeiro, por exemplo, a praia e o carnaval têm sido focos de observação por parte de alguns estudiosos, tais como Maffesoli, Sabino, Malysse, Goldenberg, Da Matta dentre outros. Construído culturalmente, o imaginário carioca relativo ao corpo vem ganhando destaque, transformando-se num veículo de comunicação e carregando consigo signos e símbolos que posicionam o indivíduo na sociedade.

O ‘mesmo’ corpo, que até bem pouco tempo atrás era relativamente escondido e preservado, atualmente é submetido a regras específicas de exposição. Um dos imaginários contemporâneos referentes ao corpo passa a concebê-lo como um valor central na vida de indivíduos de ambos os sexos e das mais variadas idades. Isso significa que o corpo não pode ser exibido de qualquer maneira à sociedade ou aos grupos sociais no qual se insere. Ele deve estar de acordo com os padrões de beleza propagados e cultivados, pois, caso contrário, ‘seu

dono' poderá ser julgado como desviante e até mesmo ser acusado por ser o verdadeiro responsável pelo 'fracasso' corporal.

Nesse sentido, observa-se nas mais diversas esferas, a valorização exacerbada do corpo e da aparência no processo de revelação de identidade dos cariocas. Em outros termos, o corpo estaria sendo apropriado por muitos indivíduos ou grupos como meio de expressão (ou representação) de si mesmo, o que pode ser facilmente compreendido em um contexto social e histórico particularmente instável e mutante, no qual os meios tradicionais de produção de identidade – a família, a religião, a política, o trabalho dentre outros – encontram-se enfraquecidos.

Sugere-se que, em decorrência dessa realidade social fluida, é intensificado o culto ao corpo, fenômeno que surge em meados da década de 70 e que, atualmente, parece encontrar-se no auge de sua propagação. Pode-se dizer que o culto ao corpo é um fenômeno contemporâneo relativo à expansão das práticas corporais ligadas a uma idéia restrita de saúde e beleza, que veio crescendo e proliferando com o auxílio da ciência e da tecnologia, expandindo a possibilidade da conquista de determinadas aparências vendidas no mercado. Fenômeno que consome dinheiro, tempo e conhecimento desmedido (SILVA, 2001). Na vertente do culto ao corpo, torna-se condescendente que se reflita sobre um poderoso aliado, o qual possui papel fundamental na propagação deste complexo fenômeno social: a prática de exercícios físicos².

Muito recomendada por médicos e especialistas em promoção da saúde, a prática de exercícios físicos nunca foi tão indicada e valorizada. Entretanto, deve-se ter cuidado com esse imaginário que exprime apenas o lado positivo da relação entre exercício físico e saúde. Carvalho (2004) questiona a visão do senso comum e dos meios de comunicação de massa que compreendem a atividade física como sinônima de saúde, defendendo a idéia de que essa visão nada mais é do que um mito que ganhou força na sociedade contemporânea, mas que teve origem na Grécia Antiga. Nessa perspectiva, com o intuito de atentar para esse imaginário circulante que se apropria do mito da atividade física e da saúde a autora ressalta que:

Se a relação atividade física como saúde é um “mito”, é também a justificativa para o rito, ou melhor, para os ritos, dado que existem inúmeras possibilidades para sua manifestação; e esses diferentes ritos materializam os

² Sequência sistematizada de movimentos de diferentes segmentos corporais, executados de forma planejada, segundo um determinado objetivo a seguir (Resolução CONFEF - Conselho federal de educação física - nº 046/2002).

“sonhos” - elaborados pelo “inconsciente” e também pelo “consciente” que, desse modo, tentam satisfazer às necessidades que os homens constroem ao longo do tempo - as necessidades dos primitivos, dos empresários, dos consumidores, da indústria cultural e da beleza, enfim do próprio mito. E o ciclo se fecha, se amplia e se perpetua. (CARVALHO, 2004, p. 36).

Nesse contexto, sem entrar na discussão proposta pela autora, mas considerando a visão contemporânea disseminada de que o exercício físico é a melhor solução para todos os problemas de saúde do homem que apareceram ou que ainda estão por vir (do mito da atividade física e da saúde), pode-se especular que os indivíduos, independente de sexo, idade ou problemas de saúde como as cardiopatias, a hipertensão ou a *diabetes mellitus*, podem e devem praticar exercícios objetivando a melhoria da qualidade de vida. No entanto, esta vertente não será o foco de nossa investigação. Se, por um lado, a prática regular de exercício possui o viés da promoção da saúde ou, concordando com Carvalho (2004), se existe o ‘mito’ da atividade física e saúde, por outro, ele também se caracteriza como um dos meios mais eficazes, difundidos e acessíveis de cultivar o corpo. O culto ao corpo, portanto, tem uma relação muito próxima e direta com os exercícios, podendo-se afirmar que ambos fazem parte de um movimento coexistente.

As novas formações imagéticas sobre o corpo resultam em crescente busca de possíveis formas de culto ao mesmo e, para tanto, as possibilidades não param de crescer. Ruas, praças, avenidas, ciclovias e muitos outros espaços vão sendo remodelados por parcela da sociedade para que possam vir a se tornarem locais onde haja a possibilidade de se praticar exercícios físicos. As academias de ginástica representam um bom exemplo de locais onde se propaga e se propicia o culto ao corpo. As academias começaram a invadir as grandes cidades na virada da década de 70 para 80 do século anterior ao atual, motivadas pela febre do culto ao corpo que, então, começava a se disseminar. Atualmente, já existe nesses locais uma ampla gama de possibilidades de exercícios físicos diferentes e atraentes para todos os gostos, entre eles: *Bike Indoor*³; ginástica localizada; alongamento; *Body Combat*⁴; *Body Balance*⁵; musculação, dentre outros. Tal obsessão pela conquista de novos clientes pode ser percebida pela multiplicação de métodos de exercícios novos com promessas milagrosas lançados em todos os verões nos grandes centros urbanos.

³ Aulas coletivas desenvolvidas sob bicicletas em que o aluno adapta as cargas de trabalho simulando subidas e descidas, variando a velocidade durante todo o período.

⁴ Aulas coletivas em que os movimentos corporais simulam golpes de diversos tipos de luta.

⁵ Aulas coletivas em que os movimentos corporais são realizados a partir de exercícios de alongamento.

A idéia de um corpo construído socialmente, em oposição a um corpo apenas natural, pode ser compreendida como a base de toda reflexão antropológica e sociológica sobre este objeto. O corpo pode ser representado socialmente através de sentidos, significados, valores e simbolismos. Logo, as academias de ginástica podem ser consideradas um ambiente relevante para refletir sobre as relações sociais que surgem atrelados ao fenômeno do culto ao corpo, tal como instiga o aprofundamento no universo da ambiência desses locais.

O culto ao corpo nas academias de ginástica, na perspectiva da busca de determinadas aparências físicas, pode ser metaforicamente comparado a um rito de *status* que objetiva imprimir o signo do corpo ideal e perfeito. Assim como alguns outros rituais estéticos ou artísticos que são realizados no/sob o corpo - tatuagens; coloração do cabelo e das unhas; *piercings*; vestimentas e adereços; corte ou distensão do lóbulo auricular - o rito do culto ao corpo pode ser encarado como uma marca tribal de todos aqueles que se submetem a contínuas seqüências de exercícios físicos, dando sentido e significado aos seus corpos e, mais precisamente, às suas próprias vidas. Ressalta-se, no entanto, que o grande interventor no processo entre o desejo insaciável da boa aparência e o que é realmente passível de ser feito para que se atinjam esses determinados desejos é o profissional de educação física.

Algumas reflexões surgem nessa perspectiva: que ambiência é essa que permeia a academia de ginástica e influencia a propagação e disseminação do culto ao corpo? Quais os sentidos - atribuídos ao símbolo corpo - que se entrelaçam na ambiência deste local e nela podem ser observados? De que forma os indivíduos, engendrados nessa teia simbólica, se relacionam com os objetos, com os indivíduos a sua volta e com eles mesmos?

A estetização do corpo nas academias, hoje, pode ser vista como uma das manifestações da cultura física nacional. Partindo do pressuposto de que o corpo é um dos 'objetos' que assume valores simbólicos relevantes na atualidade, despertando grande interesse das pessoas e da mídia, é importante analisar e compreender o universo das academias de ginástica. Através de um estudo etnográfico, é possível mapear a ambiência acolhedora, estimulante, sedutora e excitante destes locais para os indivíduos que vislumbram, consciente ou inconscientemente, o culto ao corpo. Por outro lado, é possível especular sobre a forma, com a qual esta mesma ambiência pode ser altamente discriminatória, repugnante e jocosa para aqueles que não compartilham do sentido majoritário de corpo que ali pode ser observado. A partir dessa análise, foi possível tecer algumas considerações sobre o fenômeno do culto ao corpo em um dos inúmeros espaços relevantes em que ele é propagado e enaltecido na atualidade: a academia de ginástica.

Ao serem analisados os sentidos evocados através da produção imaginária referente às questões propostas pelo trabalho, ter-se-á subsídios para compreender mais profundamente como se desenvolve a relação entre os desejos a serem alcançados e sua concretização refletida nos corpos de todos aqueles indivíduos que buscam, nas academias de ginástica, um local onde haja a possibilidade de melhorar a estética corporal. Além disso, será possível inferir sobre as relações sociais na sociedade contemporânea que se desenvolvem e ganham força a partir do viés do culto ao corpo.

OBJETIVOS

O objetivo principal do presente estudo foi descrever e, ao mesmo tempo, compreender o fenômeno do culto ao corpo que ocorre e se propaga na academia de ginástica, sob o viés de uma categoria de análise do campo do imaginário social: a ambiência. A partir da compreensão e da descrição da ambiência que perpassa a academia de ginástica, espera-se encontrar subsídios que possibilitem analisar alguns dispositivos simbólicos e imaginários, que se perpetuam e se propagam nesse local específico, exaltando a disseminação e o enaltecimento do corpo como um fim em si mesmo, digno de ser cultuado a todo custo e risco. Nesse contexto, foram analisados todos os autores envolvidos nessa dinâmica, isto é, objetos (formas, cores, disposição física), professores e alunos.

Entre os objetivos específicos, destacam-se os seguintes: selecionar uma academia de ginástica de grande porte situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro; realizar um recorte etnográfico aprofundado com a metodologia de observação participante assistemática na academia selecionada, mais precisamente, no setor de musculação; analisar alguns dizeres, frases e conversas encontradas nesse ambiente que possuem fins estimulantes ao exercício mediante o procedimento da Análise de Discurso (ORLANDI, 2001); averiguar a existência do fenômeno do culto ao corpo nas academias, compreendendo e avaliando algumas consequências deste fenômeno nas relações sociais da sociedade pós-moderna, que extrapolam os limites físicos das academias; analisar a ambiência sob três eixos norteadores que serão mais bem compreendidos ao longo da análise dos dados da realidade: a casa dos espelhos, o profissional de educação física e o corpo como símbolo tribal.

REFERENCIAL TEÓRICO ACERCA DA PROBLEMÁTICA DO ESTUDO

- O corpo como suporte de signos

O conceito de corpo remete à articulação entre natureza e cultura e abre assim um leque diferenciado de posicionamentos teóricos, filosóficos e antropológicos. Segundo Braunstein e Pépin (1999), o corpo não se revela apenas enquanto componente de elementos orgânicos, mas também como fato social, psicológico, cultural e religioso. Sua subjetividade está sempre produzindo sentidos que representam, diferenciadamente, sua cultura, desejos, paixões, afetos, emoções, enfim, o seu mundo simbólico.

Segundo Rodrigues (1983), existem comportamentos que se demonstram presentes em todos os indivíduos. Isso significa dizer que é inegável a existência de conjuntos de motivações orgânicas que conduzem os seres humanos - objeto de estudo das ciências médicas e biológicas - a determinados tipos de atuação comportamental. Contudo, a cada uma dessas motivações biológicas, a cultura atribui uma significação especial, em função da qual o corpo assume determinadas atitudes em detrimento de outras. O indivíduo, e não mais o ser humano, está imerso em um contexto social, cuja produção simbólica se apresenta sobre a égide da cultura. E a cultura dita normas ao indivíduo, mais precisamente ao corpo. A título de exemplo, cita-se um dos autores que defende essa visão:

Normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais e quanto o desenvolvimento dos seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr-do-sol. (RODRIGUES, 1983, p. 45).

Neves (1978) abarca a idéia de que a cultura ‘domina’ o corpo e por isso existe uma “geografia do corpo” que deve ser observada, já que é ela que vai determinar que partes do corpo podem (ou não) ser mostradas, quando, onde e para quem. A cultura seria responsável por ‘recobrir’ o corpo. O corpo seria um ‘objeto’ da cultura e por ela seria sistematicamente influenciado.

Compreender a forma de assimilação social do corpo é estrategicamente importante para os cientistas sociais, visto que o corpo é o mais natural, o mais concreto e o primeiro patrimônio do indivíduo. Desse modo, este deve ser visto pelos cientistas como uma categoria própria, mas sempre relacionada às outras categorias sociais. O corpo possui seu lugar

próprio. Este lugar é o ponto de interseção de fenômenos singulares que põe em relação íntima a natureza orgânica e a natureza social, onde a cultura e a natureza dialogam, onde o grupo e o indivíduo se interpenetram.

O corpo porta em si a marca da vida social e expressa a preocupação de toda a sociedade em imprimir nele, fisicamente - o que é resultado de uma produção simbólica e imaginária - determinadas transformações de um repertório, cujos limites não se podem definir. Para Rodrigues (1983), ao se considerarem todas as modelações que o corpo sofre, é possível constatar que este é pouco mais que uma massa de modelagem na qual a sociedade imprime padrões que projetam seu espírito segundo suas próprias disposições.

Concordando com Rodrigues (1983), Le Breton (2006) acredita que o corpo é moldado pelo contexto social e cultural em que o indivíduo se inscreve. Ele é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída. O autor defende a teoria de que o corpo constitui o âmago da relação do indivíduo com o mundo: “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (LE BRETON, 2006, p. 7). Similarmente, Braunstein e Pépin (1999, p.140) concebem o corpo como “produto cultural e social”. Para os autores, o corpo é um “fato da cultura”, visto que é através dele que toda a sociedade se reflete e se simboliza: o corpo é o mediador. Eles prosseguem dizendo que o modo de organização da relação com o corpo reflete o modo de organização da relação com as coisas e o das relações sociais.

Os usos físicos⁶ que o indivíduo faz do corpo dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva. Através do corpo, o indivíduo consubstancia a sua vida e a traduz para os outros a partir dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade ao qual faz parte.

Rodrigues (1983) exemplifica, através dos tipos de alimentos possíveis de ingestão, as convenções sociais que se criam e são perpetuadas de acordo com a sociedade ou o grupo em que se vive. Cada sociedade possui um repertório de alimentos conhecidos e aceitos e outros não aceitos e inapropriados. Isso significa que não é o sistema gastro-intestinal que, por meio do corpo, se relaciona fundamentalmente com os objetos - alimentos. Inclusive, ao pensar nas recomendações médicas sobre uma alimentação de qualidade nas sociedades ocidentais, percebe-se que atualmente as sugestões de alimentos em curtos espaços de tempo migram de saudáveis para não saudáveis, e vice-versa. Alimentos que faziam mal à saúde podem ser

⁶ Neste caso o termo ‘usos físicos’ se refere às condutas corporais que ocorrem através de ações físicas.

considerados hoje um forte aliado na prevenção do câncer e outras doenças. Outros alimentos que não possuíam nenhuma contra-indicação para a ingestão passam a ser absolutamente condenados. Na realidade, são as convenções sociais que decidem o que e quando se pode e deve comer. O corpo, neste contexto, tem ‘fome’ de símbolos, o que é fruto de um determinado imaginário dominante.

Toda essa imersão cultural se inicia com o nascimento. Ao nascer, a criança passa por um processo de socialização que se desenvolve através da experiência corporal. Ela começa a ser educada e desenvolvida sob o viés da relação com os outros, mais precisamente, através de símbolos partilhados. No entanto, a aprendizagem das modalidades corporais, o significado que elas suscitam e a relação do indivíduo com o mundo (que se dá sob/sobre o corpo), não estão limitados à infância, mas continuam por toda a vida, conforme as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida, aos diferentes papéis a que convém assumir ao longo da existência.

Com relação à construção cultural do corpo, Mauss (1974) parte da premissa de que esta não ocorre isoladamente. Para o autor, há uma construção própria de acordo com a sociedade ou com o grupo. Logo, existe uma referência, ou um corpo típico, que valoriza certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, em toda e qualquer sociedade, o que faz com que o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura sejam refletidos pelo corpo. Existem também normas, hábitos culturais, que se insinuam no quotidiano do corpo e que fazem com que este seja utilizado - de forma padronizada e fixa - conforme os modelos e sistemas transmitidos. Assim, é possível falar em uma cultura corporal.

Estés (1994), em seu livro intitulado *Mulheres que correm com lobos*, fala sobre a variabilidade corporal de mulheres de diferentes culturas e regiões do mundo. Sem se apegar aos padrões estéticos vigentes, a autora valoriza a diversidade corporal, demonstrando que o mundo é repleto de muitas espécies de beleza. Ao mesmo tempo, critica a padronização de um único padrão estético, afirmando que defender apenas um tipo de beleza é, de certo modo, desconsiderar a natureza. “Não pode haver apenas um tipo de bebê, de homem ou de mulher. Não pode haver apenas um formato de seio, de cintura, de tipo de pele”. (ESTÉS, 1994, p. 253). Na verdade, apesar da autora abordar fundamentalmente a questão da herança genética, ela não desconsidera a interseção que se desenvolve na dualidade natureza/cultura, quando se pensa nas relações sociais acerca do corpo.

Como já mencionado, a caracterização da relação do indivíduo com o corpo representa alguns aspectos culturais cuja variabilidade de uma sociedade para outra é infinita.

Imaginários relativos ao corpo vieram se modificando ao longo das últimas décadas, fazendo com que as pessoas repensassem alguns valores e modificassem alguns padrões e estilos de vida que, até então, eram desconsiderados, ou, quando considerados, o eram sob outra perspectiva. Para Le Breton (2006), o corpo como mediador privilegiado e responsável pela presença humana, está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, sendo o ponto de convergência do campo simbólico do indivíduo e do grupo.

Estés (1994), ao relatar a experiência de conhecer mulheres obesas no México, demonstrou que o provável responsável pelo corpo ‘jubiloso’ destas não é o excesso de comida, mas a configuração corporal herdada de seus parentes imediatos ou então de parentes de uma ou duas gerações do passado. É a natureza ‘diferenciada’, influenciando diretamente o plano da cultura. O tipo de corpo disseminado e valorizado por essa região é bem diferente daquele que é propagado no Rio de Janeiro, por exemplo. O excesso de peso, neste caso, passa a ser um símbolo de saúde e de fertilidade, o que de certa forma, não deixa de ser uma questão culturalmente difundida. Outro exemplo citado pela autora é o de uma tribo afro-americana que é constituída por membros de pessoas altas, esbeltas e com os dentes incisivos separados. Ela explica que ao ter tido contato com uma integrante da tribo, recebeu a explicação de que a separação dos dentes incisivos se denominava *Sakaya Yalah* que quer dizer “abertura de deus”. Conseqüentemente, o formato e a disposição dos dentes são, para essa tribo e cultura, símbolo de sabedoria, fê e espiritualidade.

Neves (1978) exemplifica a cultura do corpo através dos indígenas que habitavam o Brasil no século XVI, demonstrando o resultado da influência do período histórico e social no repúdio do processo colonizador com relação à nudez acintosa e ininterrupta das tribos. Numa época em que a Igreja católica imperava com todo o seu poder político e econômico no mundo ocidental, o corpo indígena era concebido como rude, grosseiro, animalesco e, portanto, ‘deformado’ se comparado aos paradigmas que povoavam o imaginário da época. Todavia, a representação simbólica que a nudez possui para os índios só pode ser compreendida em sua própria ambiência, sob os seus próprios olhares e pontos de vista, pois o símbolo só pode ser compreendido através dos sentidos que desperta naqueles que o estabelecem e o vivenciam.

Os usos sociais dos corpos pertencentes a uma mesma sociedade podem variar também de acordo com a classe social à qual pertencem (RODRIGUES, 1983; BOLTANSKI, 2004). Boltanski (2004), em seu livro *As classes sociais e o corpo*, exemplifica claramente esta questão através de um trabalho realizado no *Centre de Sociologie Européenne de l’Education et de la Culture*, sob a direção de Pierre Bourdieu. À medida que se sobe na

hierarquia social, que cresce o nível de instrução e que decresce o volume de trabalho manual em favor do trabalho intelectual - quando a profissão demanda atividades físicas menos intensas - o sistema de regras que regem a relação dos indivíduos com o corpo também se modifica.

[...] tendem a valorizar a “graça”, a “beleza”, ou a “forma física” em detrimento da força física. Mesmo quando apreciam a força física, os membros das classes superiores parecem atribuir menos importância a “força bruta” do que à maneira de usar a força, que deve ser, de certa maneira, “civilizada” ou “domesticada” e só se exprimir de maneira indireta e alusiva, através da flexibilidade dos gestos ou da maleabilidade do corpo. (BOLTANSKI, 2004, p. 158).

A qualidade da alimentação e a valorização da ‘magreza’ também são fatores alteráveis de acordo com a classe social. Os gostos alimentares dos membros das classes superiores que buscam alimentos saudáveis - que nutrem sem acarretar ganho de peso - como legumes, carnes grelhadas ou saladas, são motivados em grande parte pela vontade de manter a forma física, evitar a ‘gordura localizada’ ou a ‘celulite’, de permanecer magro ou emagrecer. A valorização da ‘magreza’ cresce quando se passa das classes populares às classes superiores, ao mesmo tempo em que cresce a atenção dada à aparência física e que decresce correlativamente a valorização da força física, de modo que os indivíduos de mesma corpulência são considerados ‘magros’ nas classes populares e ‘gordos’ nas classes superiores. A Tabela 1 exemplifica a forma diferenciada com que práticas de regimes emagrecedores são utilizadas por indivíduos de diferentes ocupações profissionais.

Ainda sobre o trabalho presente no livro, a prática de esportes, utilização lúdica, intencional e regrada do corpo, cuja frequência cresce quando se passa das classes populares às classes superiores, ou seja, quando decresce a atividade física no campo profissional, constitui também um bom indicativo da inversão dos usos do corpo. Nas classes populares, por exemplo, o esporte não passa de uma distração praticada em grupos, através de esportes coletivos, pelos adolescentes do sexo masculino. Inversamente, nas classes superiores, além das mulheres participarem, os esportes mais praticados são os individuais - esqui, natação, atletismo - e têm como função principal manter o indivíduo “em forma”, ou seja, permitir-lhe adquirir ou manter um corpo conforme os padrões de beleza difundidos em sua classe. (BOLTANSKI, 2004).

Tabela 1 - A prática dos regimes emagrecedores segundo a classe social - em %

	Técnicos e dirigentes assalariados	Empresários	Assalariados do terciário	Operários	Agricultores
Acham o seu peso atual muito alto	75	38	33	38	28
Fazem um regime para emagrecer	33	28	19	19	15
Esforçam-se para reduzir seu consumo de pão	41	36	28	26	21

Retirada de BOLTANSKI (2004, p. 159).

Procurou-se fundamentar e exemplificar algumas formas do corpo como suporte de signos. Os signos atribuídos a ele variam segundo uma série de fatores que vão desde gênero, classe social, período histórico, contexto social até aspectos culturais. Mas, deve-se sobretudo ressaltar que ele varia também segundo algo mais imponderável, que é o que se denomina imaginário social: uma aura invisível que está presente na cultura, apesar de não se resumir a ela.

- O corpo na história

Entender os sentidos atribuídos ao corpo na contemporaneidade requer uma caminhada pela história, mesmo que esta seja aqui apresentada brevemente, com objetivo de apontar momentos relevantes, ora de transições, ora de rupturas ou mudanças ocorridas ao longo do tempo.

De acordo com Siebert (1995), o corpo na Grécia antiga era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado. Era valorizado pela sua capacidade atlética, sua saúde e fertilidade. Fazia parte da educação de todo futuro cidadão grego a prática de exercícios físicos com o objetivo de mais tarde participarem dos concursos de atletismo que existiam na

época. Mas, se em Atenas havia a preocupação com a formação integral dos indivíduos - que se desenvolvia através da educação corporal - em Esparta, o corpo era quase exclusivamente treinado em função do militarismo.

Em Atenas prevalecia o ideal de ser humano 'belo' e 'bom'. Na maioria das demais cidades gregas, a prática da atividade corporal objetivava a preparação para os Jogos Olímpicos (que surgiram no ano de 776 a.C. e foram extintos no final do século IV - 394 d.C. - ressurgindo na era moderna, no ano de 1896, em novo contexto sócio-político-cultural). Inversamente, as atividades corporais das classes menos favorecidas tinham como objetivo a preparação para as guerras.

Os Jogos Olímpicos constituíam uma das quatro grandes festas nacionais gregas celebradas a cada quatro anos na cidade de Olímpia. Neste período cessavam as guerras e os atletas circulavam livremente pelas cidades. Era inicialmente uma festa local que se realizava em homenagem aos deuses gregos. Aos poucos foi ganhando importância e foram-lhe agregando novos desportos para que então o evento viesse a se transformar em algo parecido com o que se entende hoje como Olimpíadas (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2007).

Havia um imaginário que acreditava em uma possível semelhança dos indivíduos comuns com os deuses. Este fato pode ser exemplificado sob o viés das representações artísticas dos gregos, a partir das quais o corpo sempre se destacava. Portanto, a prática de exercícios e a educação corporal eram formas de se chegar o tanto quanto possível próximo dos deuses, reconciliando corpo e espírito. O corpo era o meio de atingir, de encontrar e de venerar os deuses que representavam sua religião politeísta. Ter um corpo belo, um corpo saudável, dependia, em grande parte, de uma profunda serenidade. Por isso o culto ao corpo foi rapidamente relacionado a uma atividade religiosa. É pelo corpo que os gregos se assemelhavam aos deuses e é através dos deuses que eles podiam se proteger.

O ensino da ginástica era confiado aos *pendotribos*, que eram simultaneamente mestres de ginástica, professores de higiene, de medicina do desporto e divulgadores da ética do comportamento desportivo. Existiam alguns preceitos e conhecimentos específicos com relação ao treinamento dos atletas. Estes faziam seus exercícios despidos, após friccionarem todo o corpo com óleo para aquecer a musculatura antes do esforço. A fricção que precede o exercício é muito enérgica, e é seguida, depois da prática deste, de outra fricção de óleo doce, destinada a relaxar, a tirar a fadiga muscular. Tudo isso era realizado sob a supervisão atenta dos *pendotribos* (BRAUSTEIN & PÉPIN, 1999).

O império romano, após dominar politicamente a Grécia, não se pautou fielmente a cultura helênica, modificando consideravelmente a relação dos cidadãos com o corpo. Ignorou

durante muito tempo o atletismo e a ginástica, como artes praticadas por si mesmas, tendo em vista os Jogos Olímpicos. Os jovens romanos eram treinados, quase unicamente, com o intuito militar. Os combates entre gladiadores faziam grande sucesso. Os jovens treinavam, ou seja, praticavam exercícios físicos sem outra finalidade que fosse além da eficácia do combate. Treinavam para as situações de guerra: saltar, lançar, correr, nadar, montar a cavalo, praticar esgrima entre outros.

Dando um salto na história, na Idade Média do ocidente europeu, com a influência da Igreja Católica, as teias simbólicas sobre o corpo indicavam a tendência de concebê-lo como algo pecaminoso, desvalorizado, profano. Evidenciava-se, portanto, a separação entre corpo e alma, prevalecendo a força da segunda sobre o primeiro. O bem da alma estava acima dos desejos e prazeres da carne. Imaginava-se o corpo culpado, perverso, necessitado de purificação, o que incentivava indivíduos a submetê-lo a ‘autoflagelações’ apedrejamentos e execuções em praça pública.

Para Neves (1978), a ideologia cristã queria ‘esconder’ o corpo, em especial, certas regiões do corpo através de produtos culturais, o que resultava num imaginário de repúdio a ele. Contrariamente ao que foi dito, nos momentos de penitência, o corpo poderia ser também encarado como uma fonte de ‘salvação da alma’, assumindo, então, outra função. Pode-se dizer que o corpo neste período histórico passa a ser, ao mesmo tempo, tanto responsável pelo pecado como responsável pela redenção. As doenças, os problemas estéticos e/ou psicológicos que se tornavam explícitos pelo corpo eram considerados justos castigos divinos, isto é, eram incontestados.

Até o século XVII, o homem não era ainda um indivíduo de corpo inteiro - corpo e espírito - era um ou outro, com um pensamento de supremacia sobre a matéria. O Renascimento aparece na literatura como uma redescoberta do corpo sob todas as formas, o que ocorre através do regresso às antiguidades greco-romanas. No período renascentista, a concepção de corpo difere das anteriores, já que nesta época a apropriação do imaginário passa a concebê-lo como algo belo, especialmente no que diz respeito às artes, a partir do quê o corpo nu aparece como destaque por pintores como Michelangelo, Da Vinci e outros. A vida terrena passa a ser valorizada juntamente com o pensamento científico e o estudo do corpo. O corpo passa a desempenhar um papel preponderante e, por isso, há a necessidade da educação à semelhança dos gregos antigos para os princípios pedagógicos essenciais. “Não é uma alma, nem é um corpo que se educa, é um homem; não se deve transformá-lo em dois. E como diz Platão, não se deve educar um sem o outro, mas conduzi-los par a par, como uma

paralha de cavalos atrelados a um timão” (MONTAIGNE, I, p. 26 *apud* BRAUSTEIN & PÉPIN, 1999, p. 106).

No século XX, com o auxílio do avanço tecnológico que se dissemina, os meios de comunicação começam a funcionar como propulsores da comunicação de massa. Inicia-se, entre as décadas de 70 e 80 a era do culto ao corpo. A imagem corporal não fica exposta apenas no âmbito da pintura, agora ela pode atingir um número elevado de indivíduos. Portanto, os sentidos instituídos advindos da produção imaginária do corpo passam a ser influenciados pelas fotografias de revistas, pelo cinema, pela televisão e pela *internet*, fazendo com que a parcela economicamente dominante da sociedade ‘imponha’ esses sentidos às demais ‘padronizando-os’. A tentativa na Idade Média de afastar as práticas ‘deformadoras’ do corpo, representadas por símbolos culturais, começa a perder força neste período histórico, fazendo com que, quatrocentos anos depois, repense-se a relação corpo/intelecto (NEVES, 1978).

Vive-se atualmente no século XXI, cujo cenário aponta para uma série de transformações decorrentes de novos valores que vão sendo substituídos, principalmente nas sociedades ocidentais. A tecnologia com base na informação e na ciência transforma o modo de pensar, produzir, consumir, comunicar e, conseqüentemente, o modo de viver. Presenciam-se mudanças, tanto no plano da realidade sócio-político-econômica, quanto nos modos de subjetivação, o que parece também se refletir no imaginário sobre o corpo. Nesse sentido, as linhas que se seguem trazem uma abordagem acerca do corpo contemporâneo.

- O corpo contemporâneo

Para a compreensão do imaginário relativo ao corpo, é necessário especificar as características que perpassam a ambiência na qual este corpo se circunscreve. Por conseguinte, se é para discursar sobre um corpo contemporâneo, é imperativo que se conceitue, à luz de um referencial teórico compatível, o que poderia ser compreendido e caracterizado como uma sociedade contemporânea.

Cada época na história da humanidade pode ser caracterizada por diferentes partes que a constituem. Entre estas, destacam-se: estilos de vida, expressões *societais* como literatura, mídia, arte, ideologias, sejam elas políticas, jornalísticas ou religiosas. Entretanto, Maffesoli (1996) acredita que existe algo que percorre toda e qualquer civilização ou sociedade, independente do período histórico: o sentido de moral. Segundo o autor, a organização das sociedades depende exclusivamente desse sentido de moral. Para explicar essa forma de

pensar e para que seja possível analisar fielmente a sociedade a qual fazemos parte, Maffesoli (1996) remete à dicotomia moral *versus* ética. A moral da contemporaneidade, por exemplo, está voltada para o sensível, a comunicação, a emoção coletiva, sendo mais relativa, completamente dependente dos grupos que se formam e se propagam. Assiste-se a um forte resgate da cultura helênica, inclusive no que se refere ao culto ao corpo. Portanto, o fato de não haver mais uma moral universal, mas sim um relativismo moral que pode ser observado de um modo bem empírico na eclosão dos modos de vida alternativos, não significa que não haja códigos específicos, ou seja, uma ética a ser buscada e seguida. “Pode-se, antes, admitir a hipótese de que o que era marginalizado em período de produtividade difrata-se em uma multidão de marginalidades centrais” (MAFFESOLI, 1996, p. 25).

A contemporaneidade é conceituada de diferentes formas por diversos autores. Porém, a que parece melhor se enquadrar com a proposta desta pesquisa parece ser a sugerida por Maffesoli (2001), visto que o autor, além de trabalhar com noções do imaginário em todas as suas obras, apresenta uma teoria muito pouco pessimista para o período atual. Ao contrário de outros estudiosos, Maffesoli acredita que a relativização do trabalho e a busca pelo prazer presentes na contemporaneidade - ou pós-modernidade - são símbolos de que as pessoas estão se sensibilizando com suas propostas de vida e repensando os valores herdados da modernidade. Segundo o autor, a partir de meados dos anos 80 do século passado se inicia um retorno aos valores que a modernidade julgava enterrados, modificando substancialmente a forma de se viver e encarar a vida.

A formação do indivíduo pós-moderno é resultado da fragilidade das instituições sociais, centrado, em particular, nas estreitas relações entre estética, ética e política. Na verdade, o que Maffesoli propõe é que seja feita na pós-modernidade uma leitura e interpretação de cada elemento da vida e dos costumes diários, pois nada na vida é frívolo ou secundário, ou seja, tudo tem sua própria importância. Seja no campo da religiosidade, do político ou até mesmo da organização, propriamente dita da sociedade pós-moderna, o que ocorre é uma postura intelectual de investigar, na cultura nascente, os mitos, as utopias, as multiplicidades de imaginários e símbolos, as complexidades que se instauram em fenômenos aparentemente banais, na emoção coletiva do dia-a-dia, preteridos pelo pensamento racionalista. Valoriza-se o sensível e não mais a lógica do ‘dever-ser’ da modernidade. Os indivíduos se identificam por meio dos seus interesses afetivos e imediatos. É tempo das tribos.

Maffesoli (1996) designa uma expressão específica para caracterizar a moral a que é submetida a sociedade contemporânea - ou pós-moderna - denominada “ética da estética”.

Esta expressão é designada com o intuito de trazer à tona um modo de ser na sociedade em que a estética passa a ser a ética vigente. Entretanto, como já dito, a estética possui um significado abrangente que remete, principalmente, às emoções e às paixões compartilhadas por um grupo de indivíduos.

O corpo entra nessa lógica de organização social proposta por Maffesoli. E a “ética da estética” abarca tudo o que envolve o culto ao corpo que, no presente estudo, se refere àquele que ocorre, especificamente, na academia de ginástica que, no entanto, não se encerra ali mesmo. A emoção estética não se volta apenas para a aparência propriamente dita do corpo. Ela também abrange todo o ritual, os costumes, a efervescência, a eflorescência, a paixão, o segredo, o ‘estar-junto’ o horror ao vácuo.

Está mais do que consolidada a importância concedida à beleza e à estética como símbolo de consumo no mercado das necessidades da sociedade contemporânea. De acordo com Eagleton (1993, *apud* Novaes, 2001), o desejo estético se apresenta na contemporaneidade como um dos valores orientadores necessários à reestruturação cultural da burguesia incipiente, agindo também como um catalisador das relações humanas.

O corpo bonito, jovem e atraente virou um requisito de sobrevivência, uma espécie de obrigação a ser cumprida com direito a culpabilização daqueles que não se entregam a esse fim. A clássica frase que representa bem este fato e que circula na mídia é: “Hoje só é gordo e feio quem quer, quem não se cuida ou é desleixado”. É notória a padronização de ideais estéticos para o corpo, que são propagados e difundidos, mas que são completamente equivocados por desconsiderarem toda a subjetividade humana. O desenvolvimento de diversas tecnologias de informação sobre nossos corpos que vieram surgindo nas últimas décadas, trazendo importantes conseqüências para a melhoria da qualidade de vida, alterou profundamente a nossa relação com a saúde, com o sofrimento, com a vida, com a morte e com até com nós mesmos.

Segundo Foucault (1987), houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Havia uma grande atenção dedicada ao corpo que se manipula, modela, treina, que obedece, responde, torna-se hábil, ou cujas forças se multiplicam. Neste período havia a necessidade de uma concepção de corpo-máquina, visto que esta era a responsável por tornar possível o desenvolvimento e a propagação do capitalismo. O corpo foi disciplinado ao longo do tempo para que se tornasse dócil e submisso. Assim, foi possível que este se organizasse no espaço que habita, na relação com os objetos, como também na relação com os outros corpos que o rodeiam. “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos

de utilidade) e diminuí essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 1987, p.127).

A indústria é um dos setores que mais se beneficia com essas disciplinas corporais. As escolas treinam as pessoas para assumirem padrões corporais que a maioria dos empregos exige. Os ritmos orgânicos do corpo são ajustados de modo a responder às necessidades de um dia de trabalho normal, começando e terminando em uma determinada hora, com intervalos cuidadosamente especificados para se comer, ir ao banheiro e descansar. Tanto para os trabalhadores das fábricas como para os dos escritórios, o movimento do corpo ocorre dentro de limites cuidadosamente definidos por engenheiros industriais para maximizar a eficiência.

A forma da disposição desses corpos no espaço que se encontram, seja no trabalho nas escolas ou em qualquer outro ambiente social, permite que, esse corpo, uma vez vigiado e modelado, possa ser influenciado ou até mesmo coagido, de modo a entrar em consonância com o ponto de vista de determinada sociedade. Assim, o corpo (seus sentimentos, estilos de movimento, padrões de reação e saúde) não é apenas uma realidade individual governada por suas próprias leis biofísicas e pelos efeitos das peculiaridades de cada um, é também fruto das ideologias à sua volta.

Entramos na era do culto ao corpo. Segundo Maffesoli (1996), o imaginário pós-moderno é caracterizado pela ênfase no presente (que é designado pelo termo *presenteísmo*) e no hedonismo, de forma que o corpo passa a adquirir papel central na vida das pessoas. Ao mesmo tempo em que nada é importante, pequenas coisas, detalhes, fragmentos, isto é, um caleidoscópio de figuras cambiantes e matizadas torna o presente, o aqui e agora um valor central na vida social. Nesse sentido, proliferam mecanismos e técnicas imediatistas para reconstruir o corpo numa incessante busca pela juventude e pela beleza. Tratamentos dermatológicos e estéticos, cirurgias plásticas, dietas milagrosas e exercícios físicos regulares tornam-se alguns dos inúmeros ‘aliados’ nesta trajetória. Logo, o que parece desconcertante é que o corpo se torna um fim em si mesmo. Veste-se o corpo, cuida-se do corpo, constrói-se o corpo, remodela-se o corpo, em função de um imaginário de bem estar e de felicidade e é desse modo que se pode falar de um culto ao corpo como uma das marcas do hedonismo sugerido por Maffesoli. A seguir uma reportagem no Jornal do Brasil do sociólogo francês demonstrando seu entusiasmo pelo período ao qual ele mesmo designa de pós-modernidade:

Acabou o imperativo do trabalho, hoje se dá a importância ao hedonismo, ao prazer, à vida, e a revalorização do corpo é um dos aspectos dessa

mudança...Os *megashows* e os jogos de futebol e outros esportes mostram que a paixão e o afeto estão em primeiro plano, em muitas manifestações sociais... As salas de ginástica viraram uma mania. É o fenômeno do *body building*. Acho esse fenômeno positivo e chamo isso de corporeísmo. (BARROS, 1996, p. 5 *apud* NOVAES, 2001, p. 103).

O corpo contemporâneo, ou melhor, o imaginário relativo ao corpo contemporâneo, difunde-se na atualidade de qualquer outro período histórico já presenciado na cultura ocidental. Nunca se teve uma preocupação tão grande com a beleza e a juventude, ao passo que, ao mesmo tempo, é possível assistir a situações e problemas diversos no mundo inteiro de amplitude inédita até então. Estas situações ou estes problemas muitas vezes parecem inexplicáveis aos olhos objetivos de quem está fora dessa rede simbólica na qual se engendram. Sem agregar juízo de valor e preconizando a imparcialidade, podem ser destacados como exemplos os ataques terroristas, as revoltas da classe do proletariado francês, o vandalismo em rede mundial, assim como a preocupação excessiva com a aparência do corpo tendo como conseqüência o abuso de medicamentos controlados e as doenças de fundo psicológico. Sem a preocupação de julgar esses fenômenos como sendo bons ou maus, justos ou injustos, deve-se estar atento ao fato de existirem e, por isso, exercerem influência sobre a trama das relações sociais.

Exemplificando o enaltecimento do corpo na sociedade contemporânea e a relevância de se compreender melhor esse objeto de estudo no campo das ciências humanas afim de, por conseguinte, mapear a própria sociedade no qual está inserido, outro sociólogo francês é citado:

O corpo também é, preso no espelho social, objeto concreto de investimento coletivo, suporte, de ações e de significações, motivo de reunião e de distinção pelas práticas e discursos que suscita. Neste contexto o corpo é só um analisador privilegiado para evidenciar os traços sociais cuja elucidação é prioridade aos olhos do sociólogo, por exemplo, quando se trata de compreender os fenômenos sociais contemporâneos. (LE BRETON, 2006, p. 77).

Uma reportagem do Jornal O Globo do dia 28 de outubro de 2007 intitulada “O paradoxo da beleza” atenta para o fato de que apesar da valorização da beleza e do culto ao corpo desmedido, a sedução e o ato sexual vêm sendo menos considerados, inclusive na cidade do Rio de Janeiro onde, segundo a reportagem “beleza sempre foi fundamental, é o lugar onde ele (o corpo) se manifesta com mais intensidade” (AZEVEDO, 2007, p. 50). Se, de

um lado a sociedade atenta para determinadas formas de hedonismo - como o culto ao corpo e a beleza, por exemplo - por outro, por mais irônico que possa parecer, dedica menos tempo ao sexo. Outra reportagem publicada no mesmo jornal (MARINHO, 2007), aponta para um alerta muito importante: o uso de anfetaminas para o auxílio no emagrecimento. A reportagem intitulada “Trato com o diabo: para emagrecer mulheres aceitam tomar drogas e hormônios letais” demonstra que o principal alvo desse tipo de medicamento são as mulheres e que o Brasil é o maior consumidor mundial de anfetaminas (pelo menos 60% do mercado é brasileiro).

Muitos fenômenos sociais podem ser compreendidos através da análise do corpo. No caso do presente estudo pretende-se compreender, sob o viés da categoria ambiência, o fenômeno social do culto ao corpo e as conseqüências disso nas relações sociais da contemporaneidade, visto que estas conseqüências extrapolam os limites físicos das academias, adentrando outras esferas da vida social.

Uma das possíveis análises do corpo é representada pelo termo designado aparência corporal. Para ilustrar a concepção de aparência corporal utiliza-se Le breton (2006), que a compreende como um modo de se apresentar e representar perante o mundo. Esta concepção é constituída por dois pilares que fundamentalmente se entrelaçam. Por uma questão didática, convém separá-los para serem mais bem compreendidos. O primeiro diz respeito às modalidades simbólicas, que são provisórias e dependentes dos efeitos da moda e que variam de acordo com o pertencimento social e cultural do indivíduo. O segundo se remete ao aspecto físico do indivíduo tal como: altura, peso, qualidades estéticas, entre outros. São esses traços dispersos da aparência que permitem a classificação moral ou social do indivíduo.

Para Pàges-Delon (1989 *apud* LE BRETON, 2006), a aparência corporal constitui uma espécie de “capital” cuja apresentação física parece valer socialmente pela apresentação moral. Assim sendo, um mercado em pleno crescimento renova permanentemente os símbolos que visam à manutenção e à valorização da aparência. Roupas, cosméticos e práticas esportivas são alguns exemplos de uma constelação de meios destinados a fornecer a “morada” ideal, na qual o indivíduo se responsabiliza pelo que demonstra dele mesmo como se fosse uma espécie de cartão de visitas vivo.

Para Sabino (2004), uma espécie de cultura corporal - que se refere não só à forma física, mas também ao sistema imaginário, na qual o corpo pode funcionar como uma maneira de classificar o indivíduo - vem se consolidando, ao menos em parte, nas sociedades complexas (contemporâneas), articulando padrões estéticos que parecem ser perseguidos por um crescente número de indivíduos insatisfeitos com seus corpos. Este processo tem

conduzido indivíduos e grupos de determinados extratos sociais a buscarem uma perfeição física - muitas vezes inalcançável - radicada na proliferação de imagens, ideologias terapêuticas, métodos milagrosos e consumismo de produtos da indústria farmacêutica como esteróides e suplementos alimentares, além de vitaminas dos mais variados tipos.

A preocupação não apenas com a aparência, mas com a forma física, o que pode ser presenciado quando se mergulha nessa cultura corporal proposta por Sabino - músculos lapidados pelo suor, exercícios, dor, dietas e até mesmo cirurgias - apesar de ser produzida coletivamente, é carregada de investimento individual. Tais imperativos relacionados a estratégias sociais parecem impelir um crescente número de indivíduos a lutar contra sua genética e o processo inexorável de envelhecimento levando alguns a cultivarem uma espécie de obsessão pela magreza e pela musculatura. Aparece então o exercício físico como símbolo de necessidade para alcançar o tão almejado corpo. O corpo é o símbolo de *status*, da apresentação e de aceitação. Mas o exercício físico, assim como outros métodos que venham a auxiliar essa busca insaciável, passa a ser símbolo do caminho a ser seguido, da determinação, da dedicação e do autocontrole.

No final do século XIX, originou-se na Europa o chamado *bodybuilding*⁷, que na contemporaneidade pode ser compreendido pela musculação que se pratica em academias de ginástica com aparelhagem específica. Seu surgimento coincidiu com o advento da fotografia e o fortalecimento da indústria cultural, a qual distribuiu gradativamente as imagens dos corpos musculosos (e as crescentes técnicas para transformá-los em tais) para uma audiência cada vez mais espalhada pelo mundo (SABINO, 2004). Logo, o *bodybuilding*, assim como a constelação de práticas semelhantes que se desenvolveu no mesmo período - *jogging*, aeróbica, regimes de baixa caloria e cirurgia plástica - floresceu nos anos 80 com o intuito de gerenciar o corpo, sustentando uma obsessão por invólucros corporais:

[...] o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo lido, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido, ou distendido; uma contestação ativa das marcas do

⁷ O *bodybuilding* pode ser sumariamente definido como uso progressivo de exercícios progressivos de força e resistência com o objetivo de controlar, administrar e desenvolver uma musculatura específica. Este desenvolvimento é conseguido através de exercícios contínuos realizados com pesos acoplados a barras – que podem ser curtas ou longas – e/ou máquinas projetadas para tal. O uso de tais pesos é controlado em conformidade com o objetivo estético do executante. Em geral, a quantidade de pesos aumenta progressivamente com o passar do tempo. Relacionado a essa prática existe conhecimento sobre nutrição, fisiologia e substâncias diversas que circulam nas academias de musculação.

envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa da sua morte próxima (COURTINE, 2005, p. 86).

Em relação à musculação, é notório que brasileiras e brasileiros articulam recursos técnicos universais para otimizar partes específicas do corpo valorizadas pela sua cultura. Partes tais como glúteos e coxas, no caso das mulheres, ou braços e peitorais, no caso dos homens, são ‘trabalhados’ por exercícios com pesos para alcançar forma e volume adequados ao padrão estético vigente (DA MATTA, 1996). A proliferação de ‘corpos perfeitos’ em revistas, *outdoors*, telas de televisão, cinemas e *internet* tecem uma trama cotidiana de agenciamentos coletivos que, respaldados no discurso sobre a saúde - que muitas vezes pode se apresentar apenas como um pretexto - leva indivíduos e grupos a construírem rituais de adoração à forma física e à aparência corporal. Neste caso, todo o possível tende a ser investido no aperfeiçoamento e na manutenção da aparência (SABINO, 2004).

Segundo Novaes (2001), pesquisas demonstram que a adesão à prática de exercício físico realizado em academias de ginástica se tornou internacionalmente um fenômeno sociocultural bastante significativo. No Brasil, particularmente, esse fato se revelou tanto pelo número de academias como pelo número de títulos internacionais conquistados, notadamente em uma nova modalidade esportiva: a ginástica aeróbica. Sendo assim, a estetização do corpo nas academias pode ser compreendida como uma das manifestações da cultura física nacional.

Goldenberg (2002) acredita que a forma física vai ditar as regras de convivência no meio social. Simbolicamente, o corpo passa a receber um valor que identifica se o indivíduo pertence ou não a um grupo de ‘valor superior’, grupo este que é concebido por todos aqueles que conseguem se ‘autodisciplinar’ e ter autocontrole para exibirem-se ‘sarados’⁸, como se o fato de cuidar do corpo representasse uma virtude, uma qualidade apreciada por um imaginário que assim o concebe. Isso significa assumir que as pessoas passam a se agrupar mediante, não apenas a apresentação desse corpo, mas também mediante o ritual que é exercido neste processo. Sendo assim, em função desses dois pilares, formam-se tribos (indivíduos que compartilham a efervescência e a emoção em prol do desejo da aparência corporal) dentre muitas outras que se disseminam e compõem as sociedades complexas.

Ressalta-se uma (re) sacralização do corpo que é venerado por verdadeiros cultos, com mandamentos e doutrinas a serem seguidos, não havendo mais a contradição entre o sagrado e o profano. Estes se entrelaçam em nome de algo além: o hedonismo. A busca do corpo

⁸ Termo empregado como adjetivo para denominar indivíduos que possuem corpos musculosos e com baixo percentual de gordura corpórea.

perfeito virou uma espécie de religião, com uma quantidade de fiéis jamais vista até então. Essas questões permeiam um universo comandado por imagens e signos, ideologicamente veiculados pela mídia e que, segundo Debord (1997), comandam a “Sociedade do Espetáculo”. Assim sendo, o sujeito que deseja é ‘tomado’ imagetivamente pela ideologia vigente que se resume a corpos esteticamente perfeitos.

A sociedade segue com a cultura do consumo, na qual o imaginário do corpo é dominado pelas imagens que mostram um ideal da estética e da aparência corporal. As origens e trajetórias de vida das pessoas manifestam-se na forma do corpo, ou seja, em sua altura, peso, postura, forma de caminhar, conduta, tom de voz, estilo de falar, etiqueta entre outros. Fundamentalmente, o corpo belo, produzido, construído, modelado, estetizado está para ser visto, admirado e observado.

- O corpo na cultura carioca

Este momento remete a possibilidade de especificar que tipo de corpo será investigado no presente estudo. Optou-se por aprofundar a temática do corpo sob o viés da cidade do Rio de Janeiro que, muitas vezes, é simbolicamente representada como um lugar onde a aparência e a beleza dos corpos estão o tempo todo vindo à tona, seja através da exposição nas praias, nas noites agitadas, ou no carnaval. A temperatura elevada durante quase todo o ano parece favorecer o desnudamento, à medida que a centralidade da aparência assume grande evidência na vida cotidiana. Para exemplificar, cita-se a capa da Revista Domingo do Jornal do Brasil do dia 22 de julho de 2007, que demonstra que o imaginário Brasileiro vê o Rio de Janeiro como a capital do corpo jovem, ‘sarado’ e bonito. O título da reportagem é o seguinte: “qual é o corpo do Rio?” Além disso, a chamada da reportagem, ainda na capa da revista, dizia o seguinte: “físico do carioca inspira filme e abre debate sobre os tipos que traduzem melhor a cidade”.

Esse imaginário que entende a cidade do Rio como local de propagação e enaltecimento do culto ao corpo pode ser simploriamente exemplificado também pelo documentário que entrará em breve no circuito das grandes capitais, tal como mencionado na reportagem. O documentário intitulado “**O corpo do Rio**” (grifo nosso) será financiado pela Petrobrás e está sendo rodado desde 2005. Ora, um documentário com esse nome remete à idéia de que há um ideal de corpo existente e perpetuado na cidade que influencia toda a visão de corpo do brasileiro como um todo. É o corpo do Rio, isto é, um modelo forte que exerce

grande influência e, em muitos casos, pode, inclusive, ser copiado simplesmente pelo êxito que suscita.

Revista, nome dado a revista semanal que sai aos domingos no Jornal O globo, do dia 15 de Julho de 2007, trazia na capa a imagem de um senhor que foi um dos pioneiros da atividade física na cidade do Rio de Janeiro. Aliada à imagem, vinha a seguinte chamada textual: “Os imortais das academias: quem são os pioneiros que fizeram **da cidade do Rio a capital do culto ao corpo**” (grifo nosso). Logo, pode-se especular que, ao menos no imaginário brasileiro - partindo do princípio que esse imaginário também pode ser perpetuado em outros países - o Rio é a cidade brasileira caracterizada como o local mais representativo do fenômeno do culto ao corpo, como também o local que mais inspira e mais propaga formas específicas de ritos e de corpo, propriamente dito.

Ao observar as orlas da cidade, percebe-se claramente esse cuidado com o corpo. Os cariocas acordam cedo e invadem os espaços urbanos em busca da realização do exercício físico. O interessante é que este fato não se limita à zona sul ou parte da zona oeste do Rio, onde existem praias, calçadões e aparelhos específicos - um espaço urbano apropriado para a prática de exercícios físicos. Ao adentrar os subúrbios, é possível encontrar muitos espaços inapropriados que são reformulados para a prática de exercícios, tais como: estacionamento de grandes supermercados ou *shopping centers*, praças, quadras esportivas, estradas e até mesmo ruas. O carioca parece ter se acostumado com uma rotina, através da qual o cuidado com o corpo merece destaque e atenção.

Cumprindo com sua parte, os cariocas se utilizam do espaço urbano com suas malhas e *lycras* coloridas, andando, correndo, pedalando, ‘malhando’, deixando o suor escorrer pelos seus corpos, cada um no seu estilo. Mas não só os espaços públicos são utilizados. As academias de ginástica também aparecem com grande destaque, tendo a maior concentração de alunos nos horários de *pico* que comportam as primeiras horas da manhã e da noite. Mostrando o que antes era aparentemente mais escondido e controlado, o carioca parece buscar em academias um tipo de corpo que esteja em consonância com os padrões vigentes. O corpo liberto das roupas caiu numa moral estética (GOLDENBERG & RAMOS, 2002) que indica a ascensão de uma nova forma disciplinar.

Quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo. Se é bem verdade que o corpo se emancipou de muitas de suas antigas prisões sexuais, procriadoras ou indumentárias, atualmente encontra-se submetido a coerções

estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente (GOLDENBERG, 2002, p.9).

Ao mesmo tempo, do outro lado do Corcovado (nas regiões mais carentes da cidade), outros cariocas despertam cedo e lotam trens e ônibus em busca da sobrevivência. O suor também escorre ali, mas sob uma pele que cobre músculos ‘sarados’ pelo esforço de um dia penoso. Logo, o bronzeado não vem necessariamente da praia - ele pode ser resultado do trabalho pesado que acontece nas ruas e avenidas. Misturados, os cariocas se esbarram no corre-corre da cidade e ajudam a construir a identidade de um povo que parece ter no corpo a sua marca e sobre o qual se desenham suas fronteiras. O corpo carioca é caracterizado pela diversidade, sem que haja obstáculo para se englobar toda essa diversidade em uma mesma categoria. Um conjunto heterogêneo de cores, classes, culturas, religiões que, ainda sim possui homogeneidade:

Branco, moreno, mulato ou negro, nu e vestido, o corpo carioca provoca uma verdadeira explosão de significados, como queria Malinowski, revelando as especificidades da cultura da ‘Cidade Maravilhosa’. (GOLDENBERG, 2002, p. 7).

Ao percorrer a cidade analisando a ocupação do espaço territorial, o hábito de frequentar a praia, a corporeidade, os modos de vida alternativos, a prática de esportes, a busca pela saúde física e mental, o circuito musical, o verão e o carnaval, percebe-se a variação que permeia a diversidade da aparência corporal carioca. No entanto, apesar de uma visível heterogeneidade, existe certa homogeneidade no que diz respeito, principalmente, ao imaginário que reflete a cultura do corpo na cidade. A prática de exercícios, seja no viés do culto ao corpo, da saúde, ou de ambos, sugere ser destacada como um símbolo do que representa a cultura carioca.

Falando do município do Rio de Janeiro, este é dividida da seguinte forma: quatro zonas - sul, centro, oeste e norte. Dessa divisão, pode-se afirmar que grande parte das zonas norte e oeste comportam a população com o menor poder aquisitivo. São regiões onde existe o maior número de favelas ou conjuntos habitacionais de baixa renda e onde há uma população com menor índice de escolaridade. A confirmação sobre a questão da diversidade do poder aquisitivo de acordo com a zona da cidade pode ser encontrada num estudo sobre o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) disponível no *site* da prefeitura do

Rio de Janeiro (IBGE, 2000). O estudo lista a renda *per capita*⁹, no ano de 2000, de vários bairros situados em diferentes localidades. Os resultados demonstram grandes diferenças quando comparados bairros da zona sul ou oeste - neste caso apenas a Barra da Tijuca - com bairros da zona norte ou centro. Se na Lagoa, Ipanema ou Leblon (bairros da zona sul) a renda *per capita* (mensal) é respectivamente de 2955,29 Reais, 2465,45 Reais e 2441,28 Reais, em bairros da zona norte ou oeste esse valor cai consideravelmente. Como exemplo, pode-se apontar o Estácio (bairro da zona norte com o valor de 413,05 Reais) e Santa Cruz (bairro da zona oeste com renda *per capita* ainda inferior: 206,23 Reais).

A zona sul (incluindo-se aí o bairro da Barra da Tijuca - considerado um bairro nobre de pessoas que emergem financeiramente) e uma pequena parte da zona norte são as regiões habitadas pela população economicamente dominante, de maior poder aquisitivo, responsável também por propagar as regras de exposição dos corpos, que podem ser observadas na perspectiva do estilo próprio de vida dos cariocas. Essa parte da população que apresenta uma situação sócio-econômica privilegiada na sociedade carioca é entendida por Goldenberg (2002) como pertencente às camadas médias urbanas.

Desta maneira, pode-se sugerir que determinados itens, objetos de consumo ou mesmo condutas características de parcelas economicamente dominantes das sociedades complexas (MAFFESOLI, 2006) são adquiridas e imitadas pelas camadas mais baixas da população com o objetivo de acionar a distinção característica das relações cotidianas de poder. O corpo entra nesta lógica: ele é um objeto de consumo cultivado e propagado e, ao mesmo tempo, um símbolo de *status* decisivo relacionado ao imaginário instituído.

O imaginário acerca do corpo no Rio de Janeiro veio se reconstruindo e modificando de forma intensa nas últimas décadas. Este processo parece atenuar, e não cessar, a questão da variação do cuidado com o corpo, segundo a classe social (BOLTANSKI, 2004). Para Goldenberg (2004), é passível afirmar que o culto ao corpo, com todos os rituais de embelezamento, rejuvenescimento e modelagem das formas a ele associados, deve grande parte de sua propagação a uma imitação baseada no prestígio conferido àqueles que ostentam um físico dentro de determinado padrão estético. A capacidade de modelar os corpos não fica mais restrita apenas à população economicamente dominante. Hoje, o culto ao corpo é um rito que pode ser consumido por grande parcela da sociedade, desde que tomados os devidos cuidados quando se pensa nas particularidades existentes com relação ao gênero, classe social, religião entre outros.

⁹ Razão entre o somatório de renda de todos os indivíduos (incluindo aqueles com renda nula) e a população total.

Essa aura invisível chamada imaginário - que circunda toda e qualquer sociedade ou grupo - composta de símbolos temporários e transitórios, mas de significados permanentes, confere àqueles que o compartilham um suposto poder. Isso significa que, na perspectiva de um dos imaginários existentes na cidade do Rio de Janeiro, aqueles que cultuam o corpo conseguem se utilizar do suposto poder que esse fenômeno representa e, conseqüentemente, propagá-lo.

Embora a saúde apareça como uma preocupação dos cariocas, esta se tornou uma ideologia divulgada especialmente pelos meios de comunicação, principalmente na forma do estilo de vida das classes de maior poder aquisitivo. As concepções de saúde para diferentes camadas sociais podem, contudo, apresentar-se sob diferentes formas. Aqui não tem sido diferente. Um dos imaginários do Rio de Janeiro reflete uma posição na qual o bem-estar físico e psíquico envolve a busca por uma boa aparência, traduzida não apenas em roupas e cosméticos, mas na construção de um corpo musculoso, sem gordura, estrias, celulite, rugas ou flacidez.

A própria vestimenta do dia-a-dia, por exemplo, demonstra a preocupação e o cuidado com o corpo, haja vista a existência de uma forte influência dos adornos da ‘malhação’ presentes no estilo de vida das camadas médias urbanas cariocas. Circulando pela cidade, é possível perceber que esses adornos já estão muito bem integrados à paisagem, não causando nenhum desconforto para aqueles que a utilizam. O resultado é até inverso, pois para o carioca a utilização de vestimenta e adereços específicos da ‘malhação’ acaba por simbolizar um cuidado que pode ser compreendido como uma marca da sociedade e da cultura que, decerto, propaga o culto ao corpo em grande escala. “Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que viram ser bem sucedidos” (GOLDENBERG, 2004, p. 35).

Os meios de comunicação desempenham papel importantíssimo na divulgação de estilos de vida, o que envolve os usos do corpo. Boltanski (2004) é um dos autores mais importantes neste sentido, quando aponta os meios de comunicação como um dos responsáveis pela disseminação de práticas corporais de camadas superiores entre as classes trabalhadoras. Velho (1981) sinaliza para a capacidade que os meios de comunicação de massa têm para a difusão de todo tipo de hábitos e informação.

Transforma-se, assim, o corpo, senão como via de acesso para a análise da cultura, ao menos, como uma dimensão particularmente significativa do que seria a cultura carioca. Segundo Giacomini (2004), trata-se, em certo sentido, de outro olhar sobre o Rio de Janeiro que passa a ser encarado como um lugar, entre outros, de expressão de um fenômeno muito mais geral e complexo: o culto ao corpo em grande escala, que se generaliza e adquire, a

partir da segunda metade do século XX, dimensão social inédita, quando se ingressa na era da sociedade de massas. Para ilustrar a idéia de massificação do culto ao corpo recorre-se a Goldenberg (2002, p.8):

É comum a idéia de que a preocupação com a aparência e a juventude, que chega a ser uma obsessão nos dias de hoje, está cada vez mais disseminada em todas as classes, profissões e faixas etárias e que teria maior expressão aqui no Rio de Janeiro, em função de sua natureza e história.

A cultura brasileira, sobretudo na forma da cultura carioca, tem sido estudada por alguns estrangeiros (MALYSSE, 2002; EDMONDS, 2002), o que vem permitindo uma comparação entre diferentes culturas. Malysse (2002), antropólogo francês, parece acreditar que a questão climática é um fator determinante para o desnudamento carioca, como se o clima engendrasse a cultura, fazendo com que esta ‘aceitasse’ o desnudamento no Brasil, o que não acontece na França. Por não estarem habituados ao calor, os franceses, ou a cultura francesa, parecem ter mais dificuldade em se despir.

[...] Enquanto os brasileiros tiram facilmente a camisa assim que começa a fazer calor, os franceses mantêm-se vestidos da cabeça aos pés mesmo sob um calor tórrido. [...] Intimamente ligado às condições climáticas, esse pudor do corpo parece muito mais interiorizado na França do que no Brasil [...] (MALYSSE, 2002, p. 111).

Para Malysse (2002) o corpo é uma “obra-de-arte”, um “parceiro” que reside em um espaço social que fica entre aquilo que podemos e aquilo que devemos fazer com nós mesmos. Sendo assim, o estereótipo corporal seria o resultado da incorporação física e psíquica de um modelo de corpo determinado socialmente e influenciado por uma cultura - a carioca, por exemplo - e por valores modais da aparência corporal. Assim é que Malysse desenvolve seu artigo falando do estereótipo ideal da aparência e suas conseqüências, principalmente junto às classes médias da sociedade brasileira, analisando, entre outros, espaços públicos, academias de musculação, mídia, “profissionais do corpo” (*personal trainer*) e moda. Uma das importantes conclusões do autor é a de que as representações da aparência na sociedade demonstram que a semiótica da aparência muscular se tornou hoje, no Brasil, quase mais significativa, tanto econômica quanto socialmente, do que as da cor e as de gênero.

Goldenberg (2004), em seu livro *De perto ninguém é normal*, confessa que apesar de criticar e analisar bravamente o atual fenômeno do culto ao corpo, sofre um verdadeiro aprisionamento por um determinado modelo de corpo.

Manchas na pele que antes eram completamente invisíveis passaram a ocupar meu foco de atenção, como se fossem tomar conta do rosto todo. Estrias, celulites e flacidez que jamais tinham sido percebidas invadiram, de repente, as partes superiores e, em particular, as inferiores do meu corpo. (GOLDENBERG, 2004, p. 29).

Esse aprisionamento pode acarretar, muitas vezes, conseqüências sérias como, por exemplo, o uso de drogas da indústria farmacêutica, no auxílio à busca do tão almejado corpo. Sabino (2004) fez um estudo sobre a construção corporal sob o viés do uso de esteróides e anabolizantes em academias de musculação e fisiculturismo¹⁰, situadas nas zonas norte e sul do Rio de Janeiro. O uso ritualizado de tais substâncias é parte integrante da existência daqueles que desejam se integrar à tribo (MAFFESOLI, 2006) dos ‘marombeiros’, embora os próprios freqüentadores não assumam tal fato diante de indivíduos estranhos ao seu grupo social. Por serem substâncias proibidas por lei, a construção de pessoa do fisiculturista envolve um sólido e crescente relacionamento com redes de tráfico de substâncias químicas. Estas surgem atualmente como novas drogas no cenário mundial, tendo tudo isso um único objetivo: construir um determinado corpo.

Ao contrário dos usuários de ‘tóxicos tradicionais’, como maconha e cocaína, os adeptos dos anabolizantes resguardam-se em uma imagem construída, em que o autodomínio, a disciplina e a racionalidade se associam com o imaginário de saúde - um corpo forte e magro. Sabino (2004) chama então de “dionisíaca” a conduta dos usuários de drogas e de “apolínea” a dos usuários de anabolizantes, concluindo que essas novas drogas vêm se enquadrando nos mesmos parâmetros presentes no consumo e tráfico de entorpecentes. A diferença é que o processo de utilização de tais drogas se realiza em contextos e visões de mundo diferentes daqueles comumente associados aos usuários tradicionais de tóxicos. Ao invés de subverter, seus usuários buscam se integrar à “cultura dominante” e aos seus padrões estéticos.

Falou-se até aqui sobre a visão da literatura e dos meios de comunicação de massa que concebem a cidade do Rio de Janeiro como capital brasileira do culto ao corpo. Entretanto,

¹⁰ Entende-se por fisiculturista, não apenas os freqüentadores de academias de musculação e *fitness*, mas indivíduos que se destacam do resto dos freqüentadores por dedicar grande parte do seu tempo desenvolvendo massa muscular muito acima da média, além de participarem, mas não necessariamente, de campeonatos ou competições de *bodybuilding*.

outra vertente é aqui apresentada. Apesar do Rio de Janeiro ser conhecido nacionalmente e, até mesmo, internacionalmente, como uma cidade que vende a imagem de corpos bonitos, uma reportagem do jornal O Globo do dia 8 de abril de 2007 mostra que o Rio lidera o *ranking* das capitais com o maior percentual da população (48,3%) com sobrepeso¹¹. Segundo a reportagem, empresários de moda, academias de ginástica e restaurantes estariam atentos aos cariocas que se encontram fora dos padrões da forma física ideal. A pesquisa foi realizada pelo Ministério da Saúde, no ano de 2006, e incluiu 26 capitais de todo o país. O título da matéria era o seguinte: “**O fim de um mito. Praias do Rio não têm só corpos belos**” (ANTUNES, 2007, p. 28, grifo nosso). Mesmo que a reportagem aponte uma falta de cuidado do carioca com o corpo, sugere-se que, ao menos no imaginário brasileiro, para não falar em âmbito internacional, o cuidado exista. Todavia, esse imaginário merece ser investigado.

- Imaginário Social

O desenvolvimento da ciência e a produção de novos conhecimentos estiveram durante algum tempo atrelados à quantificação de dados da realidade, o que significa dizer que o imaginário social esteve, ao menos neste período, submetido às forças de filosofias hiper-racionalistas, o que conseqüentemente o tornava pouco fidedigno ou, até mesmo, desconsiderado como linha de pesquisa.

O imaginário social vem recebendo destaque no meio acadêmico. Finalmente, percebe-se que não é mais possível desconsiderar a vertente do imaginário na compreensão da vida social. A submissão desse conhecimento ao pensamento cartesiano e racionalista, que perdurou durante toda a modernidade como símbolo de progresso, parece estar perdendo força. Sugere-se que os grandes sistemas explicativos elaborados ao final do século XIX não conseguem mais explicar e compreender a complexidade que se instaura e se expande na pós-modernidade.

As investigações no campo do imaginário vêm como um caminho alternativo que segue em direção contrária à do racionalismo positivista para a compreensão dos processos que subsidiam a vida em sociedade. Contudo, embora a supremacia de determinadas filosofias pareça estar superada, ainda é possível observar a insistência em se mantê-las como o único conhecimento com *status* científico.

¹¹ O sobrepeso foi calculado através do índice de Massa Corporal (IMC) que é utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que é calculado pela seguinte fórmula: razão do peso pela altura ao quadrado. No entanto, é um indicativo falho e muito criticado por não considerar o percentual de gordura corporal, visto que a massa magra (muscular) é mais ‘pesada’ que a massa gorda (gordura).

Algumas questões chamam a atenção quando se pensa em imaginário e ciência. Dentre elas, destaca-se a antiga idéia, que aos poucos vem se debilitando, de antagonismo entre ciência (nobre, rígida, conservadora) e imaginário (fluido, imprevisível, rebelde). Surge neste contexto o conceito de imaginário científicista, na busca de harmonização dessas noções (imaginário e ciência), de modo que seja possível veicular uma ideologia de equilíbrio entre ambas (NEVES, 1998).

Haja vista que o objetivo deste trabalho é abordar o corpo sob o viés do imaginário social e mais precisamente, sob o viés da categoria ambiência (categoria esta que se insere no campo dos estudos do imaginário) torna-se relevante conceituar teoricamente esse termo. Para tal, recorre-se a alguns dos expoentes da área na tentativa de explicar o seu significado.

Augras (2000) parte do princípio que o conceito do que vem a ser imaginário não se encerra em apenas uma dimensão. Diversos autores trabalham com a temática de maneira particular e, desse modo, muitas são as teorias que a perpassam. Assim sendo, será abordada a temática na perspectiva de autores como Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Michel Maffesoli, já que seus estudos possuem algumas semelhanças no que se refere à forma de se conceber e trabalhar o imaginário social.

Segundo Durand (1988), reina uma grande confusão no uso dos termos relativos ao imaginário. Uma das possíveis causas para este fato provém da extrema desvalorização que sofreu a imaginação no pensamento do Ocidente e da Antiguidade clássica. Ainda segundo o autor, termos como mito, símbolo, imagem e signo são utilizados de forma semelhante pela maioria dos estudiosos.

É pelo fato de inúmeras coisas se situarem para além dos limites do conhecimento humano que são utilizados constantemente termos simbólicos para representar conceitos que não podem ser definidos nem compreendidos por completo. Nesse sentido, uma das possibilidades de estudo no campo do imaginário social, é compreender a função simbólica dos objetos e das imagens que nos rodeiam, isto é, compreender a capacidade de atribuição de sentidos aos símbolos presentes em nossas vidas e às relações simbólicas nas quais estamos engendrados. O símbolo, portanto, exprime o invisível, o inefável, o indizível, de forma que ele seja a representação mais fiel do objeto em questão, transcendendo seu signo, não existindo, para ele, um encerramento ou um fim determinado.

Pode-se dizer que o símbolo se define, primeiramente, como pertencente à categoria do signo. Entretanto, a maioria dos signos são criados e compartilhados com o intuito principal de subverter um significado que poderia estar presente ou ser verificado. Logo, esse signo nada mais é do que um meio de economizar operações mentais, podendo, inclusive, ser

escolhido aleatoriamente. Alguns exemplos de signos aleatórios são citados por Durand, (1988, p. 12): “basta declarar que um disco vermelho com uma barra branca significa que eu não devo avançar, para que esse sinal se transforme no de “contramão”. Nem é necessário que figure, no papel sinalizador, a imagem de um policial ameaçador”.

A diferença entre o símbolo e o signo, portanto, transita na questão de atribuição de sentidos. Quando o signo se refere a sentidos e não a um objeto sensível, é possível encará-lo como símbolo. Chega-se ao que Durand chamou de imaginação simbólica. Nas palavras de Durand (1998, p. 14):

Em outras palavras, pode-se definir o símbolo conforme Lalande como qualquer signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo de ausente ou impossível de ser percebido; ou então, conforme Jung: a melhor figura possível de uma coisa relativamente desconhecida que não se saberia logo designar de modo mais claro ou característico.

O indivíduo tem por costume nomear as coisas no mundo, atribuindo-lhes qualidades diversas, o que pode ser considerada manifestação do poder de sua representação simbólica. O símbolo é, na verdade, representação e não uma substituição. Cabe, então, ao símbolo, apresentar o objeto percebido de outra forma, atribuindo-lhe significados que serão limitados pelo próprio objeto. É próprio do símbolo, permanecer indefinidamente sugestivo, possibilitando que cada um veja aquilo que sua potência visual lhe permitir perceber. O imaginário social, para Ferreira (2001), adentra o plano simbólico das sociedades, possibilitando ao indivíduo falar de si mesmo, do outro, do mundo, de seus deuses e seus mistérios.

Assim, a partir da compreensão da capacidade que os indivíduos possuem de se relacionar simbolicamente com o mundo, com os outros e com as coisas ao redor é que é possível falar em sentidos profundos de determinados objetos que figuram num espaço-tempo definido. Logo, dimensionar sentidos simbólicos a objetos, formas, imagens, indivíduos e ambientes, além de entender as relações que se estabelecem a partir desses sentidos, é trabalhar com a categoria denominada ambiência.

A subjetividade dos indivíduos é alimentada pela produção de imagens que circulam sob diferentes versões nas interações sociais. A imagem é uma das fundadoras da psique humana. Ela é um meio através do qual se estrutura o ‘nosso mundo’. Produzidas culturalmente, coexistem com as ações sócio-históricas e são expressas sob a forma de símbolos alojados no imaginário social, vinculando a ele significados, sentidos, valores e

aspirações sociais. Ao imaginar, o indivíduo evoca seres, cria mundos, vivencia uma atividade de construção e reconstrução e, até mesmo, de transformação do real. Só há produção simbólica porque há um mundo existente e perceptível ao indivíduo que lhe serve como referência, como espaço de criação. É a referência do mundo que garante a ação criativa da produção simbólica.

As imagens são recheadas de sentidos atribuídos pelos indivíduos ou até mesmo por grupos ou parcelas da sociedade ao longo dos anos. O imaginário permite ao indivíduo, ‘libertar-se’ do real, dando-lhe um poder para criar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de diversas maneiras e ainda, sintetizar ou fundir muitas imagens. O imaginário aparece para romper as fronteiras do tempo e do espaço, a partir de uma lógica própria (DURAND, 1997). Na verdade, não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário, a existência de um imaginário é que dá vida a um conjunto de imagens; a imagem não é suporte, mas o resultado.

É possível dizer que o imaginário engloba um conjunto de representações mentais que se fundem, se entrelaçam são construídas e desconstruídas ao longo da existência:

[...] el término *imaginario* alude a un conjunto de producciones mentales materializadas en una obra a través de imágenes visuales (cuadros, dibujos, fotografías), lingüísticas (lenguaje, metafórico, literatura, narración), acústicas o gestual (*performance*) dando lugar a conjunto de imágenes coherentes y dinámicas sobre la base de la *dimensión simbólica* de la expresión actuando en la dirección de un enlace propio y figurado del sentido de la existencia (SOLARES, 2006, p. 132. grifo do autor).

Segundo Pitta (2005), um dos autores que teve influência decisiva na consolidação do imaginário como linha de pesquisa foi Bachelard. Para Pitta, Bachelard teve um grande mérito na solidificação da temática do imaginário por ter inserido novamente a poesia na pesquisa como meio de conhecimento. A poesia, sob o viés da lingüística, pode ser considerada um dos domínios onde se manifesta o simbólico, o sensível e o subjetivo. “Os eixos da poesia e da ciência são, a princípio, inversos. Tudo o que a filosofia pode esperar é tornar a poesia e a ciência complementares, uni-las como dois contrários bem-feitos” (BACHELARD, 1994, p. 2).

Uma das abordagens poéticas e, portanto, simbólicas utilizadas por Bachelard (1994, p. 11-12) remete ao fogo:

O fogo é o ultrativo. O fogo é íntimo e universal. Vive em nosso coração. Vive no céu. Sobe das profundezas da substância e se oferece como um amor. Torna a descer à matéria e se oculta, latente, contido como o ódio e a vingança. Dentre todos os fenômenos, é realmente o único capaz de receber tão nitidamente as duas valorizações contrárias: o bem e o mal. Ele brilha no Paraíso, abrasa no Inferno. É doçura e tortura. Cozinha e apocalipse.

A relação que se desenvolve entre o indivíduo e o mundo não é direta, e sim mediada por processos de pensamento. Não se lida diretamente com as ‘coisas’, mas sim com os sentidos atribuídos a elas, o que se desenrola através da cultura. O ambiente cultural, portanto, é um dos responsáveis por compor o simbolismo que, por sua vez, pode ser entendido como o resultado ou a extensão concreta e ‘real’ do imaginário. O símbolo seria a maneira de expressar o imaginário. Durand (1997), por exemplo, não demonstra uma diferenciação clara entre a função simbólica e o imaginário em sua obra intitulada *As estruturas antropológicas do imaginário*. Para o autor, o mais importante é entender que ambos se caracterizam pela função de mediadores nas relações que o indivíduo estabelece com ele mesmo, com o outro e com tudo o que está ao seu redor.

Segundo Augras (1995), o imaginário concerne todas as criações do homem, que vão desde pensamentos simples até pensamentos mais complexos como a ciência. O imaginário está no cotidiano, em todos os momentos, na realidade em que se vive. Até o cientista mais rigoroso, objetivo e positivista também é movido por ambições, paixões, identificações e modelos. A ciência avança em clima de concorrência, de competição e de colaboração. Cada um desses itens será mais ou menos determinante, conforme o imaginário social de uma época. Por mais que possa desejar, o cientista não pode eliminar inteiramente o seu imaginário para atuar em condições absolutas de objetividade e de neutralidade.

O imaginário pode ser resumidamente conceituado como o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*. Essas imagens são produzidas naquilo que se denomina trajeto antropológico: “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsações subjetivas e assimiladoras do sujeito e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 1997, p. 41). As intimações objetivas são os limites que as parcelas dominantes da sociedade impõem aos indivíduos. Isso significa que a definição acima citada reflete a inter-relação entre a solidez das diversas modulações encontradas na vida e tudo aquilo que ultrapassa essa solidez, que não é ‘palpável’.

O trajeto antropológico representa a afirmação na qual o símbolo deve participar de forma indissolúvel para emergir numa espécie de “vaivém” contínuo nas raízes inatas da representação do *sapiens* e, na outra “ponta”, nas várias interpelações do meio cósmico e social. (DURAND, 2004, p. 90).

O imaginário envolve as representações sociais que se manifestam a partir da dimensão sócio-cultural, mas envolve também uma dimensão mais profunda que se apresenta a partir daquilo que os indivíduos trazem consigo, em sua constituição biopsíquica. Sendo assim, uma das principais funções do imaginário é possibilitar ao homem respostas e soluções frente às angústias do tempo e da morte e às experiências negativas decorrentes dessa consciência. Durand (1988) trata do imaginário sob uma perspectiva antropológica ‘globalizante’, ou seja, uma teoria do imaginário concebido como função de equilíbrio antropológico, visto que ele está presente na confluência do subjetivo e do objetivo, do mundo pessoal e do meio cósmico. Esse imaginário reabilita a dimensão do sagrado que havia sido alienada pelo racionalismo; recupera o sentido transcendente do ‘símbolo-imagem’, oriundo da realidade imediata; ultrapassa o tempo cronológico, libertando-se da linearidade do encadeamento lógico; visa aos sentidos das imagens.

Segundo Durand (2004), os pesquisadores que se empenham em estudar a história constataam que as mudanças em determinada sociedade nunca se efetuam de modo amorfo, isto é, sem forma e sem regra. No entanto, entre o presente e um longo passado, há períodos médios e homogêneos quanto aos estilos, às modas e aos meios de expressão. A partir disso, é que se pode citar a tradicional divisão da sociedade ocidental em Antigüidade, Idade Média, e Tempos Modernos. Esses períodos transitórios, nos quais se esgotam determinadas estruturas e surgem novas, é compreendido por Durand como “bacia semântica”. Assim sendo, o autor acredita que entre os primeiros escoamentos perceptíveis até os meandros terminais, ou seja, até determinado imaginário começar a representar a sociedade de forma mais global, tem-se em torno de cento e cinquenta anos. O sujeito pós-moderno constrói sua cultura pelo imaginário. Juremir Machado da Silva (2003, p. 4) observa que:

[...] o imaginário é a “bacia semântica” que orienta o “trajeto antropológico” de cada um na “errância” existencial. O fato de existirem bacia semântica (representação e sentido) e trajeto antropológico (direção e conhecimento do homem) não determina uma linearidade do vivido. Ao contrário, o imaginário estrutura-se na errância: assimilação, apropriação, distorção e acaso.

O imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma idéia de mundo. Assim sendo, o imaginário é real, uma força social, podendo ser comparado com uma atmosfera: sabe-se que ele existe, percebe-se a sua influência, no entanto não se pode quantificá-lo; o imaginário não é fisicamente concreto.

Para auxiliar o processo de compreensão do que seria o imaginário, é interessante citar algumas considerações do filósofo francês Michel Maffesoli sobre a temática. Para Maffesoli (2001), o imaginário é uma força social de ordem espiritual que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Como exemplo, tem-se uma analogia utilizada pelo próprio autor relacionando imaginário e obras de arte. Algumas obras de arte, apesar de sua materialidade, possuem uma ‘aura’ que, mesmo sendo incapaz de transparecer à nossa visão, pode ser sentida. Portanto, o imaginário para o autor pode ser representado por esta aura: uma atmosfera que envolve e ultrapassa a racionalidade, determinando a idéia de compartilhar sentimentos e valores com um grupo, uma comunidade ou uma tribo.

Maffesoli (1996) acredita que a pós-modernidade é marcada pela desvalorização do papel do indivíduo na sociedade. O indivíduo existe, no entanto, não há mais a predominância do individualismo como ocorria na modernidade. “Elabora-se um modo de ser (*ethos*) onde o que é experimentado com os outros será primordial” (MAFFESOLI, 1996, p.12). Valores relacionados à ordem e ao progresso presentes na modernidade são substituídos por valores de ordem hedonista e estético¹² nas megalópoles contemporâneas.

Apesar de cada indivíduo estar apto a ‘decodificar’ o imaginário ou os imaginários com certa autonomia, ainda assim, o imaginário de um indivíduo é muito pouco ‘individual’, mas sobretudo grupal, comunitário, tribal, partilhado. Dessa forma, o imaginário na pós-modernidade pode ser refletido pelo conceito de *neotribalismo*. Não existe um imaginário social, e sim imaginários do social (MAFFESOLI, 1993).

Preocupado com os rumos do novo século, Maffesoli (1997) questiona a noção de cultura global. Problemática e conflituosa para o sociólogo, a globalização não passa de uma falsa idéia dos tempos modernos, uma vez que os diferentes Estados-nação continuam afirmando antigos valores, crenças, culturas, religiões, o que instiga a pensar na idéia de uma ‘aparente’ globalização, ou dito de outra forma, uma globalização imaginária. A reafirmação das velhas crenças e ideologias por parte das nações e a explosão de grupos sociais que, por sua vez, também asseguram suas formas de pensamento, faz com que Maffesoli afirme que a característica principal da atualidade é a formação de tribos através de laços sociais que se

¹² Maffesoli formulou a hipótese do ressurgimento de um *homo estheticus*, representado pela análise da emoção e da efervescência não como um simples fenômeno psicológico, mas sim como uma estrutura antropológica.

estabelecem, cada vez mais, pela comunhão emocional de um conhecimento comum, no sentido do que é compartilhado e banalizado.

Dessa forma, as cidades contemporâneas são povoadas por tribos, o que implica dizer que, na sua pluralidade de origens e comportamentos, as sociedades não nascem da redução da diversidade a um elemento centralizador único, mas da conjunção de elementos díspares. O *zen*, o *candomblé* e valores africanos, por exemplo, estão presentes nas ações do cotidiano da sociedade pós-moderna na maneira de vestir, de festejar, de se alimentar, de se relacionar dentre outros. Segundo Maffesoli (1996, p.16):

Como uma colcha de retalhos, a pós-modernidade é feita de um conjunto de elementos totalmente diversos que estabelecem entre si interações constantes de agressividade ou de amabilidade, de amor ou de ódio, mas que não deixam de construir uma solidariedade específica que é preciso levar em conta.

Nestas novas sociedades, todos os detalhes, os fragmentos, as pequenas coisas adquirem grande importância. As sociedades mecânicas, das quais a modernidade é um bom exemplo, têm tendência a homogeneizar, a se basear num só valor ou num conjunto de valores diretamente operacionais. Não acontece o mesmo com as sociedades complexas que, em construção, baseiam-se em uma multiplicidade de valores perfeitamente heterogêneos uns aos outros.

O *neotribalismo* se estabelece, portanto, através das emoções e sentimentos vividos em comum, com o outro, sendo caracterizado também pela fluidez e pela dispersão. O racionalismo da modernidade se rompe deixando valer a força da emoção e da natureza. “Em suma: o laço social torna-se emocional” (MAFFESOLI, 1996, p.12). O culto ao corpo, a valorização da aparência, a busca pelas academias de ginástica e a propagação de vestimentas específicas de ‘malhação’ presentes nos grandes centros urbanos da pós-modernidade, como o Rio de Janeiro, ratificam a teoria do *neotribalismo* proposta por Maffesoli, sendo este apenas um dos múltiplos exemplos das novas tribos que representam esta nova forma de organização social.

Altera-se a aparência do corpo ao longo da história com os mais diversos recursos: enfeites, roupas, padrões estéticos de beleza específicos. No plano das necessidades básicas, acontece a mesma coisa: para a alimentação existem as proibições alimentares, o modo de apresentação dos alimentos, a maneira de assimilá-los entre outras. “Enfim, nada para o ser

humano é insignificante. E dar sentido implica entrar no plano simbólico” (PITTA, 2005, p. 13).

O *neotribalismo* se prolifera nos modos de vida contemporâneos, tornando-se um fim em si mesmo. Através de bandos, clãs, *gangs* e comunidades, ele recorda a importância do afeto na vida social. No entanto, deve-se ressaltar que a tribo, ou as tribos, das quais os indivíduos fazem parte, só podem ser compreendidas no interior de seus conjuntos. Sua finalidade ou objetivo não são essencialmente importantes para a compreensão de suas dinâmicas, mas sim a energia despendida para a construção do grupo como tal e os símbolos e as imagens por eles compartilhados e propagados.

Para Durand (1988), existem símbolos rituais que expressam de forma significativa o imaginário perpetuado por determinado grupo ou cultura. Como exemplo, ele cita os muçulmanos, que na hora da prece, se prostram em direção ao Oriente, o padre cristão que abençoa o pão e o vinho, ou o ator que ao interpretar uma cena de combate, ou mesmo, de amor confere, com seus gestos, uma atitude significativa ao seu corpo e aos objetos que manipula. No caso do presente estudo, investigou-se o símbolo corpo e as possíveis tribos que se formam em função dele na ambiência específica das academias de ginástica, assim como se investigaram também, os ritos fundadores, isto é, os símbolos rituais dessa tribo que são sacralizados com grande dispêndio energético: dispêndio este não apenas imaginário, e sim literalmente físico.

CAPÍTULO II - CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO APLICADO

Classificação da pesquisa

Assumindo que uma das possíveis formas de classificação de estudos científicos é caracterizá-los como quantitativo ou qualitativo, a pesquisa proposta aqui pode ser classificada como qualitativa.

Lalande (1996) faz a seguinte distinção entre quantitativo e qualitativo: “O estudo qualitativo de uma curva, por exemplo, é a descrição do seu aspecto e, por assim dizer, físico, por oposição ao estudo quantitativo que analisa a sua equação” (p.889). Assim sendo, cada uma das abordagens possui características próprias. Para justificar a classificação realizada, são citados alguns autores e suas conceituações sobre a pesquisa qualitativa.

Godoy (1995, p.63) afirma que:

Em função da natureza do problema que se quer estudar e das questões e objetivos que orientam a investigação, a opção pelo enfoque qualitativo muitas vezes se torna a mais apropriada. Quando estamos lidando com problemas pouco conhecidos e a pesquisa é de cunho exploratório, este tipo de investigação parece ser o mais adequado. Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada. Ainda quando nossa preocupação for a compreensão da teia de relações sociais e culturais que se estabelecem no interior das organizações, o trabalho qualitativo pode oferecer interessantes e relevantes dados. Nesse sentido, a opção pela metodologia qualitativa se faz após a definição do problema e do estabelecimento dos objetivos da pesquisa que se quer realizar (p.63).

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem, valoriza-se o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada.

Enquanto a pesquisa qualitativa é mais interpretativa e subjetiva, a quantitativa é mais descritiva e objetiva. Segundo Soares (2003), existem casos nos quais a escolha pela pesquisa qualitativa seria mais apropriada, entre eles citam-se alguns exemplos: interpretar dados, fatos e teorias; descrever a complexidade de determinada hipótese ou problema; analisar a interação entre variáveis; apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formulação de

opiniões de determinado grupo; situações que requerem a substituição de dados estatísticos por observações qualitativas.

A opção pela pesquisa qualitativa, portanto, se justifica pelo fato de se estar investigando um fenômeno social complexo, de caráter subjetivo e ainda pouco explorado (no que se refere à abordagem aqui sugerida), o que culmina na necessidade de uma profunda forma de interpretação, de análise e descrição para que se atinjam os objetivos inicialmente propostos.

Locus da pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi realizada em uma academia de ginástica de grande porte. Esta caracterização, que se relaciona com a quantidade de alunos/clientes e com a diversidade da oferta de atividades físicas, foi encontrada durante a revisão de literatura (PEREIRA, 1996 *apud* ZANETTE, 2003). Portanto, a academia de grande porte é aquela que possui uma quantidade de alunos/clientes igual ou superior a dois mil e que, em decorrência disso, acaba por oferecer uma gama de possibilidades variadas de atividades. Ainda sobre o *locus* da pesquisa de campo, deve-se ressaltar que este se insere na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, zona esta habitada majoritariamente por uma parcela economicamente mais favorecida.

A busca por academias de grande porte se justifica na medida em que se julga que elas venham a atender melhor ao objetivo do estudo por duas razões principais. A primeira delas seria a de que nestes locais existe uma clientela de maior poder sócio-econômico. Acredita-se, que esta clientela é composta pelo grupo social responsável por estar propagando as regras específicas de exposição dos corpos para outras parcelas da sociedade de menor poder aquisitivo. A segunda remete a possibilidade de ainda ser possível encontrar, em alguns locais de prática de atividades físicas e esportes, como as academias de ginástica, profissionais que não estejam aptos a trabalhar, ou melhor, que não possuam a devida formação acadêmica para estar atuando como profissional de educação física (ANTUNES, 2003; PEREIRA & DE PAULA, 2007). Sendo assim, avalia-se ser menos provável encontrar a situação de profissionais não qualificados para exercer a profissão em academias de maior porte, visto que estas possuem maior prestígio e *status* social.

De acordo com Seidl de Moura e Ferreira (2005), nos estudos de natureza qualitativa, em que a preocupação maior não é a generalização dos resultados obtidos numa amostra, mas a caracterização, compreensão e interpretação dos fenômenos observados no grupo específico,

não há necessidade de serem adotados procedimentos sistemáticos de seleção de amostra. Em síntese, neste caso específico, a metodologia requer a descrição minuciosa da amostra (principais características, locais onde podem ser encontrados, e número de pessoas abordadas) e dos procedimentos a serem adotados, quando se fizerem necessários, em sua seleção.

Procedimentos

Os procedimentos para o desenvolvimento do presente estudo foram divididos em quatro etapas, tal qual descrito a seguir:

A *primeira etapa* remeteu à seleção de algumas academias de ginástica, de grande porte, situadas na zona sul da cidade do Rio de Janeiro que pudessem estar participando do presente estudo. A escolha se deu, dentre outras questões, pela proximidade com a residência do pesquisador e a aceitação por parte dos donos e coordenadores com a realização do estudo.

A *segunda etapa* consistiu em entrar em contato com uma das empresas para que fosse possível ter o consentimento para a realização do estudo. O contato com as empresas foi estipulado segundo o interesse do pesquisador. Felizmente, o primeiro contato com a academia que ocupava o topo hierárquico de interesse foi suficiente para que a pesquisa pudesse ser iniciada e aprovada. Neste contato, foram explicados os objetivos e os procedimentos inerentes ao trabalho e solicitada a autorização para o pesquisador freqüentar a academia por um determinado período como se fosse um aluno regular.

A *terceira etapa* consistiu na coleta de dados, ou seja, na pesquisa de campo, que foi realizada mediante a observação participante. Nesta etapa, o pesquisador freqüentou a academia como aluno regular durante o período ininterrupto de dois meses mantendo uma freqüência de cinco vezes por semana. Além disso, variaram-se ao máximo os turnos da observação, possibilitando maior abrangência e profundidade acerca do público e dos profissionais em questão, o que foi fundamentalmente importante para o desenvolvimento do estudo.

O horário de funcionamento da academia era o seguinte: de segunda à sexta funcionava entre 6:00 e 23:00. Aos sábados funcionava em dois turnos: das 9:00 às 13:00 e das 15:00 às 17:00, tal como em feriados. A observação foi realizada, inclusive, nos extremos do horário e, também, aos sábados e feriados.

As observações, tais como as reflexões e questionamentos que delas suscitaram foram transcritas minuciosamente em um caderno de campo, onde eram datadas com

cabeçalhos que possuíam informações acerca da data, do dia da semana, do horário, tempo em que o pesquisador permaneceu no ambiente e profissionais envolvidos. As transcrições eram realizadas na residência do pesquisador e se davam logo após o retorno da academia. Em seguida, realizava-se uma leitura dos escritos, para analisar que rumo as idéias teriam tomado e de que forma essa idéias poderiam ser esmiuçadas ou complementadas numa próxima observação, formulando-se perguntas sobre aquilo que já havia sido escrito.

A *quarta etapa* incidiu sobre a análise dos dados da realidade. Esta etapa foi realizada mediante o procedimento etnográfico e, também, mediante a análise de discurso (ORLANDI, 2001) de alguns dizeres e conversas que foram observadas ao longo da imersão em campo.

Após a explanação acerca dos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, aconteceu a finalização, que se refere às conclusões e recomendações de acordo com a análise dos dados da realidade. Neste momento, já com os devidos resultados do estudo, voltou-se ao problema inicialmente proposto a fim de respondê-lo.

Método de Coleta de Dados

Quanto à técnica de coleta de dados, optou-se por utilizar observação participante assistemática. A seguir, procura-se justificar essa escolha, isto é, demonstrar de que maneira o método eleito foi relevante no processo de obtenção dos dados para o bom desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa de observação, também denominada de estudo de campo, é bastante utilizada quando se deseja investigar diversas formas de comportamento social em seus ambientes naturais (MICHENER *et al.*, 2005).

O tipo de observação característico dos estudos qualitativos é a observação não-estruturada (também chamada assistemática, antropológica ou livre), na qual os comportamentos a serem observados não são predeterminados, eles são observados e relatados da forma como ocorrem, com o intuito de descrever e compreender o que está ocorrendo em determinada situação sob o viés de um olhar teórico pré-estabelecido. Desse modo, não existem critérios prévios para orientar o registro do fenômeno a ser observado. Utiliza-se, portanto, de narrativas de formato flexível, que descrevem minuciosamente as diferentes facetas e modalidades do que se está observando. O pesquisador tem liberdade para decidir o tipo de informação a ser registrada e a forma de fazê-lo, o que implica no exercício de síntese, abstração e organização dos dados coletados.

O método de observação também pode ser classificado segundo o tipo de interação que se estabelece entre o observador e os sujeitos observados: observação participante ou observação não-participante. De acordo com Gil (1999), a observação participante consiste na participação efetiva no conhecimento da vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Isto possibilita que o observador assuma de certa forma, o papel de membro do grupo, gerando assim um conhecimento a partir do viés do interior do mesmo. O observador pode, inclusive, não revelar ao grupo sua verdadeira identidade de pesquisador nem o propósito do estudo.

Na observação participante, ocorre grande interação entre o observador e os participantes da pesquisa. Tendo como base o pressuposto de que vivenciar a perspectiva de membro do grupo é fundamental para a compreensão de seus aspectos intrínsecos, o observador assume um determinado papel no grupo e participa das atividades que o caracterizam (ADLER & ADLER, 1994 *apud* SEIDL DE MOURA & FERREIRA, 2005, p. 56)

Em geral, o que costuma ocorrer na prática, é a junção da observação participante com a forma assistemática de registro dos dados coletados. Em outras palavras, quando se trabalha com a observação participante, opta-se por adotar abordagens menos estruturadas de registro, isto é, o observador se converte no próprio instrumento de observação. Ele passa a ser parte da conjuntura na qual se insere e, com isso, coleta da forma mais fiel possível os dados da realidade.

Segundo Adler e Adler (1994 *apud* Seidl de Moura & Ferreira, 2005), o processo de observação livre se inicia com a escolha do local a ser observado, que pode ser orientado tanto pela facilidade de acesso como também pelo interesse num dado fenômeno. Ainda segundo os autores, toda observação assistemática deve fazer referência explícita a participantes, interações, rotinas, rituais, elementos temporais, interpretações, e organização social presente na situação observada.

Quanto à extensão do período de observação, deve-se, acima de tudo, atentar para o tipo de problema a ser estudado e para o propósito do estudo. Segundo Gil (1999), tem sido demonstrado que o observador permanece no campo num período que varia entre seis semanas e três anos. Em algumas pesquisas ocorrem diversos períodos curtos de observação, outras concentram a observação em determinados momentos. Entretanto, o autor ressalta que períodos muito curtos podem levar a conclusões precipitadas e que, por outro lado, um período muito longo de observação não garante, por si só, a validade dos dados. Nesse

sentido, é muito importante que o observador ou pesquisador tenha habilidade para discernir a respeito das questões que quer investigar e das questões que podem vir a surgir ao longo da pesquisa de campo.

Pesquisadores que utilizam metodologias qualitativas para desenvolver seus estudos não se preocupam com a enumeração ou medição dos eventos estudados, nem com o emprego de instrumental estatístico para proceder a análise dos dados. Partem de questões ou focos de interesse amplos, que vão se definindo à medida que a pesquisa se desenvolve. Trabalham a partir de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos obtidos por meio do contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

O instrumento eleito para coleta de dados deve corresponder ao problema da pesquisa, ao objetivo geral e específicos e também às hipóteses do estudo. É uma tarefa importante, envolvendo diversas etapas, como a determinação da população a ser estudada, a elaboração ou a escolha do instrumento de coleta e a programação da coleta. No presente estudo foi estritamente necessário abarcar essa forma de observação (participante e assistemática), na medida em que essa abordagem possibilitou o mergulho do pesquisador na ambiência da academia, tal como na relação desta ambiência com a propagação do culto ao corpo. A partir da vivência e da total imersão no fenômeno em questão como um indivíduo comum, foi possível que se mediasse e se reestruturasse ininterruptamente as questões a serem observadas num constante ir-e-vir entre os dados encontrados e o problema a ser investigado. Nesse sentido, a flexibilidade da observação assistemática, aliada ao aprofundamento no interior do grupo permitido pela observação participante, foi realmente indispensável para o desenvolvimento etnográfico do estudo.

Análise dos Dados

Com relação à análise dos dados, seguiu-se a linha francesa de análise de discurso na perspectiva de Orlandi que visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos.

Existem muitas maneiras de se estudar a língua e a análise de discurso é uma delas. Neste caso especial, não se trata de estudar a língua, nem tampouco a gramática, mas sim o discurso com toda a sua idéia de ‘curso’, ‘percurso’, ou ainda ‘movimento’. Isso quer dizer que na análise de discurso não se deve ater à língua, por si só, enquanto sistema abstrato, mas sim aos sentidos que a ela são atribuídos. Para isso, o homem é relacionado à história e às condições de produção (contexto sócio-histórico, ideológico) da linguagem que em dado momento e em dado lugar produzem sentidos significando o sujeito. A pergunta em análise de discurso não é ‘o que é isso’ e sim ‘qual o processo de produção do **isso**, o que leva o sujeito a falar de um outro lugar social, a deixar fluir o seu imaginário que se estabelece numa relação direta entre mundo e linguagem, através de uma ilusão.

Orlandi (1996a) resume a proposta da análise de discurso como sendo a ação de remeter o texto ao discurso e esclarecer as relações deste com as formações discursivas pensando, por sua vez, as relações destas com a ideologia. A autora afirma que:

Feita a análise, não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso. Uma vez atingido o processo discursivo que é o que faz o texto significar, o texto ou os textos particulares analisados desaparecem como referências específicas para dar lugar à compreensão de todo um processo discursivo do qual eles - e outros que nem mesmo conhecemos - são parte (ORLANDI, 1996a, p.61).

A análise de discurso visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos saindo da esfera exclusiva da interpretação. Ela não procura um sentido de forma ‘direta’ ou ‘objetiva’, ou seja, não existe um esquema fechado de interpretação. O que existe é um dispositivo teórico a ser utilizado pelo analista no momento em que ele for compreender os sentidos desencadeados de acordo com as questões elaboradas. Orlandi (1996a, p.26) assegura que:

A relação com simbólico é uma relação com a interpretação. Ela está na base da própria constituição do sentido. Diante de qualquer objeto simbólico o sujeito é instado a interpretar, a dar sentido. E o faz determinado pela história, pela natureza do fato simbólico, pela língua.

Sendo assim, pode-se concluir que a análise de discurso remete à busca de sentidos pelo estudo dos processos de produção do discurso e não meramente através do estudo de seus produtos.

- *Discurso, Sujeito, História e Linguagem*

Orlandi (2001, p.21) define o discurso como “efeito de sentidos entre locutores”. Ainda segundo a autora, as relações de linguagem são relações de sujeito, de sentidos e de ideologia e seus efeitos são múltiplos e variados. O discurso é entendido como o local em que a linguagem materializa as práticas sociais.

De acordo com Orlandi (2001), os dizeres e as palavras são muito mais do que mensagens a serem decodificadas, já que são produzidas por um sujeito em determinadas condições de produção. Em outras palavras, não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos de onde falam que serão considerados fontes de sentidos, mas sim as formações imaginárias que vão estar por trás desses sujeitos caracterizando a peculiaridade de seus discursos.

Além das condições de produção, a memória discursiva também influencia o discurso e seus efeitos de sentido e, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Quando os sujeitos nascem, os discursos já existem. Entra-se neste processo, iniciado anteriormente, e dele se apropria. É claro que há singularidade na maneira como a língua e a história influenciam, no entanto eles não se originam nos sujeitos.

O interdiscurso representa deste modo, as formulações feitas anteriormente, no entanto já esquecidas (os esquecimentos), que vão determinar o que será dito em um momento posterior, quando será retomado sob a forma do pré-construído. Portanto, todo o discurso é influenciado pelo já-dito, pela ideologia e pela historicidade (Orlandi, 2001).

Com relação aos esquecimentos que, como citados acima, apresentam-se no interdiscurso (memória discursiva) estruturando-o, é possível denominá-los de duas formas: uma delas é o esquecimento da ordem da enunciação, que se relaciona com o fato do significado do que se fala ser determinado pela maneira com que se faz, já que o dizer sempre pode ser dito de outra forma e o modo de dizer não é indiferente aos sentidos. O outro esquecimento se relaciona com a ideologia, ou seja, com a forma que esta influencia o sujeito, onde são retomados os sentidos pré-existentes. Tanto o primeiro como o segundo são fundamentais na produção dos sentidos, pois mesmo que estes sentidos não sejam originados no sujeito, eles os influenciam na maneira de significar (ORLANDI, 2001).

O sujeito, como já foi dito, é influenciado pela ideologia, tal como pela história e pelo contexto social. Os discursos não se originam nos sujeitos, pelo contrário, são os sujeitos que entram no processo destas formações e, conseqüentemente, são totalmente influenciados por

isso. Logo, não há sentidos completos ou constituídos definitivamente, eles vão se modificando ou não, respeitando as necessidades da exterioridade. A evidência do sentido e a impressão do sujeito ser a origem do que diz irrompem da ilusão da transparência da linguagem. Mas, nem linguagem, nem sentido, nem sujeito são transparentes. Tendo, pois, materialidades, constituem-se em processos em que a língua, a história e a ideologia são correlatas.

A ideologia, segundo Orlandi (2001), é a matriz constitutiva dos sujeitos e dos sentidos. É a ideologia que interpela o indivíduo em sujeito para que se produza o dizer. Não há discurso sem sujeito, assim como não há sujeito sem ideologia. Torna-se relevante enfatizar a evidência irrefutável dos estreitos laços na compreensão dos fenômenos linguagem e ideologia, já que aquela representa uma das instâncias mais significativas em que esta se materializa. A ideologia é, pois, a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos em qualquer movimento interpretativo.

Ao pensar discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estreitos entre o mesmo e o diferente. Para Orlandi (2001), o funcionamento da linguagem se estrutura na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles nos quais há sempre algo que se mantém, isto é, a memória, produzindo diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. É o que estabiliza. Já os processos polissêmicos se remetem à falha, ao equívoco. A partir desta tensão é que surge a metáfora, o processo polissêmico, quando novos sentidos são formulados e estabelecidos para um mesmo objeto simbólico, ocorrendo a ruptura da significação do já dito (paráfrases). Ora, se a língua não fosse passível de falha e a história, de ruptura, não haveria transformação, haveria sim a estagnação de sujeitos e sentidos.

- Dispositivo de Análise

Com a breve explanação acerca da dinâmica entre discurso, sujeito, história e linguagem realizada anteriormente, é possível refletir sobre o dispositivo de análise, ou seja, a forma com que o analista deve proceder a fim de que se compreendam os sentidos produzidos pelos sujeitos em questão. Este dispositivo possibilita a interpretação da linguagem investindo em sua opacidade, no distanciamento do sujeito, e no efeito metafórico, já que as palavras de uma mesma língua podem possuir significados diferentes de acordo com as posições (imaginárias) em que os sujeitos se situam. O processo de compreensão do analista se baseia

na relação entre descrição e interpretação, o que permite que ele construa seu dispositivo de análise.

Todo o dispositivo analítico tem relação direta com a questão que foi formulada. Isso quer dizer que o objeto, uma vez analisado, permanece inesgotado, podendo ter outras abordagens e outros recortes, moldando-se aos objetivos da questão do estudo. Conseqüentemente, diferentes recortes para o mesmo objeto de estudo pode decorrer em resultados distintos.

Orlandi (1996b) diferencia o sujeito comum do analista de discurso pela relação que cada um deles estabelece com o trabalho de interpretação (que para a análise de discurso se dá a todo o momento). Ainda segundo a autora, os gestos de interpretação destes dois sujeitos são determinados de formas distintas. Enquanto o sujeito comum interpreta segundo a determinação do dispositivo ideológico, o analista de discurso interpreta segundo o dispositivo teórico. Este dispositivo permite que o analista trabalhe a alteridade do discurso (a exterioridade, a historicidade), enquanto o sujeito comum, influenciado pela ideologia, está impregnado pelo efeito de evidência, pelo desaparecimento da alteridade e pela conseqüente ilusão de que o sentido está sempre dado.

O trabalho do analista se apresenta, portanto, da seguinte maneira: “o que se espera da mediação, instalada pelo dispositivo teórico, é que ela produza, como dissemos, um deslocamento que permita que o analista trabalhe as fronteiras das formações discursivas” (ORLANDI, 1996b, p.84-85). Chegar à formação discursiva que domina o texto e compreender as relações com as outras formas discursivas é o trabalho do analista de discurso. O texto é o objeto empírico sobre o qual se faz a análise, enquanto o discurso é o objeto teórico.

A formação discursiva, propriamente dita, é o meio para que se possa compreender o processo de produção dos sentidos na análise de discurso, pois dá subsídios para que o analista possa estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A formação discursiva é representada por aquilo que pode e deve ser dito de acordo com a influência ideológica a que é submetido. Assim concebida, a formação discursiva possibilita que o indivíduo seja sujeito de seu discurso, podendo, numa determinada conjuntura histórica, concordar ou não com o sentido que deve dar às palavras e, sobretudo, falar de forma diferente usando a mesma língua. Deve-se então, analisar também as metáforas que, na análise de discurso, nada mais são do que as formas pela quais as mesmas palavras podem estabelecer diferentes significados (transferência de significados) que vão determinar os sentidos do que é dito.

Não é no dizer em si mesmo que os sentidos são evocados. É preciso referi-lo às suas condições de produção, estabelecer as relações que ele mantém com a sua memória discursiva, como também remetê-lo a uma formação discursiva para compreender o processo discursivo. Os sentidos não estão presentes nas palavras por elas mesmas, eles se encontram aquém e além delas. Assim sendo, os sentidos dependem das relações constituídas pelas formações discursivas.

Com relação às bases da análise, segundo Orlandi (2001), a primeira passagem fundamental, metodologicamente falando, é transformar a superfície lingüística (material de linguagem bruto coletado) em objeto discursivo (de-superficializado) visto que o objeto discursivo não se encontra dado. Este processo consiste na análise da materialidade lingüística: quem diz, como se diz, em que circunstâncias, identificando as formações discursivas que estão dominando na prática discursiva.

Neste momento da análise é fundamental o trabalho com as paráfrases e sinonímia. O analista vai tornar visível o fato de que ao longo do dizer se formam famílias parafrásicas relacionando o que foi dito com o que não foi dito ou com o que poderia ser dito. Estes outros dizeres aí observados permitem alcançar as delimitações das formações discursivas que intervêm de forma a fazerem as palavras significarem de maneira específica (ORLANDI, 2001).

Em um segundo momento, já estabelecido o objeto discursivo, o analista deve relacionar as formações discursivas com a formação ideológica, permitindo com que ele atinja a constituição dos processos discursivos que são responsáveis pelos efeitos de sentidos produzidos a partir da formulação que o analista partiu (ORLANDI, 2001). Ao longo de todo o procedimento analítico, ao lado do mecanismo parafrásico, cabe ao analista observar os efeitos metafóricos.

Ao serem alcançadas as formações ideológicas, o analista deve estar atento aos processos de metáfora, paráfrase e formações imaginárias. A formação imaginária apresenta-se como base constituinte das condições de produção do discurso em função da organização mental que estimula o dito, ao mesmo tempo em que permite a construção do que não pode ou não deve ser dito.

É interessante abordar a questão do dito e do não dito, já que muitas vezes o não dito pode ser altamente relevante para o processo de formação dos sentidos. Segundo Orlandi (2001), se o pesquisador chegar à conclusão de que a partir do dispositivo teórico de análise o dizer tem relação com o não-dizer, isto deve ser acolhido metodologicamente. Entre as formas de se trabalhar o não dito na análise do discurso, tem-se o pressuposto, o subentendido e o

silêncio. A primeira forma se remete à condição necessária para dar sentido aos fatos, ou seja, o não dito é pré-suposto para o dito. A segunda se remete ao contexto, o que significa que não possui relação direta com o que foi dito. Por fim, tem-se o silêncio, que tem influência no processo de significação.

Os sujeitos dizem as mesmas palavras, mas elas podem ter significados diferentes. É isso que constitui o processo metafórico. Esse deslize proporcionado pela metáfora é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade. Através disso, é possível compreender as formações imaginárias, ou seja, como um objeto simbólico produz sentidos por meio de vestígios deixados nos entremeios do discurso (ORLANDI, 2001).

O processo de produção de sentidos está necessariamente sujeito ao deslize, havendo sempre um outro que o constitui. Assim sendo, ao olhar os textos, o analista se defronta com a necessidade de reconhecer, em sua materialidade discursiva, os indícios (vestígios, pistas) dos processos de significação aí inscritos. Ele parte desses indícios. No entanto, para praticar a análise de discurso, ele precisa levar em consideração algumas distinções teóricas e metodológicas. Não se atravessa o texto para extrair um conteúdo. Pára-se em sua materialidade discursiva para compreender como os sentidos - e os sujeitos - nele se constituem.

AMBIÊNCIA DA ACADEMIA DE GINÁSTICA

- A casa dos espelhos: a motivação das imagens dos objetos e das formas

Eis o ponto de partida de nossas reflexões: todo o canto de uma casa, todo o ângulo de um quarto, todo o espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa (BACHELARD, 2005, p. 145).

Na sociedade contemporânea, ostentar beleza e juventude através do corpo pode significar a adesão ao consumo e ao paroxismo da aparência. O corpo tornou-se, para alguns, um projeto de vida. Revistas, mídia, cinema e *outdoors* reiteram a importância da imagem corporal e dos exercícios para a articulação do chamado *marketing* pessoal: corpo-empresa, corpo-máquina, corpo-produto entre outros. Nesse processo, o mercado do corpo amplia-se e as academias de ginástica surgem como instituições onde uma parcela das camadas médias urbanas tenta aprimorar a forma em nome de um imaginário que fica na linha tênue entre a saúde e a beleza.

A busca pelo corpo perfeito e ideal é, muitas das vezes, sinônimo de sofrimento e privações. Levando em consideração que a genética favorável não é um fator comum em muitos casos, dietas e exercícios físicos vigorosos se apresentam como alguns dos elementos indispensáveis nesse processo. Na mídia se difundem concepções de ‘culpabilização’ dos indivíduos pelo fracasso de suas ‘inadequações’ corporais, visto que é massificada a idéia de que a ‘juventude’, expressa por corpos bonitos, magros e modernos, está ao alcance de qualquer pessoa.

Para alcançar o objetivo inicialmente proposto por este trabalho, é imperativo que se explicita e descreva o que seriam as academias de ginásticas. Segundo Saba e Antunes (2004), as academias se caracterizam por oferecer, com fins lucrativos, um espaço adequado para a prática de exercícios físicos - movimento corporal planejado, estruturado, intencional e repetitivo, executado com a finalidade de melhorar ou manter os componentes da aptidão física. Estes locais devem operar sob a responsabilidade de profissionais de educação física que avaliam, prescrevem e orientam a prática de exercícios físicos de forma segura, eficaz e ética. Similarmente, Toscano (2001) entende as academias de ginástica como centros de atividades físicas, onde se presta um serviço de avaliação, prescrição e orientação de exercícios físicos, sob supervisão direta de profissionais de educação física.

De acordo com Pereira (1996 *apud* ZANETTE, 2003), as academias podem ser classificadas como pequenas (até 300 alunos), médias (entre 301 e 2000 alunos) e grandes (acima de 2000 alunos). A diferença estrutural entre essas classificações é que, na medida em que cresce o número de clientes, aumenta-se a diversidade de atividades e horários disponíveis, o que traz como consequência o aumento e o encarecimento do serviço prestado.

Com relação à carga horária de funcionamento, a maioria delas (médias e grandes), ao menos na cidade do Rio de Janeiro, já ampliou seus horários, funcionando das 6 às 23 horas fazendo, inclusive, turnos aos sábados, domingos e feriados. Uma reportagem encontrada na *internet* da revista *Sports Magazine* (acessada no seguinte endereço eletrônico: <http://www.sportsmagazine.com.br/9acad24H.htm>) cita a tendência que se iniciou em São Paulo das academias de ginástica funcionarem 24 horas. Um fator interessante é que essa tendência já chegou aqui no Rio de Janeiro. Algumas academias situadas na zona sul da cidade, funcionam, também, nas madrugadas dos meses próximos ao verão, bem como no próprio verão, a fim de absorver a crescente demanda nesta época do ano. Muitas empresas começam um *marketing* forte a partir do mês de outubro na tentativa de aumentar a margem de lucros.

Uma academia de ginástica situada no bairro de Ipanema (zona sul do Rio de Janeiro) apresenta a seguinte notícia em seu *site*: “A partir do dia 22 de março a unidade da Barão da Torre (rua onde se localiza) **deixa de ser 24 horas** e passa a ter a seguinte grade de horário: segunda a sexta (06:00 às 23:00); sábado dois turnos (09:00 às 14:00 / 17:00 às 20:00); domingo (09:00 às 14:00)” - *site* acessado em 04/03/2007. Uma outra, situada na zona oeste, apesar de não funcionar 24 horas, disponibiliza em seu *site* (acessado também em 04/03/2007) um horário de funcionamento bem flexível (segunda a sexta - 05:30 às 00:00; sábado - 09:00 às 20:00; domingos e feriados - 09:00 às 17:00). Como se vê, diante dessa facilidade proporcionada, a desculpa de falta de tempo parece não fazer mais sentido.

Com relação ao ambiente das academias, este é marcado por símbolos narcíseos, onde espelhos, luzes e aparelhos são estrategicamente distribuídos no espaço circundante, a fim de que o corpo não saia de cena em nenhum momento sequer. As músicas¹³ são também

¹³ Segundo Anthoni Seeger (1992) no texto *Etnografia da música*, a música é um sistema de comunicação que envolve sons estruturados produzidos por membros de uma comunidade que se comunicam com outros membros. A música seria ainda uma forma de comunicação, junto com a linguagem, dança e outros meios. Porém, a música não opera como esses meios. Diferentes comunidades terão diferentes idéias de como distinguir entre diversas formas de sons humanamente organizados – canção, música de ruído e assim por diante. Como muitos de nós sabemos por nossas próprias experiências pessoais a música de uma pessoa pode ser o ruído de outra.

estimulantes à prática de exercícios físicos, o que traduz um componente de excitação a mais para todos, inclusive para os menos motivados.

Com a intenção de seduzir alunos dos mais variados tipos, algumas academias vêm tentando se adequar a todos os tipos de gostos. Uma reportagem acessada na internet da revista *on-line* Veja (no seguinte *site*: http://veja.abril.com.br/140201/p_072.html) aponta que a academia paulista *Bio Ritmo* montou em uma de suas unidades três salas de musculação diferenciadas. Uma é fechada, tem mais professores e atrai os principiantes e os tímidos. Os mais agitados malham numa sala com música alta, comandada à noite por um *DJ* ao vivo, criando um clima de festa. A terceira é mais silenciosa e as TVs sintonizam telejornais. A *Body Planet*, no Rio, pretende explorar a linha zen, oferecendo cursos de meditação e esoterismo. Nas grandes academias, alta tecnologia em aparelhagem já é pré-requisito e, portanto, não mais um diferencial. Para fazer a diferença agora, capricha-se nas instalações e na oferta de serviços. Tal qual ilustrado na Figura 1, já é comum academia com sofás, computadores conectados à *internet*, sauna, cabeleireiro, massagem, butique e restaurante.

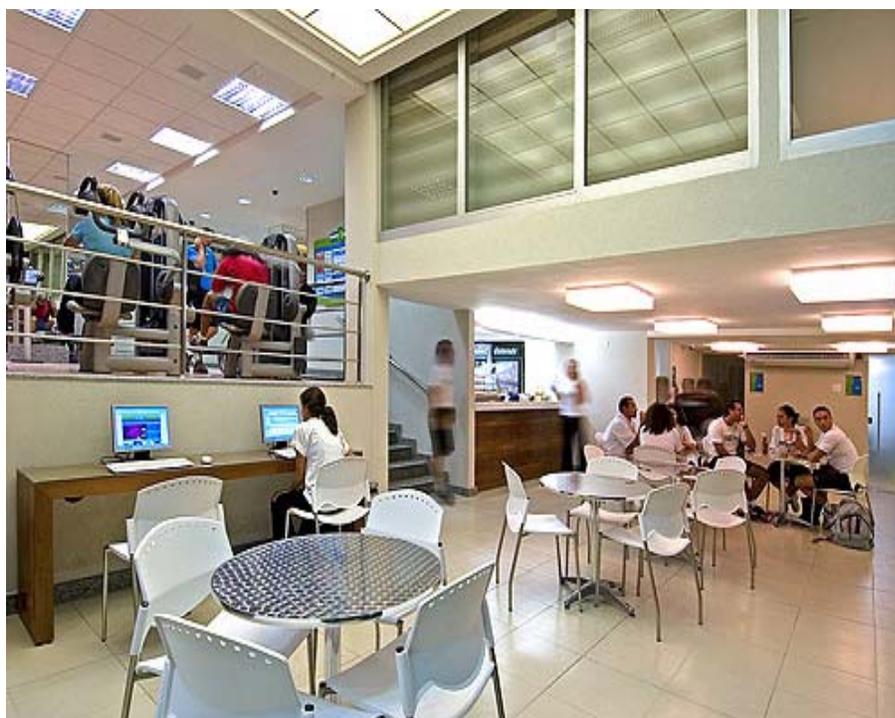


Figura 1 - Exemplo de uma academia de ginástica com espaço alternativo, onde se pode notar computadores com acesso a *internet* e uma espécie de *louge* junto à lanchonete.

Um dado interessante fornecido pela *International Health, Racquet and Sportsclub Association* (IHRSA), é que o Brasil é o quarto maior mercado do mundo, só perdendo para os Estados Unidos, a Alemanha e a Itália. A Associação das Academias do Brasil (Acad) estima que existam sete mil academias no país, mil e setecentos delas no estado do Rio de Janeiro. A Figura 2 exemplifica esse fato:

Com um pé no pódio

O Brasil está entre os ricos no mercado mundial de academias

	ACADEMIAS	ALUNOS
Estados Unidos	17 000	29,5 mi
Alemanha	6 000	3 mi
Itália	6 000	2,5 mi
Brasil	4 800	2 mi
Canadá	2 800	1,5 mi
Inglaterra	1 700	2,4 mi

Fontes: The International Health, Racquet and Sportsclub Association (IHRSA) e Associação Brasileira das Academias (Acad-Brasil)

Figura 2 – Estimativa mundial de número de academias e o respectivo número de freqüentadores, onde o Brasil aparece como quarto no ranking. Quadro extraído de uma reportagem *on-line* acessada no *site*: http://veja.abril.com.br/140201/p_072.html

Nessa conjuntura, onde a aparência é amplamente difundida e exacerbada, é praticamente impossível não perceber as pequenas, médias ou grandes ‘imperfeições’ físicas e corporais, podendo estas ser imaginárias ou não. O *presenteísmo* de viver o aqui e agora, citado por Maffesoli (1996), reflete-se no fenômeno do culto ao corpo. Mesmo aqueles mais despreocupados com isso, que nunca tinham prestado atenção no excesso de ‘gordurinha’ do abdome, na flacidez dos membros inferiores ou superiores, no bumbum meio ‘caído’ ou na gordura localizada vão, querendo ou não, ter acesso a essas novas descobertas. Apesar da preocupação em ampliar o mercado do *fitness*, parece que a maioria das grandes academias investe, quando o fazem, num *marketing* superficial, repetitivo, reducionista, voltado ao estético, aos padrões de beleza vigentes, aos modismos da época. Nos dois *sites* acessados, por exemplo, a página inicial exibia uma imagem de um homem forte e bonito - dentro dos padrões estéticos propagados - que levantava pesos. Neste contexto, Toscano (2001, p. 41) compartilha com essa visão reducionista das academias com a seguinte citação:

As academias de ginástica ainda não absorveram a mudança conceitual, a passagem de elementos puramente estéticos para um paradigma de educação para a saúde. A satisfação com o corpo é importante para a auto-estima, entretanto, essa satisfação deve ser vista como consequência do processo motor e não, como fim em si mesmo.

Em estudo realizado por Lollo (2004), sobre o perfil dos freqüentadores de academias na cidade de Campinas, demonstra-se que esse ambiente ainda é pouco freqüentado por pessoas acima de 40 anos. Os resultados do trabalho evidenciam que a maioria deles, ou seja, 92,11% se encontram entre 17 e 40 anos. Somente 1,61% têm entre 41 e 45 anos e, a partir de 46 anos, esse percentual cai para 0,96%.

É inegável que os exercícios físicos despertam resultados muito positivos relativos à saúde, à aparência e qualidade de vida, em curtos espaços de tempo. E, distante de uma visão cartesiana, é claro que o corpo se beneficia de forma integral. Ora, é muito pertinente que os indivíduos, depois de tanto esforço e dedicação, queiram ver diariamente as consequências dos seus esforços, literalmente suados, estampados em seus corpos. Sendo assim, os espelhos passam de inimigos a amigos dos clientes, demonstrando as mudanças reais, às quais o corpo é submetido, o que se torna um incentivo ainda maior para que persistam com seus objetivos. Afinal, querem ser surpreendidos por seus próprios méritos. Nada melhor do que a visão constante da própria imagem para se ter como termômetro do que o exercício físico pode proporcionar aos corpos.

Dessa forma, as academias são como oficinas, nas quais são forjados os corpos. O local onde são elaboradas, experimentadas e sistematizadas as habilidades técnicas que permitem construir e moldar este aglomerado feito de sangue, músculos, ossos, articulações, desejos e, acima de tudo, imagens e fantasias. Levando-se em conta a subjetividade humana, torna-se importante citar que a competência esportiva transmitida pelas academias parece estar muito mais voltada para fins estéticos do que para a saúde. Tal concepção pode vir ao encontro da idéia de um imaginário que perpetua uma preocupação constante: modelar o corpo segundo os padrões e as normas vigentes. Compactuando com essa idéia de um imaginário que versa sobre um determinado sentido de felicidade e de bem estar que, necessariamente, passa pela aparência corporal dos indivíduos, cabe citar:

Não à toa, a generalização de atividades físicas cujo fim reside na aparência do corpo, mesmo que, muitas vezes, mascaradas pelo discurso do bem-estar do indivíduo, é não só abundante como provocante à medida que instiga a

inauguração de academias de ginástica a cada esquina, aumentando, cada vez mais, as possibilidades e opções para cada tipo de cliente. Assim, do mais gordo, que almeja perder uns quilinhos desesperadamente, ao mais magro, que sob a tentação dos suplementos vitamínicos deseja aumentar a massa muscular, até àqueles que, sem saber muito bem como ou porquê, buscam adequar-se ao corpo da moda frequentando academias dia e noite, há sempre algo a ser feito pelo e para o corpo. (MATTHIESEN, 2006, p. 284).

Finalmente, pode-se dizer que as academias possuem uma função institucional que é extra-esportiva, pois as interações sociais realizadas em seu interior estão ligadas, principalmente, ao culto da forma física. As academias - umas mais, outras menos - apresentam-se como espécies de santuários da estética, onde a performance física dita as normas de funcionamento e organização de forma a alimentar o atual processo da construção da aparência, ou seja, os símbolos rituais do culto ao corpo.

É chegado o momento da descrição etnográfica acerca da ambiência da academia de ginástica. Quando se fala em ambiência, deve-se ressaltar que esta não remete à simples exposição causal ou linear dos objetos e das relações na qual se circunscreve. Muito além disso, a ambiência utilizada no presente estudo se refere a uma categoria do campo do imaginário, lugar de produção de sentidos e símbolos que não se esgotam e não podem ser explicados desconsiderando-se alguns aspectos da subjetividade, da afetividade, da historicidade, da cultura entre outros. Desse modo, a interpretação alça vôo no imaginário para que possam ser elaboradas algumas discussões que transcendem à lógica do ambiente e atingem alguns dos sentidos presentes nas academias de ginástica.

Retondar (2004) realizou um estudo sobre a ambiência sedutora, *glamurosa* e acolhedora das casas de bingo da cidade do Rio de Janeiro. Em seu trabalho, ele procurou demonstrar a relação da ambiência destes locais com aspectos simbólicos e imaginários que permeiam a trama dos jogadores compulsivos. Em uma passagem do seu estudo, procura demonstrar a influência que a ambiência exerce sobre aqueles que possuem uma predisposição genética perigosa para o jogo:

Assim, a compulsividade não se encontraria localizada na determinação social, nem no cromossoma, e nem na vontade pessoal. De fato, a cultura interfere, a dimensão biológica interfere e a dimensão individual também pode interferir, mas, se não houver ambiência, não haverá condições objetivas para a produção imaginária da compulsividade emergir (RETONDAR, 2004, p. 17).

As academias de ginástica, assim como as casas de bingo citadas por Retondar, possuem uma ambiência própria, que permite que indivíduos acionem alguns sentidos e potencializem um imaginário, amplamente disseminado e propagado, relativo à modelação do corpo. Através dos espelhos, da disposição física dos objetos, das imagens perpetuadas, das luzes, da música e das relações que se estabelecem entre os indivíduos, pode-se especular que a ambiência da academia, influencia e enaltece um dos imaginários contemporâneos que atribui ao corpo e à aparência, papel central na vida dos indivíduos. Nesse sentido, a aparência do corpo e a forma física assumem relevância como outros sistemas de categorização em uma sociedade, tal como categorias de classe, gênero, cor, etnia, religião entre outros (GOLDENBERG, 2002). É como se existisse uma moral estética que determina como deve ser o corpo e que caminhos o corpo deve seguir para atingir determinado modelo, ou seja, símbolos compartilhados que são expressos e propagados por determinados ritos: os símbolos rituais aos quais denotou Durand (1988).

Bachelard (2005), em seu livro *A poética do espaço*, faz uma bela metáfora da categoria ambiência com a qual se trabalha ao longo deste estudo, compreendendo o ninho, a concha e a casa como sendo imagens poéticas, isto é, aquelas que surgem sorrateiramente, tomam conta do pensamento e produzem sentidos próprios. Isto significa que, para Bachelard, a imagem precede o pensamento. Sendo assim, a imagem poética, no caso a ambiência, produz sentido no plano do mistério, da inovação, da criação. Graças à imaginação, o imaginário é algo essencialmente aberto, fluido e imprevisível.

Ao adentrar uma academia de ginástica, podem-se vislumbrar algumas questões que despertam grande atenção. Uma delas seria a disposição dos espelhos na sala de musculação e nas salas de ginástica de um modo geral. Eles existem em quantidades excessivas. É interessante que a imaginação, na medida que se confronta com essa ambiência, aciona uma série de imagens acerca do sentido de estar ali, isto é, de participar desse grupo e ser acolhido nessa trama simbólica. Entra-se no plano da imaginação simbólica de Durand (1988), cuja existência do imaginário permite a criação de diferentes imagens e, conseqüentemente, de diferentes símbolos.

Outro ponto interessante é a presença de uma balança digital, que fica localizada num canto que, no entanto, jamais é esquecida. Às vezes formavam-se pequenas filas em frente à balança. Sua utilização por parte dos alunos e funcionários era constante. Era praticamente um rito ir à balança ao chegar à academia e ao término da sessão de treinamento. Por outro lado, pode-se pensar que se cria uma paranóia com relação ao peso corporal e a balança, nesse caso, passa a representar, concomitantemente, símbolo de punição ou símbolo de congratulação. Se

o peso marcado for favorável, é um bom sinal. A sensação de dever cumprido e de meta alcançada faz bem ao ego. Mas e quando ocorre o inverso? A tendência é a autopunição. Em estudo realizado por Sautchuk (2007), relata-se de forma bem interessante o fardo de não ter obtido êxito com o exercício físico. O autor narra uma situação verídica ocorrida em uma academia e desenvolve seu estudo sob o prisma desse acontecimento:

Naquele mesmo dia abandonou a academia. Irritou-se com o professor, despediu-se das amigas e trancou a matrícula pensando em nunca mais voltar. “É demais!”: há um ano ela se exercitava com um grupo de pessoas às 7 da manhã, montada sobre uma bicicleta estática, sob as instruções e a duvidosa seleção musical do professor e, quando resolveu fazer uma avaliação corporal, recebeu a notícia de que a gordura havia aumentado. Foi “o cúmulo!”. Mas pior foi o professor que, ao interpretar um tanto surpreso os dados produzidos pelo computador, ao invés de mostrar solidariedade “fez foi tirar o corpo fora”, lançando toda a culpa em suas costas. Aquele olhar de desconfiança e as perguntas, em tom irônico, a respeito de seu consumo de doces e chocolate foram a gota d’água. Perder a confiança do professor diante de um resultado negativo como aquele a levou a não prosseguir com a atividade (SAUTCHUK, 2007, p. 181)

Essa narrativa exemplifica a cobrança existente no quesito ‘perder gordura’ que circula na ambiência da academia. Por conseguinte, acredita-se que as avaliações realizadas periodicamente com o intuito de verificar os resultados do treinamento físico só favorecem aqueles que obtiveram êxito, isto é, ‘perderam gordura’ e se aproximaram do ideal de corpo disseminado pelo imaginário. Os ‘fracassados’, em geral, não conseguem lidar com os olhares punitivos dos objetos, das formas, dos indivíduos e até mesmo dos profissionais que compõem essa ambiência favorável à modulação e ao ‘*cultuamento*’ do corpo.

No presente estudo, a observação participante se restringiu ao espaço das salas de musculação e, por isso, aborda-se aqui apenas este espaço que, diga-se de passagem, oferece uma gama de reflexões e questionamentos no que se refere ao lugar social do corpo na contemporaneidade expresso, principalmente, pelo fenômeno do culto ao corpo.

A sala de musculação, compreendida aqui pelo espaço onde se pode realizar exercício físico de forma individualizada e seqüencial, sempre sob a supervisão de profissionais de educação física era dividida em dois ambientes. O primeiro deles seria a sala de treinamento cardio-respiratório, onde se encontravam aparelhos que permitem a execução de exercícios aeróbios (esteiras, bicicletas ergométricas, *transport*¹⁴, dentre outros), isto é, exercícios que

¹⁴ Este aparelho é muito requisitado nas salas de musculação principalmente pelas mulheres, haja vista que trabalha essencialmente pernas e bumbum.

trazem benefícios para o sistema cardiovascular. O segundo espaço era composto pelos aparelhos de musculação, ou seja, aparelhos que permitem o treinamento de força¹⁵. Estes são, portanto, os espaços que compõem a sala de musculação de qualquer academia de ginástica. É claro que as academias não se resumem à sala de musculação. Outros tipos de atividades físicas são oferecidos. Entretanto, pode-se destacar que apesar de haver outras tantas possibilidades de atividades diferenciadas, toda academia de ginástica oferece o espaço descrito anteriormente: a sala de musculação. Falar-se-á então deste espaço, isto é, da ambiência que a perpassa.

No caso do *locus* da pesquisa de campo, a sala de musculação se apresenta com cores fortes e muitos espelhos. No caso do espaço onde foi realizada a observação, destaca-se o azul e o amarelo como cores que se alternavam na pintura das paredes. De acordo com Pedrosa (2002), a cor azul na cultura oriental auxilia o controle da pressão arterial, acalma e traz clareza mental. Produz tranquilidade, ternura, afetuosidade, paz de espírito e segurança, ao mesmo tempo em que reduz o estresse e promove o entendimento entre as pessoas. Já o amarelo dá vivacidade, alegria, desprendimento, leveza. Produz ‘desinibição’, brilho e espiritualidade. Atrai pessoas alegres, rejuvenesce, traz charme, poder de persuasão e energia. Além disso, o amarelo simboliza a juventude e a nobreza. Instaure-se assim, um ambiente que, ao que tudo indica, oscila entre o convite ao bem-estar e relaxamento e a exibição de poder e juventude, o que pode ser expresso pelas sensações que perpassam, principalmente, a condição corporal dos indivíduos. O corpo, que é convidado ao relaxamento e a tranquilidade, é influenciado pela simbologia do amarelo que o instiga ao brilho e à energia, isto é, à realização de uma seqüência, muitas vezes árdua, de exercícios físicos.

Enquanto algumas paredes se revezam entre o azul e o amarelo, outras se ‘restringem’ a sustentar espelhos. Imagine uma sala grande onde de um lado há paredes pintadas de amarelo com faixas finas na cor azul e do outro, espelhos que ocupam grande parte da parede. É isso! Na sala de musculação, a parede colorida de um lado ocupa a mesma proporção da parede que sustenta espelhos em frente. Logo, os espelhos permitem uma visão panorâmica de todo o espaço circundante. Não só dão a impressão de aumentar o tamanho do lugar, como também exercem influência fundamental na dinâmica dos corpos que se exercitam seqüencialmente. Podem-se denominar, então, as salas de musculação como casa dos espelhos, haja vista que há uma distribuição consideravelmente especial e representativa desse objeto nesses locais, o que poderá ser compreendido melhor no decorrer do texto.

¹⁵ O exercício de força é o principal responsável pela modelação do corpo segundo os objetivos dos indivíduos.

Imagens de indivíduos jovens e em boa forma física de ambos os sexos ‘malhando’ também podem ser encontradas pregadas nas paredes que sustentam os espelhos, nas paredes que são pintadas, assim como no *hall* de entrada. Essas imagens funcionam como dispositivos motivacionais para os alunos. Tem-se, portanto, um ambiente que é composto basicamente por aparelhos, paredes coloridas, imagens específicas e muitos espelhos que são estrategicamente espalhados. Entretanto, vale ressaltar que o dispositivo motivacional das imagens pode, também, suscitar sentidos negativos. Ora, uma pessoa que não possua o perfil das imagens propagadas em questão, tem grandes chances de se sentir pouco à vontade, não pertencente à tribo e à ambiência. Esse fato pode ser observado quando se analisa o público majoritário que frequenta o local, o que será abordado com profundidade em outro momento do trabalho.

A cada minuto de descanso, entre uma série¹⁶ e outra, a ‘olhadinha’ no espelho é automaticamente realizada. Eu mesma, enquanto aluna regular, ao longo de minhas sessões de treinamento não resistia em me admirar. Observava tudo e gostava do resultado que podia ver em meu próprio corpo, decorrente das mudanças positivas da prática de exercícios físicos. Quanto mais fazia, mais queria conferir o resultado. Mas, neste contexto surge uma dúvida: e aqueles que não possuem corpos bonitos e jovens? Será que possuem o fascínio narcíseo de olhar a própria imagem? Será que o símbolo hedônico do corpo, presente no imaginário contemporâneo, não é extremamente excludente no que concerne à classificação dos indivíduos na sociedade? O que é possível dizer é que, órfãos dos grandes ideais e das certezas que norteavam a humanidade, os indivíduos são estimulados a se voltarem para o individualismo, para a própria imagem, para o culto ao próprio corpo, último reduto de apego, fidelidade e adoração.

Ainda com relação às ‘olhadinhas’ no espelho entre um intervalo e outro, observa-se que este não é um ritual exclusivo das mulheres. Os homens também não dispensam uma averiguação. Inclusive, é notório que eles dão ênfase muito maior ao espelho do que as mulheres quando o assunto é conferir a musculatura (se está ‘crescendo’). Enquanto elas se prestam a conferir de tudo um pouco - cabelo, vestimenta, rosto, sobrancelhas, musculatura dos membros inferiores - eles se dedicam exclusivamente à apreciação da musculatura. Olham de cima a baixo a musculatura que recentemente foi ‘trabalhada’ e ficam se virando e

¹⁶ Esse termo remete à série de exercício físico e representa o conjunto de repetições contínuas realizadas da mesma forma com um sobrepeso, podendo ou não ser realizada em um aparelho de musculação. Exemplo: uma série de 30 abdominais, isto é, 30 repetições contínuas do mesmo exercício.

revirando para ter a visão do melhor ângulo possível. Fazem poses, enrijecem os músculos, ficam se admirando para, só depois, retomarem a série de exercícios.

Os espelhos também permitem um constante jogo de sedução silenciosa que se desenrola mediante a linguagem simbólica do corpo. Certo dia, durante a minha pesquisa de campo, deparei-me com uma cena muito interessante. Uma jovem, enquanto treinava, tinha atitudes que me chamaram a atenção. E não só a minha atenção, a de outras pessoas também, principalmente as do sexo masculino. A cada intervalo, entre uma série e outra, ela se alongava de maneira muito sensual. Criou-se um jogo de sedução, pois quanto mais a olhavam, mais ela provocava, ou seja, mais ainda se alongava, espreguiçava, contorcia-se e se admirava. E os homens, na platéia deste espetáculo, comentavam e se entreolhavam com entusiasmo pelo que podiam ver ali. Inclusive, fizeram até uma espécie de júri, comentando o que havia de mais ‘gostoso’ naquele corpo que então contemplavam. Em um cenário marcado pelo hedonismo em torno de uma imagem ‘cosmetizada’ e ‘fetichizada’, impregnada de conotações eróticas, sedutoras, sexuais, sensoriais e sensuais, o corpo desejável é um corpo-moeda, a um só tempo produto e objeto de compra e venda, um instrumento de produção e reprodução de sentidos e identidades, uma vitrine móvel a ser indefinidamente reformulada e copiada (FONTES, 2006). Goldenberg (2002, p. 120) enfatiza a questão do fetiche que se cria em função do corpo. Em suas palavras:

Numa sociedade em que as relações sociais são antes de tudo utilitárias, a conformidade com o ideal de beleza é um valor de mercado como outro qualquer, e encontramos aqui mais uma vez a metáfora do corpo como moeda, um fetiche que se vende, se constrói e se dá como um sinal que circula tanto no consenso dos brasileiros quanto nas retóricas repetidas pela mídia, tanto nos bastidores da vida social quanto nos palcos (Goldenberg, 2002: 120).

Esta foi a primeira cena, dentre muitas outras que presenciei a longo da imersão em campo, em que me deparei com a sedução e com a ‘espetacularização’ do corpo permitida pelos espelhos. Debord (1997, p.16) enfatiza que “o espetáculo é a afirmação da aparência. Ele se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de o que aparece é bom, o que é bom aparece”. Na verdade, o evento narrado pode ser compreendido como um jogo de sedução, que ocorre não apenas entre indivíduos que apreciam o corpo alheio, mas também com a sedução entre os indivíduos e eles mesmos, o que acaba causando uma efervescência e um exibicionismo acerca das aparências, isto é, o

“prazer dos sentidos” da sociedade pós-moderna (MAFFESOLI, 1996, p. 14). Uma eterna tensão entre o ‘mostrar-se’ e o ‘ser visto’.

Muitas vezes não me sentia à vontade nesta ambiência, justamente por essa disposição dos espelhos. Ninguém consegue passar por ali despercebido. E este fato, a falta de anonimato, era uma das coisas mais almeçadas por mim todas as vezes que eu entrava na sala de musculação. O ‘mostrar-se’ e o ‘ser visto’ me traziam grande desconforto. Houve dias em que me senti muito pouco à vontade. Era como se eu me sentisse vigiada o tempo todo por tudo e todos à minha volta. Tinha o anseio de me tornar invisível. Não queria conversa com ninguém, queria ficar introspectiva, ‘na minha’, o que é praticamente impossível acontecer num ambiente onde há uma necessidade constante de interagir com os outros, até mesmo pelas próprias regras de convivências intrínsecas ali. A exposição exacerbada do corpo, portanto, na academia, funciona como o *panoptismo* Foucaultiano, cuja visão é direcionada para aquilo que interessa ser visto. O corpo é manipulado, vigiado, coagido, isto é, preso em um simulacro (FOUCAULT, 1987).

Luzes brancas podem ser encontradas ao longo de todo o teto da sala, o que faz com que o local seja muito bem iluminado, claro, límpido, o que analogamente remete ao aspecto de assepsia presente também em hospitais, casas de repouso, consultórios e clínicas estéticas. Tudo está sempre muito limpo, em ordem. Não há nada sujo, fora do lugar, ou com aparência velha ou descuidada. Este aspecto também pode ser confirmado pela presença de produtos de limpeza espalhados por toda a sala. Estes podem ser usados pelos alunos antes e/ou após a utilização de cada aparelho com o objetivo de limpar o suor para o próximo que for utilizá-lo. É mais freqüente as mulheres limparem os aparelhos antes e depois. Os homens, em geral, só passam o produto de limpeza ao terminarem o exercício, o que pode ser resultado do fato deles suarem mais que as mulheres. Logo, seria muita indelicadeza da parte masculina deixar o aparelho todo molhado de suor. Esta, dentre outras, compõe algumas das regras que permeiam esta ambiência e que admitem uma convivência pacífica e harmoniosa.

Essa assepsia toda descrita acima não combina com desleixo. Ao contrário, a clareza representada pela iluminação do ambiente remete ao sentido de limpeza. Fazendo uso da análise de discurso (ORLANDI, 2001) é como se os corpos tivessem que entrar em consonância com a ambiência e, nesse caso, corpos fora do imaginário majoritário ou corpos que não praticam os ritos ali propagados poderiam ser considerados ‘sujos’ ou ‘turvos’. Ainda com a análise de discurso, é possível analisar a frase que fica espalhada em praticamente toda a sala de musculação: “seu corpo na medida exata”. Ora, isso significa que existe a medida certa para o corpo e que ali é o espaço propício para alcançar essa exatidão toda. A clareza e a

limpeza do ambiente auxiliam na composição de uma ambiência bastante favorável à disciplina, a lucidez e a auto-superação.

Um quadro logo na entrada da musculação disponibiliza uma série de opções de profissionais especializados: o chamado *personal trainner*¹⁷. Neste quadro havia fotos de homens e mulheres, profissionais de educação física, que atuavam como *personal trainers*. Dando uma atenção especial ao quadro em questão, percebe-se que as imagens traziam pessoas muito bem cuidadas, com uma ótima aparência, corpos em plena forma física, e todos muito sorridentes. A necessidade dos profissionais em questão mostrarem-se felizes e alegres parecia ser um ponto crucial para cativarem alunos e serem, conseqüentemente, bem sucedidos. Não havia nenhuma imagem em que qualquer um deles não estivesse com largos sorrisos e com ar de felicidade.

Outra frase espalhada pela academia também chama a atenção: “mais de 1000m² de pura energia”. Novamente, com a análise de discurso (ORLANDI, 2001), é possível inferir que a frase remete ao sentido de que ali é o ambiente certo, que dispõe de variados espaços para a prática das mais diversas modalidades físicas. Seja na musculação, na ginástica, ou em qualquer outra atividade disponível, as pessoas estão ‘suando a camisa’ para atingir o tão almejado modelo corporal e, assim, compartilham um modelo de ser e de cuidar do corpo, o que Boltanski (2004) chama de uso social do corpo. E, para tanto, a energia é indispensável. Não há espaço para indivíduos preguiçosos ou para falta de disposição para o exercício. Novamente um sentido de ‘culpabilização’ para aqueles que não se envolvem com as possibilidades de se moldar.

Na saída da academia, depara-se com uma imagem de uma mulher ‘sarada’ apontando para frente com o dedo, seguida da seguinte frase: “não deixe de vir amanhã! Estamos esperando por você!” Ou seja, com a análise de discurso, tem-se a seguinte idéia: nem pense em desistir - fato este que ocorre com grande frequência - pois a academia, como um todo, está aqui pronta e preparada para receber e acolher todos. Um discurso que funciona da seguinte forma: “nós estamos aqui para lhe dar a força que você precisa para seguir em frente. Não desista de tentar ser como essa imagem!” A ambiência vai seduzindo e convencendo o indivíduo por meio da produção imaginária, que suscita na idéia de que ali é um lugar ideal para cultivar o corpo. Ali existe todo um aparato específico para isso.

¹⁷ Necessariamente professor de educação física, responsável pela elaboração, pela prescrição e pelo acompanhamento de um programa de atividades físicas, definido segundo os objetivos do cliente e de seu quadro de saúde e de aptidão física.

Destacam-se também as caixas de som, que ficam espalhadas por todos os cantos. Por falar nas caixas de som, ressalta-se que o estilo de música tocada varia muito pouco. Geralmente se restringe a estilos *dance music*¹⁸. Na verdade, existia uma rádio específica da academia. Era uma gravação que simulava uma rádio e tinha o nome da própria academia. No intervalo das músicas havia, inclusive, propaganda sobre a lanchonete do local com o discurso de que ali as pessoas encontrariam subsídios alimentares específicos para o treinamento no que se refere ao ganho de massa muscular ou ao emagrecimento.

A música na academia já ganhou tamanha importância, que em alguns lugares existe até uma pessoa especializada ‘colocando o som’, os chamados *DJs*. No Rio de Janeiro e em São Paulo, algumas academias de grande porte já aderiram a esse novo e moderno recurso motivacional. Entretanto, o estilo da música é pouco variável. Será que o ritmo constante da música agrada a todos, inclusive aos mais velhos? Ou será que estes, para se sentirem mais vigorosos, as escutam com aparente prazer, como símbolo de que ainda podem se sentir como na juventude? Talvez, estar ali ouvindo uma música altamente estimulante possa simbolizar uma energia a mais para a prática do exercício. Com uma batida forte e marcada, o estilo *dance* passa a ser um convite ao treinamento. Agora imagine que, ao invés desse estilo musical, tocasse na sala de musculação uma música instrumental, relaxante como um *jazz* ou um *blues*, por exemplo. Será que a ambiência criada possuiria sentidos semelhantes? Será que o clima seria propenso para a propagação do treinamento físico e, conseqüentemente, para o enaltecimento do fenômeno do culto ao corpo?

Nessa perspectiva, é quase uma imposição constante modelar o corpo, como se o objetivo de qualquer pessoa fosse aumentar infinitamente a força muscular e a massa magra. Muitas vezes a observação me fazia pensar que era realmente esse o objetivo da grande maioria das pessoas e o que me levou a pensar assim foi observar a fisionomia dos companheiros durante o treinamento. Os rostos expressavam muito sofrimento e dor. Pareciam que estavam sob fortes torturas, principalmente nas repetições finais de cada série. Questionava-me se aquele ambiente permitiria alguém ficar satisfeito com o nível físico que tivesse alcançado, isto é, se permitiria algum indivíduo não apresentar uma ambição crescente com relação à melhoria da estética corporal. Muito pelo contrário, o que podia ser observado é que queriam cada vez mais. Os pesos eram sempre aumentados, as repetições eram cuidadosamente contadas, as respirações, as posturas e os intervalos rigorosamente

¹⁸ Segundo a enciclopédia Wikipédia o estilo *dance music* pode ser definida como um estilo de música feita eletronicamente com batidas fortes e marcadas que, em geral, são tocadas em casas noturnas, festas.

respeitados. Percebe-se, então, a disseminação do *bodybuilding*, por meio do qual cada indivíduo se torna ‘gestor’ do próprio corpo.

Um primeiro elemento desse programa de domesticação generalizada do *bodybuilding* toma a forma de uma injunção paradoxal: é preciso *sofrer se distraindo*. A sofisticação eletrônica do material quer fornecer novos meios pra favorecer a constância exigida pela disciplina e combater a dor do esforço e também o tédio da rotina. As máquinas tornaram-se mais conviviais, “dialogáveis”, capazes de encorajamentos amigáveis e oferecendo simulações ao gosto de cada um para, digamos, “aumentar a motivação” (COURTINE, 2005, p. 85, grifo do autor).

Houve alguns dias em que senti grande desconforto. Esses dias se resumiam, principalmente, àqueles em que aumentava os pesos ou modificava a série de treinamento, o que me exigia (fisicamente) mais do que o normal. Então me questionava: “será que isso tudo vale a pena? Será que preciso disso? Que perda de tempo!” Depois, pensava melhor no lado positivo dos resultados e dos benefícios que o exercício me traria: “na verdade, estou ganhando tempo, e não perdendo, pois estou ganhando saúde e longevidade”. E ia mais longe: “agora que estou gostando do resultado, gostando daquilo que estou vendo no espelho, agora que meu corpo está ficando esculpido, tenho que prosseguir”. É como se os resultados provenientes do exercício, expressos pela modelação corporal acionassem uma espécie de compulsão que podia ser percebida não só em mim, mas na maioria daqueles que levava o treinamento a sério. Quanto mais se modifica o corpo, mais ainda se quer cultuá-lo.

O culto ao corpo na academia parecia não dar espaço para pessoas que simplesmente aceitam o corpo como é. E, por trás desta incansável busca, encontra-se um novo e disseminado mito de que a atividade física é o melhor remédio para todos os males (CARVALHO, 2004). Mas será mesmo que o exercício físico realizado ali acaba realmente acarretando saúde para aqueles que o fazem? Será que a *docialização* dos corpos, como questionou Foucault (1987), resulta apenas em aspectos positivos? Pelo que pude observar, a resposta a estas questões é negativa. Pesquisas comprovam que qualquer atividade física, quando aliada a uma dieta alimentar saudável, pode evitar infarto, problemas respiratórios e melhorar a qualidade de vida das pessoas. Mas, quando realizada em excesso, pode trazer resultados indesejáveis.

O exagero em praticar exercícios pode transformar a pessoa em um vigorético. Muitos casos de vigorexia¹⁹, tanto em homens como mulheres, puderam ser observados. Além disso,

¹⁹As pressões da sociedade moderna são responsáveis pelo surgimento de distúrbios da imagem corporal que resultam em transtorno alimentares, tais com a bulimia e a anorexia. Uma doença cuja frequência tem aumentado

casos de compulsão pelo exercício - pessoas que passavam mais de duas horas por dia durante pelo menos 5 (cinco) vezes na semana - também puderam ser observados concomitante ou não aos casos de vigorexia. Conheci uma mulher muito forte que ‘malhava’ lá. Era notável, pela sua aparência, que ela fazia uso de algum suplemento alimentar ou, até mesmo, de anabolizantes e que sofria de vigorexia. Ela ia para academia com uma calça e um *top* minúsculo que deixava a mostra todos os seus músculos. Possuía abdome, braços e pernas definidos e com grande circunferência. Sua voz me chamou muita atenção por ser grossa, como se fosse de um homem - o que provavelmente é resultado de um dos efeitos indesejáveis das mulheres que fazem uso de esteróides anabolizantes. Como citou Sabino (2004), é cada vez maior o número de indivíduos que, disciplinadamente, fazem uso de drogas ilegais para se esculpir. Essa mulher, por exemplo, levantava uma quantidade muito grande de peso e, por isso, chamava muita atenção. Por incrível que pareça, algumas mulheres e alguns homens, diferente de mim, olhavam-na com admiração. Eu, muito pelo contrário, olhava-a com certo espanto, principalmente quando via que ela era capaz de ‘pegar mais peso’ do que muito homem - algo que fisiologicamente é contraproducente.

Voltando à convivência no ambiente, outra regra existente é a chamada regra do revezamento. Qualquer pessoa que esteja utilizando um aparelho deve, obrigatoriamente, revezar com alguém que queira fazer o exercício também naquele momento. Na verdade, a maioria das pessoas não gosta muito de revezar. Isso ocorre porque muitos aparelhos possuem uma regulagem específica para a execução dos exercícios, que varia de acordo com a estatura, com as dimensões corporais, bem como com a massa muscular e experiência. No entanto, sorrisos um tanto quanto forçados são lançados no momento da pergunta: “posso revezar com você?” A resposta que se escuta também carregada de simpatia é: “claro!” Alguns mais tímidos ao invés de perguntar, ficam ao lado do aparelho esperando que ele seja desocupado, até que a pergunta é lançada: “você quer revezar o aparelho?” A resposta nessas situações vem como uma pergunta retórica: “faltam quantas séries?” E, dependendo da resposta, isto é, se aquele usuário disser que está terminando, normalmente se ouve: “não, eu espero! Obrigado.”

Eu, quando queria utilizar um aparelho que estava ocupado não pedia pra revezar. Ficava extremamente constrangida, pois tinha a exata noção de que ali o treinamento, para

nos últimos anos é a vigorexia, que tem como principal sintoma a valorização excessiva da silhueta perfeita. A pessoa que possui este distúrbio busca tornar o corpo magro e musculoso a qualquer custo, mesmo que isto lhe traga prejuízos futuros. Apesar da vigorexia ser mais comum entre homens, ela também pode ser vista em mulheres. Os sintomas da Vigorexia se evidenciam pela obsessão em tornar-se musculoso. Essas pessoas olham-se constantemente no espelho e, apesar de musculosos, podem ver-se enfraquecidos ou distantes de seus ideais.

muitos, era coisa muito séria e um simples intervalo maior entre uma série e outra poderia interferir na otimização do mesmo. Ainda que não fosse tão importante para mim, procurava respeitar o treinamento alheio. No máximo, ficava perto e esperava que alguém me perguntasse se eu gostaria de revezar. Minha resposta era sempre a mesma: “Não, eu espero! Obrigada!” Se demorasse muito, ia para outro aparelho que não estivesse sendo utilizado e depois voltava àquele.

Ao mesmo tempo em que sentia meus músculos trabalhando, questionava sobre que razão, efetivamente, eu e todas aquelas pessoas estávamos ali. Desconsiderando o aspecto acadêmico e qualquer juízo de valor pensava: “ora, que relação simbólica se estabelece entre essa parafernália toda e os indivíduos?” “Que sentido pode haver em puxar e empurrar um monte de ferros e sofrer com aquela dorzinha tão típica e compartilhada da última série de um exercício realizado para um mesmo grupamento muscular? Será um prazer de sentir os músculos trabalhando? Um pensamento no resultado?” Hansen e Vaz (2004) acreditam que a dor e o sofrimento presentes nas academias de ginástica adquirem caráter legitimador. Segundo os autores, é importante não apenas sentir a dor, mas mostrar aos demais companheiros que a estão sentindo.

Quando se pratica algum esporte, quando se joga, quando se dança ou quando se entrega a momentos de lazer, em que os corpos se envolvem de forma totalmente lúdica, pode-se dizer que há, momentaneamente, uma evasão da vida real, a ponto da ‘brincadeira’ virar coisa séria (HUIZINGA, 2007). Na sala de musculação, o que parece ocorrer é que essa evasão da vida real ocorre de forma um tanto quanto diferente. Como evadir se o objetivo ali não é apenas o prazer momentâneo? Em geral, não se ‘malha’ (designando esse termo como o exercício realizado na musculação) pelo simples prazer de ‘malhar’ - mesmo que existam pessoas que afirmam que assim o fazem - ao contrário do jogo, que pode ser considerado um fim em si mesmo. Quando o indivíduo joga, esquece o mundo, mergulha em seu imaginário, suas fantasias, seus desejos. Quando ele ‘malha’, também vai fundo em seu imaginário, mas é um imaginário da disciplina, da regra, do que está por vir, do resultado almejado. Sem querer generalizar, mas tendo como respaldo a pesquisa de campo, pode-se especular que o ato de ‘malhar’, em si, não é prazeroso para muitos que o fazem. Aquele momento é um rito, mas o melhor das sensações que ele propaga está ainda por vir, não se encerra com o fim da série, mas se inicia com essa finalização.

Algumas conversas amistosas revelam a dificuldade de muitas pessoas em frequentar a academia com regularidade. A rotatividade é intensa, ou seja, algumas pessoas vão religiosamente durante uma semana inteira, contudo acabam desaparecendo durante duas ou

três. Ao voltarem, são cobradas por parte dos profissionais ou dos companheiros: “ué, desistiu?” E a resposta girava em torno de: “não! Tive alguns problemas, mas já estou voltando”. Não ouvi nenhuma resposta que assumisse uma desistência mesmo, fosse por falta de interesse ou por falta de vontade. As explicações, nesse caso, eram voltadas para questões pontuais e nunca para pontos questionadores ou reflexivos do tipo: “não estava vindo porque estava realmente sem vontade. Odeio isso aqui!”.

Muitas vezes chegava bem desanimada na academia. Sem deixar a tarefa da pesquisa de lado, tive a oportunidade de ‘sentir na pele’ a maneira com que a ambiência nos convida e nos estimula a cultivar ao corpo. Titubeava tendo que reforçar a mim mesmo de que estava ali não para ‘malhar’, mas sim para fazer minha pesquisa de campo referente à minha dissertação de mestrado. Ao ver as pessoas alegres, os professores sorridentes e os belos corpos passando à minha frente, pensava: “não é possível que só eu tenha essa preguiça toda pra me exercitar”. Aliado a esse pensamento, ainda me sentia culpada por estar desanimada em um ambiente que vende imagem de energia e saúde. Sentia-me mal em ver que não tinha a disposição da maioria dos indivíduos ali e, principalmente, de algumas mulheres que se apresentavam em ótima forma física. Por outro lado, olhava-me no espelho e via que o exercício estava realmente modificando todo o meu corpo. O exercício o estava moldando, afinando-o, tornando-o mais rígido e definido. Gostava muito do que via e isso me estimulava a prosseguir e a não permanecer com pensamentos negativos. Nesse momento, o espelho era o maior responsável por me fazer seguir em frente. E assim o fazia.

Fora do ambiente da academia, também passei a me admirar mais perante os espelhos da minha casa, fato que vai ao encontro da visão de Goldenberg (2002) sobre a capacidade da “autodisciplina” de cuidar do corpo ser considerado uma virtude na sociedade contemporânea, capaz de classificar o indivíduo como pertencente ou não a uma tribo de “valor superior”. Quanto mais o tempo ia passando e o treinamento surtindo efeito, mais gostava do meu corpo. O espelho era quase uma ‘fissura’. Não o resistia. Tinha a sensação de que o exercício estava resultando numa melhora significativa da minha estética corporal. Gostava do que via e ficava estimulada a prosseguir para observar as mudanças no meu corpo (diminuição da gordura localizada e enrijecimento da musculatura). A partir das mudanças, ia gostando mais e mais de me observar, fosse em casa ou na própria academia, durante o período de treinamento. Estava praticamente embriagada com minha própria imagem corporal, isto é, com o mito de Narciso.

Muitas vezes, ao chegar à noite na academia, sentia como se tivesse chegado a uma boate. O volume muito alto da música despertava um instinto que estimulava a dança o tempo

todo. Não raro, alguns indivíduos marcavam as batidas da música com o corpo e, outros mais desinibidos, arriscavam singelos gestos corporais dançantes, sempre de frente para os espelhos. Assim, parecia estar disseminado um imaginário que compreende aquele ambiente com um local aonde pessoas felizes e saudáveis se encontravam para cultivar o corpo e trocar amenidades. Aparentemente, um ambiente de relaxamento, para revigorar as energias. Mas e com relação à disciplina, a auto-superação, e o desafio de ultrapassar os próprios limites? Na verdade, pode-se inferir que estes quesitos vigoram o tempo todo. Chega-se a um paradoxo: de um lado os prazeres do exercício e de outro a gestão rigorosa do corpo. Para tanto, utiliza-se uma passagem de Courtine (2005, p. 87):

No seio dessa cultura de massa do corpo, o *bodybuilding* - e também todo o conjunto de práticas que dele são vizinhas - pode então, desde cedo, desempenhar o papel de contra-exemplo. Seu ambiente disciplinar é, às vezes, extraordinariamente estrito, e sempre coercitivo. Que as mesmas práticas possam portanto servir de apoio para duas teses aparentemente opostas já é suficiente para revelar sua ambigüidade, se quisermos caracterizá-la em termos de prazer e sofrimento. Fica evidente também que as práticas não podem ser organizadas de modo unívoco nas categorias demasiadamente simples do hedonismo de hoje e da disciplina de ontem.

Relato que, algumas vezes, o som e a batida constante da música me incomodavam. Este fato ocorria principalmente à noite, pois como é, sem dúvida, o horário mais freqüentado pelos alunos, parece que há mais conversas, o que faz com que o volume da música também tenha que ser aumentado. O público da noite costuma ser diferente do resto do dia. Essas questões sobre as tribos presentes na academia e a forma de organização das mesmas é abordado mais profundamente no sub-capítulo ‘o símbolo da tribo: o corpo’. Voltando à questão do incômodo da música, lembro-me que uma vez senti tanta dor de cabeça que saí antes mesmo de terminar minha série. Assim que me deparei com a rua, o céu, o ar livre, a lua cheia, fui acometida por uma indizível paz de espírito. Era como se estivesse presa em algum lugar por alguma necessidade especial e, de repente, visse-me totalmente livre de novo.

A vestimenta é um apetrecho interessante de ser analisado. Esta auxilia na conformação de uma ambiência que coloca o corpo em destaque, principalmente pela sensualidade que ela suscita. Não é qualquer roupa que é utilizada na ‘malhação’. As mulheres (independente da idade), por exemplo, costumam utilizar calças ou bermudas de material bem flexível, que adere ao corpo, facilitando a execução dos movimentos. Blusas curtas (aderentes ao corpo) ou *tops* são, em geral, acessórios das mulheres que se encontram

em boa forma física. Camisas ou camisetas mais soltas servem para disfarçar o excesso de peso ou as inadequações corporais no sexo feminino. Acessórios são amplamente difundidos: brincos, pulseiras, anéis, relógios, prendedores de cabelos, bolsas, celulares, aparelhos de som (*mp3 ou ipod*) entre outros.

Os homens, por sua vez, usam bermudas e camisetas (com mangas ou sem mangas – as chamadas regatas). A variação existente na vestimenta deles é inferior se comparada àquelas das mulheres. Enquanto elas abusam nas estampas das calças, eles se restringem a cores mais básicas nas bermudas. A estampa mais difundida nas bermudas deles utilizadas na academia é a florida, o que remete à tribo dos surfistas.

O calçado de ambos os sexos é o tênis, mas se engana quem pensa que o tênis ocupa importância inferior na construção *identitária* de quem frequenta as academias. Com o avanço da tecnologia, os calçados específicos de malhação vêm sendo desenvolvidos com alta qualidade, sendo muito recomendados para a prevenção de possíveis lesões decorrentes do treinamento físico. Hoje, eles são encontrados facilmente no mercado de consumo a preços bem acessíveis. Aliado aos tênis, as meias, também, se destacam: a grande maioria dos indivíduos utiliza meias bem curtas, que praticamente ficam no entorno do próprio tênis, fazendo com que não seja possível visualizá-las.

A roupa descrita pode ser compreendida com um símbolo do valor concedido ao corpo. A roupa feminina aderente ao corpo realmente facilita a execução dos movimentos corporais. Mas será que uma roupa mais confortável, mais solta, que expusesse menos a forma do corpo, também não faria o mesmo efeito, isto é, não permitiria a realização adequada do treinamento físico? Sim, esta vestimenta faria o mesmo efeito daquela. Mas como ficaria a apreciação do corpo? Como observar a modelação constante a que o corpo é submetido? Sim, porque uma roupa mais folgada, que ‘esconda’ o corpo, não possibilita uma boa apreciação do mesmo. Não expõe o corpo e não o enaltece. Muito pelo contrário, pode-se dizer que a vestimenta espalhada na academia parece não apenas focalizar e enaltecer a forma corporal, mas também estimular a erotização do corpo na medida em que o coloca praticamente despido frente ao seu dono e frente aos demais.

A casa dos espelhos, da música, das luzes brancas, das roupas sensuais, da disciplina e da irreverência é designada, aqui, como as academias de ginástica que, sob a ótica da ambiência, acolhem, seduzem, propagam, estimulam, convidam, e perpetuam o fenômeno do culto ao corpo na sociedade contemporânea. As academias, de um modo geral, possuem uma lógica própria de funcionamento, que faz com que os indivíduos que as frequentam acionem seus imaginários e construam redes simbólicas específicas referentes ao corpo. Tais redes

acabam por ser apropriadas de maneira semelhante por todos que fazem da academia um lugar efetivo de culto ao corpo. No anexo 1, encontram-se algumas imagens retiradas da *internet* ilustrando salas de musculação e salas cardio-respiratórias de academias de grande porte.

- A motivação humana: o profissional de educação física

Dado que o profissional de educação física é o responsável e o interventor na prescrição do exercício físico nas academias de ginástica, torna-se relevante que se realize uma explanação e uma descrição acerca da sua atuação profissional - o que envolve seu comportamento e suas atitudes - segundo o lugar social e a ambiência nos quais está inserido. No entanto, antes de entrar na análise dos dados, propriamente dito, destaca-se uma fundamentação teórica acerca do tema.

Para Da Costa (1994), a importância de se estudar o cotidiano do corpo em seus respectivos ambientes culturais, está perfeitamente adequada aos perfis das recentes tendências de pesquisa científica. Em se tratando da educação física na atualidade, uma das formas de fazer pesquisa científica é compreender o que as etnografias provocam em relação às representações e práticas sobre o corpo e as atividades corporais (LOVISOLO, 1995).

A educação física brasileira vive momentos de transição e mudanças, tornando-se cada vez mais necessário evidenciar, identificar e desenvolver suas dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas. Segundo Ulmann (1993 *apud* BRAUSTEIN & PÉPIN, 1999), a educação física, pelo próprio sentido do termo (a conjugação das palavras *educação* e *física*) é uma ação de uma cultura sobre uma natureza. A educação física não trata exclusivamente do corpo - natural -, mas também das questões psíquicas, sociais e culturais atribuídas a ele. Neste contexto, é mister pensar o significado da educação física. Para que finalidades a educação física utiliza o corpo? Como é praticada?

Tendo em vista a crescente busca pelos espaços das academias de ginástica como uma alternativa viável para a *cultuação* do corpo, percebe-se que o profissional de educação física vem assumindo grande responsabilidade devido ao trabalho de mediação que exerce. O profissional de educação física é responsável por prescrever, orientar e acompanhar todos aqueles que se inserem no âmbito da prática da atividade física ou desportiva. Portanto, é indispensável o conhecimento de suas competências profissionais para o desenvolvimento do presente estudo.

Ressalta-se que, curiosamente, abordar-se aqui o profissional da área e não o professor de educação física. Existe uma diferença entre as denominações, que se refere a um longo e antigo processo de discussão sobre as duas formas de graduação em educação física (Bacharelado/Licenciatura). Estipulou-se que o curso de Licenciatura forma profissionais para atuarem na Educação Básica - escolas - sendo estes denominados professores. Já o Bacharelado, qualifica os profissionais para trabalhar em toda a parte esportiva extra-escolar, tais como: clubes, academias, centros desportivos etc. Portanto, estes últimos são denominados profissionais de educação física e não professores (Conselho Federal de Educação Física - CONFEF²⁰, 1998).

Mesmo com essa dupla formação possibilitada pelos cursos superiores de Educação Física, é importante salientar que não se pretende nesse estudo desconsiderar o viés de educador do profissional que atua no campo extra-escolar. Ainda que o Conselho que rege a profissão em âmbito nacional entenda que o professor de educação física é aquele que atua na educação formal, compreende-se aqui que a área do *fitness* (que compõe as academias de ginástica) é, também, campo de atuação do que pode ser denominado de professor. Desse modo, por uma questão de legislação, optou-se pela utilização do termo profissional em detrimento do termo professor sem, contudo, haver concordância com as idéias que regem tal denominação.

A educação física ganha notoriedade na área da saúde devido à nova visão consciente da sociedade perante os exercícios físicos em que os adeptos, de todas as idades, buscam entender melhor o próprio corpo, os riscos que correm e os mecanismos para o desenvolvimento de uma vida saudável e, também, de uma aparência física almejada.

Cresce consideravelmente o número de Instituições de Ensino Superior (IES) oferecendo esse curso de graduação. Segundo o censo realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2003) - que é o indicativo mais recente disponibilizado -, só no estado do Rio de Janeiro, este número chega a 21. Em nível nacional, são 182. Aumenta, concomitantemente, o número de concluintes da graduação em educação física. O censo aponta para 751 formados no Rio de Janeiro apenas em 2003. No Brasil todo, este número sobe para 5346. Apesar de toda esta expansão, antigas críticas sobre a formação acadêmica desse profissional ainda perduram. Barbanti (1991) acredita que o

²⁰ O Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), pelas suas atribuições e comprometimento diante da sociedade brasileira, fundamentalmente por uma consecução de uma educação física de qualidade, possui a competência de apontar e identificar a intervenção profissional da educação física – profissão regulamentada em 01 de setembro de 1998 através da lei 9696.

profissional de educação física não tem tido a preocupação de oferecer conhecimentos adequados sobre o relacionamento entre a prática de exercícios e a saúde.

O mercado de trabalho do profissional de educação física é bem variado. Pesquisas revelam que as academias de ginástica têm sido a escolha de muitos profissionais, principalmente os recém formados. Melo (1995) afirma que isso pode ser constatado pelo crescimento acelerado da procura dos indivíduos pelas atividades físicas desenvolvidas em estabelecimentos fora da educação formal, como, é o caso das academias, ambiente que é foco desta pesquisa.

A educação física engloba um vasto conjunto de atividades e exercícios físicos além dos esportes, bem como todo o conhecimento bio-psico-social, que é necessário para estudar tais atividades, que envolvem a totalidade do movimento humano. Dessa forma, pode-se considerar o profissional de educação física como o principal responsável pela orientação física das diversas formas da execução de esportes, exercícios e atividades físicas.

A atividade docente, o ensino da Educação Física, a orientação técnica e física de equipes desportivas, as situações de ensino e treinamentos da cultura física – da iniciação desportiva ao desporto de alto nível – devem ser de competência exclusiva dos profissionais de nível superior, professores de Educação Física. Estes profissionais, com a competência necessária para o desempenho destas funções, estariam para a cultura física assim como os profissionais de mesmo nível, como odontólogos e engenheiros estão para a odontologia e a engenharia. (PEREIRA, 1988, p.120).

De acordo com as diretrizes curriculares nacionais²¹ (parecer CNE²²/CES²³ 0058/2004), a educação física caracteriza-se a partir de três dimensões interdependentes. A dimensão da prática de atividades físicas, recreativas e esportivas; a dimensão do estudo e da formação acadêmico-profissional; a dimensão da intervenção acadêmico-profissional. A dimensão da prática de atividades físicas, recreativas e esportivas refere-se ao direito dos indivíduos conhecerem e terem acesso às manifestações e expressões culturais que constituem a tradição da educação física, tematizadas nas diferentes formas e modalidades de exercícios físicos, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial e da dança. A prática das manifestações e expressões culturais do movimento humano é orientada para a promoção,

²¹ As diretrizes curriculares nacionais têm como objetivo permitir que os currículos propostos possam construir perfil acadêmico e profissional com competências, habilidades e conteúdos, dentro de perspectivas e abordagens contemporâneas de formação pertinentes e compatíveis com referências nacionais e internacionais, capazes de atuar com qualidade e eficiência.

²² Conselho Nacional de Educação.

²³ Câmara de Educação Superior.

prevenção, proteção e recuperação da saúde, para a formação cultural, para a educação e reeducação motora, o rendimento físico-esportivo, o lazer, como também para outros objetivos decorrentes da prática de exercícios e atividades físicas, recreativas e esportivas.

Ainda segundo o parecer 0058/ 2004, embora a formação em educação física esteja inserida na área da Saúde, é imperiosa a compreensão do seu caráter multidisciplinar, que além de possuir um corpo de conhecimento próprio, utiliza-se de conhecimentos produzidos no contexto das ciências biológicas, humanas, sociais, bem como em conhecimentos da arte e da filosofia.

Ora, se o profissional de educação física tem como principal instrumento de trabalho as diversas manifestações e expressões da cultura corporal referentes ao movimento humano cabe a ele entender de forma significativa esse processo, de acordo com o momento histórico no qual está inserido. E não é apenas o momento histórico que deve ser analisado, outros fatores, tais como classe social, gênero e idade devem ser também considerados, a fim de que seu trabalho seja efetivamente positivo, respeitando o propósito real da profissão, como sugerem as diretrizes curriculares nacionais.

Os dados coletados na pesquisa de campo apontam que os profissionais de educação física que atuam em academias de ginástica apresentam comportamentos bem semelhantes se comparados uns com os outros. Os dados demonstram também que a análise de seus gestos e atitudes é indispensável para o mapeamento da ambiência da academia, o que se enquadra no objetivo central do estudo. O profissional de educação física, ou melhor, suas interações com o ambiente que o cerca e com os indivíduos envolvidos, em consonância com outros fatores, constroem uma trama imaginária que contribui para a emergência do culto ao corpo nas academias de ginástica.

Os profissionais exercem influência fundamental nesta ambiência. Além de orientarem a prática propriamente dita, encaminhando, corrigindo e melhorando a execução dos movimentos de seus alunos, eles atuam também de forma quase terapêutica, ouvindo seus anseios, suas frustrações, suas dores, suas aspirações. Concomitantemente, o profissional de educação física deve se evidenciar sempre feliz e saudável, incentivando os alunos permanentemente, sem permitir que insistam ou conservem pensamentos negativos e desestimulantes. Antunes (2003) assinala que os próprios profissionais acreditam que a facilidade de relacionamento e a capacidade de motivar são aspectos importantes em suas atuações profissionais.

O meu primeiro contato com o profissional foi bem interessante. Um ponto inicial de discussão é o fato destes, em geral, parecerem possuir a exata noção de todos os alunos que

freqüentam a academia no horário em que estão trabalhando. Ao chegar pela primeira vez na academia, fui abordada de forma muito gentil e simpática pelo profissional do horário. Interpelou-me perguntando meu nome, se eu era aluna nova e se precisava de alguma ajuda no treinamento. Respondi que ele não precisava se preocupar comigo, porque eu também era professora de educação física. Então, ele me deixou bem à vontade. Mas a simpatia do primeiro dia não foi regra que se estendeu a todos os profissionais. Como estive em horários diversificados, o que me possibilitou contato com absolutamente todos os profissionais da academia, posso dizer que alguns poucos deles não são nem simpáticos e nem tampouco prestativos. Estes, aos quais me remeto, praticamente restringiam seus cuidados e suas atenções ao público jovem. Mas não qualquer jovem, e sim àqueles ‘sarados’: os verdadeiros ‘marombeiros’. Enquanto ficavam de bate-papo, o ‘resto’ dos alunos tinha que se virar para sanar qualquer tipo de dúvida.

Algumas pesquisas (ANTUNES, 2003; PEREIRA & DE PAULA, 2007) demonstram que a vida útil do profissional de educação física na sala de musculação é curta. Os resultados destes trabalhos apontam para o fato de que a média de idade e o tempo de atuação na área da musculação são muito baixos, o que pode ser causado pela exacerbada valorização do aspecto físico e jovial dos profissionais nesses ambientes. Nas palavras do autor de um dos trabalhos citados anteriormente:

O número de instrutores é crescente até 30 anos e de 30 a 35 anos já há diminuição desse número. Esses dados indicam a sobre valorização da condição física e aspecto jovial para esse mercado de trabalho, pois quando o profissional adquire experiência e maior possibilidade de conhecimentos o número deles é menor (ANTUNES, 2003, p. 1).

Durante a pesquisa de campo, foi comum observar ‘algumas’ jovens, em particular, desfrutando de excesso de cuidados por parte de alguns profissionais. ‘Elas’ eram acompanhadas minuciosamente, recebendo um tratamento totalmente diferenciado do restante do grupo. Ao final do treinamento, ainda ‘ganhavam’ um sessão individualizada de alongamento, fato totalmente incomum na academia, a não ser quando o aluno está acompanhado do seu *personal trainer*.

Ironicamente, na sala de musculação, há um quadro com algumas regras e recomendações de utilização do espaço, dentre as quais se encontra o seguinte dizer: “Temos profissionais especializados para atendê-los. Não hesite em procurá-lo para tirar qualquer

dúvida”. O que, na lógica da análise de discurso (ORLANDI, 2001), remete aos sentidos de dever e de competência, ou seja, é função do profissional de educação física orientar, pois ele tem conhecimento especializado. Por conseguinte, ele está ali exclusivamente para isso, mesmo que não perceba as dificuldades dos alunos - o que, ao que tudo indica, parece ser comum - o aluno pode e deve interceder.

Em minhas observações, pude perceber que o profissional em questão está sempre muito bem cuidado com relação à aparência: roupas alinhadas - mesmo sendo uniformes; cabelos bem tratados (tanto no sexo feminino como no sexo masculino); para os homens barba bem feita, além de estarem sempre perfumados. Muitos deles exibiam tatuagens, o que, aliás, é um símbolo compartilhado por grande parte dos freqüentadores de academias. É mais fácil achar alguém que exiba ao menos uma do que alguém que não a possua. No estudo de Antunes (2003), sobre o perfil de instrutores de academia de ginástica, constatou-se que os profissionais em questão prezam muito pela aparência. O resultado da pesquisa assinala que 84,62 % consideram a boa aparência essencialmente importante no que se refere ao exercício e ao sucesso da profissão. Ainda segundo Antunes (2003, p.3): “[...]cuidar da higiene corporal é muito importante para qualquer profissional. No caso do instrutor de ginástica e musculação a aparência física (estética) pode servir como exemplo e motivação para os clientes”. Com uma idéia similar, Pereira (1996) acredita que o instrutor de academia é o centro das atenções, isto é, fica exposto o tempo todo. Por isso, ele deve estar muito atento não apenas à sua aparência, mas, sobretudo, às suas atitudes.

Com relação ao corpo dos profissionais, pode-se afirmar que a maioria possui corpos de aparência saudável, isto é, não possuem excesso de peso (com exceção de uma mulher) e, quando malhados, não apresentam distúrbios de imagem (com exceção de um homem que aparentava sofrer de vigorexia, haja vista que era muito ‘malhado’). Parece que ainda há um estereótipo de que para atuar na área que vende saúde, a imagem de um corpo bonito é estritamente necessária, salvo algumas exceções que, geralmente, não remetem a sobrepeso²⁴ ou obesidade, mas sim ao outro lado da questão que é o ganho e aumento descomedido de músculos.

Em geral, independente do horário, há no mínimo três profissionais atuando concomitantemente. Estes se revezam entre a sala de musculação e a sala cardio-respiratória.

²⁴ O sobrepeso é quando o cálculo do índice de massa corporal (IMC) fica entre 25,0 e 29,9. O IMC é calculado pelo razão entre o peso (kg) sobre a altura ao quadrado. A fórmula é: kg/altura^2 . A classificação segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é a seguinte: se o resultado for menor que 18,5 o peso está abaixo do normal; se estiver entre 18,5 e 24,9 é considerado normal; entre 25,0 e 29,9 é sobrepeso; entre 30,0 e 34,9 é obesidade grau I; entre 35,0 e 39,9 é obesidade grau II; e acima de 40,0 é obesidade grau III.

Com relação ao sexo dos profissionais, percebe-se que a grade maioria é do sexo masculino. Ao longo dos inúmeros horários e dias em que frequentei, deparei-me com apenas cinco mulheres. Considerando um mínimo de três profissionais por turno, esse valor demonstra uma certa hegemonia do sexo masculino, seja por interesse ou por oportunidade mesmo. Cabe, pois, refletir: será que a ambiência das salas de musculação, que exige o levantamento de ‘pesos pesados’ a todo o tempo, combina mais com a imagem masculina de força e virilidade? Ao pensar em outras atividades físicas como a ginástica, por exemplo, percebe-se que o inverso é verdadeiro: há mais profissionais do sexo feminino que do sexo masculino. A ginástica possui outro foco: movimentos coordenados, que também utilizam sobrepeso (no caso, pesos livres - halteres e caneleiras) que, no entanto, são mais graciosos e delicados e, ainda, devem estar em consonância com o ritmo da música. Sem querer aprofundar uma questão de gênero, inserida dentro das opções do campo de trabalho da educação física, pretende-se, ao menos, deixar registrada aqui essa ponderação.

Muitas vezes, o professor (neste caso do sexo masculino) auxiliava os alunos com uma ‘força a mais’ na execução da última repetição da série de um dado exercício. Esse fato ocorre com grande frequência e existe como medida de segurança, haja vista que, ao final de uma série, as reservas de energia dos músculos já estão praticamente esgotadas. Mas, quando se trata de auxiliar alunos e não alunas, essa ‘força a mais’ é muito superior e, provavelmente, incompatível com os aspectos anatômicos e fisiológicos de muitas mulheres. Portanto, era comum que os professores auxiliassem tanto os homens como as mulheres e as professoras se restringissem a auxiliar as mulheres no momento da finalização de uma série. Nesse sentido, torna-se interessante reforçar o aspecto motivacional, intrínseco à educação física, ao menos na ambiência, com o qual se trabalhou no presente estudo. Para Antunes (2003), os profissionais devem ajudar seus alunos a alcançarem os almejados objetivos da melhor maneira possível, o que ocorre por meio de um bom relacionamento, do conhecimento acerca do seu aluno, da compreensão sobre suas inquietações e do esclarecimento de suas dúvidas.

O treinamento, realizado com o auxílio do *personal trainer*, era totalmente disseminado. Os profissionais, quando não estavam em seus horários fixos na sala de musculação, estavam atendendo seus clientes de forma especializada e individualizada. Misturava-se, assim, com os três professores fixos do horário, uma gama de *personal trainers*. De dia, pela manhã ou à noite. O horário pouco importava. Existia uma grande quantidade de alunos desfilando com os seus treinadores em diferentes momentos. *Status*, seriedade, especificidade ou um estímulo a mais? Não se sabe ao certo quais os sentidos que remetem a ter ou não ter um *personal* e nem é objetivo do trabalho sabê-los. O importante é

especular a forma com que essas e outras questões se enredam e se entrelaçam no mapeamento da ambiência. Logo, é necessário esmiuçar as diversas vertentes para que seja possível a aproximação com algumas facetas do fenômeno em questão: o culto ao corpo.

Quando se depara com o treinamento personalizado, percebe-se que o público feminino é o que mais procura esse serviço. Na imersão em campo só vi um homem que ‘malhava’ acompanhado do *personal*. O restante do público, que não era nada pequeno, era constituído por mulheres das mais variadas idades. O homem em questão era obeso e, coincidentemente ou não, escolheu para acompanhá-lo e orientá-lo, o único profissional (no caso uma mulher) que não possuía formas corporais semelhantes às dos demais colegas de profissão. Ela apresentava sobrepeso, o que é incomum ao papel social que ocupa. Talvez o fato dela não apresentar o padrão corporal disseminado e almejado, tenha o impulsionado a buscar uma profissional, assim como ele, fora dos padrões vigentes.

Por que será que as mulheres apelam mais para o treinamento individualizado? Maior cobrança da sociedade? Maior tendência a desistência? Apelo da moda ou do estilo de vida massificado? Alguns estudos apontam que a ênfase dada ao corpo feminino veio se modificando intensamente nas últimas décadas até chegar ao que pode ser observado hoje como a incansável busca pela magreza - símbolo da identidade feminina na atualidade (PEREIRA, 2006). Segundo Brasília (2001), as mulheres, apesar de terem se emancipado em muitas questões sociais na contemporaneidade, foram submetidas a novos discursos de aprisionamento do corpo, propiciados pela eterna busca pela beleza. Sendo assim, mesmo com todas as transgressões masculinas que transformaram e ainda transformam o estilo de vida masculino, as mulheres, se comparadas aos homens, utilizam em maior quantidade as diferentes tecnologias capazes de modificar e melhorar a estética corporal. Logo, o corpo - sem importar se é feminino ou masculino - desponta como consumidor de produtos, ao mesmo tempo em que é a própria mercadoria. Não se compactua aqui com a idéia de que a ênfase no corpo é algo exclusivamente feminino. Entretanto, ao considerar a conjuntura histórica das mulheres na cultura ocidental, pode-se inferir que algumas conseqüências das conquistas femininas recentes ainda não foram muito bem compreendidas. Através da dinâmica expressa pelo corpo inserido dentro da academia de ginástica, na perspectiva do fenômeno do culto ao corpo, por exemplo, é possível que essas e outras questões relativas à categoria gênero possam ser observadas e compreendidas.

Em estudo realizado por Berger (2007), demonstrou-se que, em dado momento histórico, as mulheres passaram a se sentir ameaçadas pelas imagens de corpos bonitos, expressos nos meio de comunicação de massa. Esse momento, segundo a autora, foi marcado

pelo início da exposição de mulheres com corpos ‘sarados’ em programas de televisão de grande circulação, que popularizaram personagens como a *Feiticeira* e a *Tiazinha*. A autora prossegue dizendo que:

Até mulheres que não faziam ginástica sentiram-se ameaçadas por estas imagens de mulheres sedutoras, que poderiam enfeitiçar seus companheiros e roubar-lhes a atenção. Aderir à malhação, para algumas delas, foi uma tentativa de diminuir a distância entre elas e as gostosas da televisão (BERGER, 2007, p.124-125)

Outra consideração interessante é a questão de gênero, representada pela majoritária escolha de um *personal trainer* do sexo masculino para a supervisão do exercício. As mulheres, público que aparentemente mais faz uso desse serviço, geralmente optam por professores e não professoras. Dentre a grande quantidade de *personal trainers* que compõe a academia no dia-a-dia, observaram-se apenas dois do sexo feminino, sendo que uma delas é a que foi referida acima como portadora de sobrepeso.

Com relação ao papel do profissional em questão, pode-se considerá-lo como um grande interventor. Mais do que isso, ele exerce função central na concretização dos objetivos dos alunos com respeito à modelação corporal. São muitas as situações em que eles se destacam como os grandes estimuladores, motivadores e responsáveis por acompanhar e reinventar formas e estratégias para que seus alunos não desistam ou se desestimulem.

Além disso, o alunado cobra dicas e conhecimento o tempo todo. Não raro, era possível observar os profissionais tendo que se desdobrar em especialíssimas explicações sobre determinado tipo de exercício para convencê-los e instigá-los a modificar algumas questões no treinamento ou para sanar diversas dúvidas. Fora isso, eles cobravam atenção continuamente. Questionavam se estariam se exercitando da maneira certa ou se o aparelho estava bem regulado. Ou seja, levavam muito a sério. Não estavam ali de brincadeira. Queriam poder ver nos seus corpos a concretização de seus desejos e, para isso, exigiam muito dos profissionais. Na verdade, o aluno já chega com um conhecimento prévio que advém dos meios de comunicação de massa como a *internet*, a televisão e as revistas especializadas ou até mesmo as não especializadas - isso porque qualquer jornal ou revista atualmente traz alguma reportagem sobre os cuidados com o corpo sob a ótica da atividade física. Antunes (2003) aponta em seu estudo que a grande maioria dos profissionais entende o conhecimento científico acerca do treinamento físico primordial para uma otimização profissional.

Presenciei uma conversa informal de um grupo de professores (quatro mulheres e um homem), quando estes questionavam a dificuldade da profissão. Queixavam-se de ter que trabalhar em diversos locais e nos horários mais complicados possíveis (extremidades do dia ou da noite). Um deles trabalhava até as onze da noite, sendo que no dia seguinte tinha que estar às seis da manhã em outro emprego. Queixavam-se também com relação à cobrança dos alunos referente a conhecimentos nutricionais com ênfase no emagrecimento. Segundo eles, ‘não tem jeito’, a estética é sempre o objetivo principal do aluno, mesmo que não admitam isso facilmente. O interessante é que a conversa chegou num ponto em que começaram a revelar as fórmulas que cada um adotava no dia-a-dia para manter a boa forma. Nesse contexto, cada um tinha seu segredo que ali, naquele momento, passava ser compartilhado com os demais.

Um dia estava na sala cardio-respiratória e, ao mesmo em tempo que pedalava na bicicleta ergométrica num ritmo bem leve, fiquei observando uma mulher que transpirava muito ao se exercitar. Esta, enquanto treinava num ritmo intenso, conversava com o profissional que ali estava. Este ficou a escutando por uns vinte minutos, sempre sorridente e muito solícito ao bate-papo, que mais parecia um monólogo. E, sem muita surpresa de minha parte, constatei que a conversa, ou melhor, o monólogo, girava em torno dos quilos a mais que ela havia ganhado na gravidez e que tentava eliminar, sem sucesso, há quase dois anos. A voz do professor não tinha espaço ali. Algumas curtas frases podiam ser ouvidas e se resumiam a incentivá-la e encorajá-la.

Que papel exerce o profissional de educação física que atua em academias de ginástica? O que representa a sua imagem para os alunos? De que forma sua imagem contribui para a conformação de uma ambiência acolhedora e estimuladora nas academias no que se refere ao culto ao corpo? A princípio, pode-se dizer que ele é o responsável pelo local. Só isso já demanda muitos encargos. Ele é estimulador e, por isso, está sempre aparentando felicidade, alegria e bom humor. Não raro, é também bastante irreverente, afinal tem que ser agradável para com o público com quem atua. Por mais que seja importante que o profissional de educação física domine os conhecimentos da fisiologia, da anatomia e do treinamento, parece que o trato pessoal é o seu grande mérito. Em outras palavras, o que mais é levado em consideração é a capacidade que ele tem de atuar como um motivador. De nada adianta ter um ótimo conhecimento científico sobre as variáveis desse campo de conhecimento, se não tiver a ‘ginga’ do profissional de academia bem sucedido. Essa ‘ginga’ é justamente o que faz com que os alunos sejam estimulados a persistir e a gostar de freqüentar esse ambiente, mais ainda, gostar de freqüentar em função de quem trabalha ali.

Coelho Filho (1999) faz uma crítica a respeito da valorização de certos quesitos de profissionais de educação física que atuam em academias de ginástica. Segundo o autor, a vida útil desse profissional vai até os 40 anos (com exceção daqueles que se preocupam em retardar o processo de envelhecimento). O autor verificou também que a juventude e os aspectos motivacionais são mais valorizados do que a competência, a experiência e o conhecimento. É fato concreto que muitos alunos escolhem seus horários e seus dias de treinamento, dentre outras variáveis, em função de quem está trabalhando naquele momento específico. Desse modo, antes de qualquer coisa, os profissionais devem cativar o alunado, o que vai responder, ainda que de forma parcial, à questão da ambiência acolhedora e estimuladora da academia.

A questão de gostar do profissional que trabalha no horário em que se dedica ao treinamento é muito importante. Eu sentia um mal-estar quando o profissional responsável pelo horário que eu me exercitava - neste caso, do sexo masculino - não tinha, nem de longe a 'ginga' do profissional de educação física. Frequentemente, este me interpelava de uma forma muito simpática e agradável, mas por ser extremamente tímido, o diálogo se tornava forçado e eu acabava ficando constrangida por ele. Não tinha muito traquejo. Irreverência então nem se fala. Está certo que era muito educado, mas isso não era suficiente para criar um ambiente acolhedor, sedutor e cativante. Vinha o tempo todo me perguntar se eu precisava de ajuda, se estava tudo bem e, ainda por cima, ficava me olhando fixamente enquanto me exercitava. Tal fato me incomodava profundamente, pois me sentia vigiada o tempo todo. Em compensação, havia outro professor que, ao contrário, apenas me cumprimentava com um largo sorriso, o que era suficiente para que eu me sentisse muito à vontade, pertencente ao lugar e ao grupo. Além disso, saber que encontraria com ele era uma motivação a mais para mim, enquanto saber que ia encontrar com o outro era não só desestimulante, mas também algo evitado ao máximo. Não é possível desvencilhar a imagem que nós alunos temos dos professores, do sentimento de atração ou repulsão que a ambiência da academia provoca.

A questão do estímulo também pode ser representada pela constante sugestão de aumentar a carga dos alunos, em especial a das mulheres. As sugestões, em sua maioria, são assim: "está leve! Vamos aumentar isso aí?". Sendo que a pergunta é quase uma imposição, pois concomitante à mesma, é realizada efetivamente o aumento da carga para que esta seja incorporada na realização da próxima série. Logo, partindo do princípio de que o sentido maior da ambiência da academia é o culto ao corpo, o fato descrito acima vai ao encontro da idéia do profissional como segurança, estimulador, acolhedor, responsável, interventor e também, mediador.

Outro exemplo de estímulo por parte do profissional de educação física foi retratado em outro dia. Uma menina jovem na sala de musculação estava no meio de uma série e, quando parecia que ia desistir antes de terminar, foi interpelada: “Não pára, não”! Entretanto, ela parou e ele, claro, questionou-a: “é assim mesmo, mas você não deve parar no meio. Tente chegar até o fim”. Ressalta-se que os espelhos, de certa forma, beneficiam seu trabalho, pois permitem observar uma grande quantidade de alunos ao mesmo tempo, além de tornar possível a correção da execução de determinado exercício, como foi nesse caso, haja vista que a aluna estava de um lado e o professor do outro da sala de musculação.

De outro prisma, é passível pensar que o profissional auxilia na disseminação da idéia de que o treinamento, para ser otimizado, deve ser levado até o ponto de exaustão. Assim sendo, ao mesmo tempo que estimula, o faz de forma disciplinadora e desmedida com relação à sensibilidade do indivíduo. Surge a pergunta: será que é realmente preciso sentir dor para se beneficiar com os resultados advindos da prática do exercício? Será que é possível praticar e, mais ainda, prosseguir com a prática do exercício sem sentir prazer naquilo que faz?

Um dado dia ocorreu um fato interessante comigo. Queria muito fazer um exercício que trabalhasse a musculatura do bumbum (glúteos), entretanto nem cogitava a idéia de fazer quatro apoios²⁵, pois além de achar a posição meio constrangedora, todas as vezes que fiz exercício dessa forma tive queda de pressão arterial, o que fez eu me sentir muito mal. Sendo assim, arrisquei-me a fazer um aparelho que desconhecia totalmente, mas que achava que trabalharia a musculatura em questão. O profissional do horário, ao ver minha tentativa frustrada de utilização do aparelho, veio em meu auxílio, demonstrando a forma correta de fazer o movimento. Mesmo assim, não obtive sucesso. Não conseguia fazer e nem utilizá-lo corretamente. Então ele me sugeriu que fizesse o ‘quatro apoios’ dizendo que era, sem dúvida, o melhor exercício para fortalecer os glúteos. Respondi que não gostava de fazer tal exercício e, para minha surpresa, obtive a seguinte resposta: “a gente tem que fazer muitas coisas que não gosta mesmo!”. E continuou: “você gosta de correr, por exemplo? Eu odeio correr, mas corro porque sei que é importante. Odeio malhar perna, mas fazer o quê?”. A análise de discurso (ORLANDI, 2001) dessa frase demonstra que o próprio profissional atribui um sentido concomitante de obrigação e sofrimento ao exercício. Quando fala que odeia, mas mesmo assim faz determinado tipo de exercício, revela um ‘imaginário apolíneo’ de vencer seus fantasmas e construir seu corpo com disciplina e auto-superação. Portanto, nada mais

²⁵ Esta posição remete ao apoio de joelhos e cotovelos no solo (por isso o quatro apoios) e é utilizada para a execução de exercícios para o bumbum. Justamente por trabalhar o bumbum é o exercício cujo as mulheres mais se dedicam na musculação.

coerente do que difundir e propagar esse imaginário numa ambiência, que é marcada o tempo todo pela tensão ‘dionisíaca’ e ‘apolínea’.

Mas e com relação ao profissional de educação física nesse contexto de propagação do culto ao corpo? Mesmo o entendendo como produtor de sentidos e como parte constituinte da categoria ambiência, é interessante que seja abordado, mesmo que de forma elementar, um pouco do que eles sentem e pensam sobre a propagação desse fenômeno e o ambiente de trabalho ao qual pertencem.

Uma conversa entre um profissional e alguns alunos me chamou bastante atenção. O profissional em questão se tratava de uma mulher jovem que, fugindo à regra, apresentava sobrepeso. O assunto da conversa girava em torno da estética e dos desejos de mudanças corporais que cada um almejava. A certa altura, cada um especificava o que gostaria que fosse diferente em seu corpo, apontando para o mesmo na tentativa de demonstrar o quão distante era o desejo da realidade nua e crua em que se encontravam. Então, ela disse com veemência que ainda ganharia na mega-sena e que no dia em que isso acontecesse, ela ficaria melhor do que todos os que estavam ali. Esse discurso demonstra que o profissional compartilha com o alunado a ansiedade, o desejo e, por vezes, a frustração de não ter o modelo de corpo dentro dos padrões de beleza propagados. Além disso, concebe o corpo como uma massa de modelagem (RODRIGUES, 1983), passível de ser recriada a qualquer custo, demonstrando que a ambiência também o instiga ao desejo da perfeição corporal.

O profissional de educação física que atua em academia de ginástica, ao mesmo tempo em que é parte constituinte da ambiência, é por ela influenciado. O seu modo de agir, pensar, interagir e de se comportar com os indivíduos e com o ambiente propriamente dito não é algo arbitrário. Existe toda uma trama e um enredamento imaginário, que são perpetuados, exigindo dele, o profissional, um determinado padrão de comportamento específico. No entanto, muitas vezes ele também é (re) significado pela ambiência da academia, fazendo com que se distancie do lugar social que ocupa e afunde nas relações simbólicas que ali se estabelecem e que tem como pano de fundo o corpo. Sua imagem produz sentidos nos alunos e na ambiência, mas não se pode deixar de considerar que ele se encontra imerso e embriagado nesse emaranhamento. Portanto, o ambiente e os alunos também produzem sentidos nele, o que faz com que ele possa, em alguns momentos, deixar de lado a vertente profissional e ser ele mesmo, deixando aflorar suas fantasias, seus desejos, seus fantasmas, seu imaginário, dentro de um contexto cujo culto ao corpo prevalece. Antes de profissional de educação física, que vende saúde e exercício físico, ele é um indivíduo que, num contexto

contemporâneo, compartilha símbolos. Aluno e professor se fundem, buscando juntos, a melhora da estética corporal.

- O símbolo da tribo: o corpo

Vive-se na atualidade uma redescoberta do corpo, o que pode ser facilmente observado através da propagação realizada pela mídia e pelos meios de consumo, no entanto que significados esse processo possui? Que sentidos são atribuídos ao corpo e de que forma esse corpo almejado é buscado? Como ocorre o rito entre o desejo do corpo perfeito e o reflexo disso exposto fisicamente? A princípio, como já dito anteriormente, é possível especular que essa busca é, em geral, ‘suada’, sofrível e muito disciplinada.

O que pode ser denominado de corpo? Uma manifestação física da alma? Uma manifestação da consciência e/ou da inconsciência? Um ‘objeto’ regido pelos indivíduos, que torna a vida humana possível? A forma palpável que insere os indivíduos no mundo? Para tanto, recorre-se a Le Breton (2006, p. 7):

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade.

O corpo, no contexto que está inserido nesse trabalho, é também um símbolo tribal, partilhado pela comunidade de todos aqueles que freqüentam a academia de ginástica. Independente dos objetivos que levam os indivíduos até lá e dos sentidos que atribuem ao corpo, eles compartilham um uso de corpo comum, ao menos naquela ambiência. Trabalham-no e moldam-no seguindo ritos bem semelhantes, perpetuando um imaginário que faz com que possam ser denominados de ‘malhadores’. Nessa perspectiva, Maffesoli explica que é através da *tactilidade* dos corpos, que as pessoas passam a se agrupar nas sociedades complexas:

É assim que se pode compreender o que chamarei de *tactilidade* contemporânea, esse horror ao vácuo que leva à agregação indiferenciada,

que faz com que, sem o menor sentido, as pessoas se reúnam. Essa tactilidade pode ser considerada a forma contemporânea de uma relação com o outro que faz a economia da mediação racional e finalizada. De fato, o processo de atração-repulsão e a ambiência estética que lhe serve de moldura, o acento sobre a globalidade, tudo isso favorece uma configuração social em que os pólos objetivo e subjetivo têm tendência a se esbaterem (MAFFESOLI, 1996, p. 35).

Sendo assim, nas academias de ginástica existe um *'ethos'* que se pode denominar de *'ethos do malhador'*. Este remete a uma lógica própria para aqueles que freqüentam esses locais. O rito e o esforço são valorizados por este grupo fazendo com que muitas vezes estas questões componham um símbolo de *status*, que vai determinar a diferenciação entre os *'verdadeiros malhadores'* e os *'falsos'*. Para Torri; Bassani; Vaz (2007), o enfrentamento da dor, do sofrimento, do sacrifício e da privação é freqüentemente encarado como algo corriqueiro e *'normal'* por parte dos freqüentadores de academias.

No *'ethos do malhador'* percebe-se a importância da classificação em grupos do interior da própria comunidade, de forma que o conhecimento e a dedicação ritualística são sempre valorizados. A trajetória do *'malhador'* se apresenta como um forte sistema cultural que pode ser claramente observado na ambiência das academias de ginástica que, no entanto, não se encerra apenas nesta dimensão. Logo, as emoções humanas também passam a ser orientadas em direção a um propósito comum: o culto ao corpo com a consequência, ou não, da melhora da estética corporal. Os valores sobre o corpo, que se apresentam de forma incisiva pela sociedade, são reproduzidos por estas comunidades de forma fiel e, por elas, são também propagadas. E quando se fala em valores, sensações, emoções e sentimentos, é relevante citar a visão de Maffesoli sobre o que pode ser englobado no sentido do termo estético que, segundo o autor, rege as formas de agrupamentos humanos na pós-modernidade. Nas palavras de Maffesoli (1996, p.156):

Assim, comprazer-se na aparência, ligar-se aos jogos das formas é reconhecer que a estética - no sentido que muitas vezes dei a esse termo: o de emoção comum - inscreve-se na globalidade do dado natural e social, e que é um elemento de destaque para compreender essa mesma globalidade. Foi o que chamei de "paradigma estético".

Na pesquisa de campo, encontraram-se diferentes *'microtribos'*, o que pôde ser observado através da condição corporal dos indivíduos e dos usos que faziam do corpo. Sendo assim, considerando o corpo um símbolo tribal, destacam-se duas grandes tribos, que se revezavam ao longo dos diferentes horários possíveis de freqüência da academia: a tribo dos

que preconizam saúde (expressa por indivíduos adultos e idosos, que percebem o exercício como uma forma de melhorar a qualidade de vida); a tribo dos que cultuam o corpo em nome de um imaginário de beleza (expressa por jovens de ambos os sexos, adultos e, também, idosos que compreendem o corpo como uma massa de modelagem, cujo exercício físico é o maior aliado).

Um fato interessante é que os indivíduos de ‘idade avançada’ podem ser encontrados em ambas ‘microtribos’. Contudo, os indivíduos mais jovens, em sua maioria, foram encontrados apenas nas tribos que cultuam o corpo em prol da beleza. Essa divisão dos frequentadores em ‘microtribos’ foi realizada em função da observação de que, em determinados turnos de funcionamento, a academia se transforma. Na verdade, o público, mesmo possuindo certa hegemonia, isto é, formando uma determinada tribo (afinal, para estar ali tem que compartilhar e estar de acordo com determinados símbolos que perpassam essa ambiência de ‘malhador’), apresenta sutis diferenças de apropriação dos sentidos e símbolos circulantes.

Considerando que todos os alunos da academia constituam uma tribo, uma comunidade ou um grupo, é possível dizer que determinados símbolos são partilhados e o sentido de comunhão desses símbolos é fortemente propagado. Sobretudo, em diferentes horários, com determinados objetivos e na perspectiva de certa diversidade - afinal existe, por exemplo, um contingente ínfimo de alunos idosos - comunga-se o sentido tribal. Partindo de uma vontade, efetiva-se tal vontade em função da busca do local para concretizar o desejo e, por fim, mergulha-se no rito que tem por finalidade cultuar o corpo, seja qual for a perspectiva. Os indivíduos estão sempre uns com os outros, juntos dos outros. Todos querem atingir o fim determinado. Querem ter sucesso e se preparam muito para isso, ficando expostos à lei da atração e da repulsão. Presume-se que, ao entrarem em consonância com a ambiência descrita, são por ela atraídos e, em contrapartida, muitos são repelidos. Individual e coletivo se misturam e se entrelaçam, fazendo com que ambos componham um novo corpo social. Sagrado e profano passam a coexistir, ou melhor, constituem categorias que operam simultaneamente. Para reforçar a idéia acima, cita-se uma passagem do livro *No fundo das aparências*:

Pois é exatamente do corpo social que se trata atração-repulsão. De início, do corpo pessoal, com seus “humores”, sua sensualidade, suas exigências e suas coações, em seguida, desse corpo que se defronte, roça entre outros corpos, e finalmente, de um corpo coletivo, de um “corpo místico” segundo a tradição cristã, resultando dos fluxos, dos contatos, das evitações, das acomodações induzidas pelo espaço que se partilha. Todas as coisas que

remetem à interatividade, cara à teoria de comunicação, e, acrescentarei a interpenetrabilidade dos corpos, cuja importância começa a ser apreciada. De fato, a atração e a corporeidade caminham juntas, e, de um modo mais ou menos marcante, nossas teorias começam a levar em conta esses fenômenos (MAFFESOLI, 1996, p.34).

Em suma, o rito que ocorre nas academias de ginástica na forma de culto ao corpo pode ser compreendido como uma metáfora do que ocorre na sociedade contemporânea com relação à nova forma de organização social, expressa pela propagação de tribos (MAFFESOLI, 2006). O ‘*ethos*’ de cada tribo tem algo em comum com a forma de organização social das sociedades pós-modernas, mais precisamente, com a formação de comunidades no sentido do imediatismo, do compartilhamento de símbolos, sentimentos, significados, sentidos, emoções e objetivos.

Assim sendo, é possível o aprofundamento no conhecimento do processo de formação de comunidades nas academias de ginástica, focando-se no sentido do termo “*communitas*” empregado por Turner (1974). O autor, ao estudar a peregrinação e os ritos de passagem de sociedades tribais, identificou um momento - representado pelos ritos de passagem - no qual ocorre uma perfeita e horizontal interação entre os participantes, cujas hierarquias se anulam, passando a existir uma nova relação entre as pessoas. Neste estágio, surge um sentimento de fraternidade e integração entre os membros da comunidade, quando suas identidades são direta e imediatamente confrontadas, livres de divisões sócio-culturais. Turner chama este estado de “*communitas*”. Outro ponto importante em seu trabalho, é que o autor foge à noção de que a “*communitas*” possui uma localização territorial específica, geralmente de caráter limitado. Para ele, a “*communitas*” surge onde não existe estrutura social, ou seja, esta modalidade não necessita de uma “área de vida em comum”.

Turner, de forma semelhante à Maffesoli, estende às sociedades contemporâneas a existência de períodos nos quais agrupamentos humanos podem experimentar o estado de “*communitas*”. Ele mesmo cita, como exemplo, os processos interativos ocorridos em alguns eventos nos anos 60 (do século passado), que resultaram no movimento *hippie* como comunidade. Esses conceitos podem ser associados à possibilidade de transformação social pelo movimento dialético entre as fases limiars (ritualísticas) e uma reestruturação da organização social. Contudo, esta “*communitas*” deve ser entendida não só como a manifestação de uma forte e singular coletivização, mas como a manifestação da individualidade, mesmo sob o prisma do coletivo.

Da Matta (1997) fez observações semelhantes a respeito dos ritos carnavalescos brasileiros. Segundo o autor, o carnaval se caracteriza por ser um momento especial, cujas diferenças e barreiras são quebradas, além de ser demarcado por uma festa que, simultaneamente, salienta o coletivo e o individual. A “*communitas*” ou “*antiestrutura*”, pelo fato de ser potencial ou idealmente extensiva aos limites da humanidade, difere nesse ponto da estrutura ou da “*sociedade fechada*”, ou seja, foge à estrutura e à regra. No contexto do presente trabalho, este estado de “*communitas*” ou a formação de tribos, pode ser expresso pela busca fusional, imediatista, hedonista, a partir do quê as academias de ginástica surgem como um espaço simbólico que abriga regras próprias, já mencionadas no momento em que foram descritas. Os ideais de solidariedade, fraternidade, horizontalidade e igualdade transparecem nas relações sociais que se estabelecem nesse ambiente, não se encerrando apenas aí. Todos comungam objetivos que, mesmo não sendo os mesmos, perpassam o corpo, e para tal, muitas outras esferas da vida social são influenciadas por estas questões.

Alguns dados da pesquisa de campo merecem destaque no sentido de exemplificar determinadas questões já abordadas. À noite, por volta das dezenove horas, começam a chegar à sala de musculação indivíduos jovens e fortes que são, em grande maioria, do sexo masculino. Eles chegam como se fossem realmente os ‘donos do local’. Falam alto, gesticulam, cumprimentam os professores e iniciam seus treinamentos com grande disposição. Os professores parecem se distrair bastante em conversas com esse público específico, o que faz com que esqueçam que existem outras pessoas no local precisando de seus cuidados. A música alta também é um ponto característico desse horário, fazendo com que seja impossível manter uma conversa num tom de voz normal. Antes mesmo de chegar à academia, no *hall* de entrada, já é possível escutar vozes, conversas, barulhos fortes de pesos batendo no chão, barulho de placas colidindo umas contra as outras nos aparelhos, e música num volume muito alto. Os homens desse horário se ajudam muito durante o treinamento, fazendo a segurança das últimas repetições das séries um dos outros. Na verdade, é possível denominar esse grupo específico de ‘microtribo’ no sentido *Maffesoliano* ou, até mesmo, “*comunitas*”, no sentido proposto por Tuner.

Como visto anteriormente, existe o processo ritualístico, que ocorre quando se realiza um planejamento de exercícios físicos para atingir o padrão de beleza almejado. Este rito faz com que, no momento incisivo da busca pelo corpo perfeito, desenvolva-se o estado de “*communitas*” nessa ambiência. Apresenta-se neste contexto a “*antiestrutura*”, a fuga da “*estrutura*”, que pode ser demonstrada, sob o viés do lúdico, do festivo, da sedução, da alegria, da horizontalidade das relações ou da atenuação das diferenças sociais, culturais,

religiosas, sexuais dentre outras. Por outro lado, é possível dizer que as regras que regem a ambiência e a “comunitas” são carregadas de “estrutura”, disciplina, normas e preceitos, o que é indispensável para que ela possa existir e se difundir.

O processo ritual que permeia a “communitas” dos ‘malhadores’ não pode ser negado. Algumas questões devem ser cuidadosamente consideradas para se obter o sucesso esperado: aquecimento para iniciar a sessão de treinamento, tipos de exercícios, ordens de exercícios, respiração, hidratação, postura correta nas execuções, intervalo entre as sessões, contagem cuidadosa das séries e das repetições, ajustes de carga, ajustes de aparelhos, alongamento ao final para não atrofiar a musculatura. Enfim, há um verdadeiro ritual, que se torna indispensável para a otimização deste processo. Confiam seus corpos a profissionais especializados e aptos a levá-los à verdadeira fórmula para alcançar o tão sonhado corpo. Entregam-se aos anciões e, com eles, aprendem como devem se exercitar e que cuidados devem ter, tal como acontece nas sociedades tribais estudadas por Turner, cuja fala não se restringe à comunicação, representando também poder e sabedoria.

Além disso, os indivíduos trocam informações importantes uns com os outros, encorajam-se, elogiam-se, criticam-se e compreendem-se pelo simples fato de buscarem, em seus imaginários, dar vazão a um desejo comum. Aquilo que compartilham ao comungarem da mesma vontade sagrada. A energia despendida nesse processo ritualístico é que permite a compreensão das relações que se estabelecem no interior dessa tribo, da ‘microtribo’ ou da “communitas”, e não a imagem simbólica, propriamente dita. Nas palavras de Maffesoli (1996):

De fato a prevalência é, de um lado, uma realidade (um conjunto de realidades) suficientemente verificada para que seja levada a sério. E, do outro, uma constante antropológica que se encontra em lugares e em tempos diversos. Isso também, é preciso lembrar. A teatralidade dos corpos que se observa hoje em dia é apenas a modulação dessa conduta: a forma esgota-se no ato, é pura eflorescência, basta-se a si mesma. Inúmeros são os domínios onde isso é observável (MAFFESOLI, 1996, p.155).

Engana-se aquele que pensa que o rito de passagem se encerra apenas na academia. A “communitas” dos ‘malhadores’ tem que continuar com seus processos ritualísticos, mesmo tendo completado a etapa dos exercícios. Esta etapa os prepara para a volta à “estrutura”, no entanto, também os estimula a buscar novos ritos e, assim, permanecer num estado quase constante de “comunitas”. Eles devem cuidar da alimentação, das horas de sono, devem estar

por dentro das novidades tecnológicas que os auxiliarão como, por exemplo, os calçados e as vestimentas próprias para a ‘malhação’. Na verdade, eles estão constantemente expostos a diversos ritos de passagem e se, por um lado, agrupam-se nas academias, por outro, compartilham de um imaginário que os faz possuir estilos de vida semelhantes, o que os leva a seguir buscando novas formas possíveis de ‘ritualidades’. Logo, pode-se inferir que há uma transformação social, que ocorre em decorrência desse estado de “*communitas*”, permitindo que a sociedade passe por um processo de reestruturação. Assim como a comunidade hippie era um estilo de vida a se seguir, com suas ideologias e suas doutrinas próprias na década de 70 (do século passado), hoje, a ‘comunidade dos malhadores’ também pode ser encarada como um modo de vida possível, propagado e incentivado pelas sociedades complexas.

De tudo isso, concluo que, para os indivíduos ou para os grupos, a vida social é um tipo de processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo, de “*communitas*” e estrutura, homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade (TURNER, 1974, p. 120).

Deve-se ressaltar que, apesar de não ser possível negar a presença da “*communitas*” ou das tribos nas academias de ginástica, deve-se refletir sobre os limites de se aplicar um modelo fechado para um fenômeno tão complexo e variado como as práticas do culto ao corpo, que se disseminam por diferentes contextos sociais, históricos e culturais. O imaginário da ‘comunidade dos malhadores’ carrega consigo uma ambigüidade, visto que ele possui o duplo caráter de “estrutura” - por sua racionalidade - e de “antiestrutura” (“*communitas*”) - pelo lúdico, festivo e simbólico - o que vem ao encontro da teoria de Turner (1974, p. 157) que defende a idéia da coexistência das duas dimensões:

Existe, aqui, uma dialética, pois a imediatidade da “*communitas*” abre caminho para a mediação da estrutura, enquanto nos *rites de passagem* os homens são libertados da estrutura e entram na “*communitas*” apenas para retornar à estrutura, revitalizados pela experiência das “*communitas*”. Certo é que nenhuma sociedade pode funcionar adequadamente sem essa dialética.

A academia funciona como um espaço de revitalização para aqueles que a freqüentam, tornando os indivíduos, no momento em que estão ali presentes, livres da “estrutura” social a qual pertencem. Ali, eles formam a “*communitas*”, sem que se percam da comunidade de origem, já que a “*communitas*” só se torna evidente ou acessível por sua justaposição a aspectos da estrutura social. Entretanto, é nesse momento de liberdade da estrutura, que os

indivíduos acabam por propagar os determinados símbolos rituais presentes na comunidade. Sendo assim, “estrutura” e “antiestrutura” passam a coexistir. Uma reflexão: o fenômeno do culto ao corpo é, portanto, libertário ou aprisionador? Segundo Berger (2007, p. 35):

Talvez possamos ver no culto ao corpo a modernidade se realizando, com todas as contradições que a caracterizam: a técnica invadindo cada vez mais o mundo privado da casa e do próprio corpo, permitindo uma mudança corporal sem precedentes, mas também prendendo homens e mulheres em templos de vidros (ou “gaiolas de ferro”) moldados por nós mesmos... Enveredamos por um processo de constituição de identidade calcado na obtenção e exposição do corpo perfeito que, ao mesmo tempo em que nos singulariza e nos diferencia dos outros, liberando nossa capacidade expressiva, também nos homogeneiza. Que liberta formas que já não precisam de suportes, sustentam-se por si só, mas que são fruto de investimentos e disciplinas constantes. Que engendra novas moralidades, mas que nos faz mergulhar cada vez mais no turbilhão de um mundo regido pela aparência, que, como já destacavam Baudelaire, Benjamin e Debord, dilui as fronteiras entre realidade, arte, ficção, aparência e espetáculo.

Os clientes da academia, em geral, costumam disponibilizar um horário específico diário para a prática de exercício, o que é determinado, muitas vezes, por suas possibilidades de tempo. Ao observar um dia inteiro de expediente, percebe-se que grande parte do público se reveza, principalmente, entre quatro momentos do dia: manhã, tarde, noite ou hora do almoço. Pela manhã, é mais comum encontrar pessoas mais velhas, aposentadas, que possuem maior flexibilidade no trabalho, ou donas-de-casa que não trabalham. À tarde, por volta das dezessete horas, a ‘garotada’ invade a área com seus corpos jovens, esbanjando disposição e alegria. Um pouco mais tarde, é a vez daqueles que trabalharam o dia todo conservarem um ‘tempinho’ da noite para se exercitarem. E na hora do almoço, transitam indivíduos que aproveitam o horário de folga no trabalho para se exercitar. Entretanto, apesar dessa divisão didática apontar para o tipo de cliente predominante segundo o horário, deve-se lembrar que é bem comum a convivência pacífica e harmoniosa das ‘microtribos’ que, em muitos casos, acabam se ‘esbarrando’ ao longo de um dia inteiro de expediente. Por outro lado, existe um processo de repulsão, quando um indivíduo se encontra fora das ‘microtribos’ presentes em dado momento. Nesse caso, percebe-se o desconforto de se sentir, como diria Maffesoli (1996), quase como num vácuo.

Essa situação de perceber algum indivíduo totalmente excluído da ambiência foi presenciada por mim durante a pesquisa de campo. As academias de ginástica, mesmo ‘antenadas’ com o discurso contemporâneo da saúde, ainda estão em fase introdutória, quando

o assunto é a abrangência do seu público cativo. Observei uma senhora (aparentando uns 60 anos de idade) que havia chegado, à noite, na academia, no auge da efervescência tão peculiar ao horário. Ela demonstrava estar totalmente perdida, sem saber o que deveria fazer. Como os profissionais do horário se distraíam, conversando com um determinado tipo de aluno, ela ficou totalmente desorientada. Andou por ali durante um tempo e, sem fazer absolutamente nada, acabou por ir embora. A ambiência repele um indivíduo que, ao não entrar em consonância com os sentidos do ambiente, choca-se contra si e contra os objetos à sua volta.

Muitas esferas da vida social parecem ser influenciadas pelo fato de freqüentar uma academia de ginástica. Adverte-se que não é apenas no próprio ambiente da academia que se desenvolvem os ritos específicos referentes aos símbolos do culto ao corpo. Cita-se e se explica, *a posteriori*, alguns símbolos que podem ser considerados também ritos, tais como: alimentação, vestimenta, estilo de vida.

A alimentação é uma das maiores preocupações da ‘comunidade dos malhadores’. Preocupam-se muito em ter uma alimentação ‘pseudo-saudável’ e acreditam que o fazem de forma correta. Muitas questões sobre alimentação são discutidas ao longo dos treinamentos. O resultado sobre a observação participante a respeito desse item, demonstra que o imaginário sobre a alimentação desse grupo é de que doces, refrigerantes e frituras, são alimentos proibidos, verdadeiros ‘venenos’. Consumi-los seria um equívoco, um paradoxo, uma contradição, haja vista que estão ‘suando’ para chegar aonde almejam. O correto para se manter a boa forma, ao menos para este público, é fazer refeições leves a base de grelhados e saladas. O grupo, como um todo, compartilha informações e segredos para manter a boa forma, que são rapidamente difundidos no ambiente da academia e levados para a vida ‘externa’, isto é, para o que Tuner compreende como “estrutura”. Conselhos e soluções são sempre bem vindos nos casos de algumas extravagâncias alimentares o que, na maioria das vezes, resulta em doses extras de ‘malhação’ a fim de compensar o excesso. A segunda-feira, por exemplo, é o dia da ‘penitência’. Dia da semana em que a academia de ginástica é mais freqüentada, fato este que ocorre, segundo dos próprios freqüentadores, em função dos excessos alimentares cometidos ao longo do final de semana.

Muitos dos freqüentadores despertam interesse pela indústria farmacêutica e, não raro, observam-se prescrições bem específicas para os mais diversos ‘problemas’: dificuldade de emagrecer, dificuldade de ganhar massa corporal, facilidade de engordar, dificuldade de aumentar as cargas do exercício. E, também pela cirurgia estética: indicação de bons cirurgiões, clínicas de estética corporal entre outros.

Com relação à vestimenta de ‘malhação’, esta é um dos maiores símbolos da importância concedida ao corpo no Rio de Janeiro. As pessoas circulam espontaneamente com *lycras*, *tops* e tênis pela cidade, o que representa a aderência a um estilo de vida compreendido como saudável, isto é, representa a energia de cada um deles, despendida na insaciável busca pela boa aparência. Além disso, a indústria da área vem crescendo substancialmente, fato este que está atrelado, entre outras questões, ao avanço tecnológico que vem permitindo o desenvolvimento de trajes e calçados cada vez mais apropriados aos mais diversos gêneros de exercícios. Tipos de calçados e vestimentas apropriadas para as mais diversas atividades físicas passam a ser informações valiosas entre os indivíduos pertencentes à ‘comunidade dos malhadores’, ajudando a compor a paisagem carioca, ou melhor, a paisagem do que é ser carioca, principalmente nas áreas economicamente favorecidas, como as zonas sul e oeste da cidade.

Tem-se, portanto, a metáfora do *neotribalismo* sugerida por Maffesoli (2006). Com relação ao estilo de vida, por exemplo, destaca-se que ele passa a ser símbolo que representa a série de pequenas mudanças na vida das pessoas decorrentes de freqüentarem uma academia e, portanto, de moldarem seus corpos. Tais mudanças vão sendo gradualmente incorporadas o que, conseqüentemente, influencia o ‘jeito de ser’, de ‘levar a vida’, mais precisamente, o estilo de vida a seguir.

Primeiramente, os indivíduos incorporam a prática de exercícios em suas rotinas. Nenhum deles é sedentário. A grande maioria reserva diariamente uma a duas horas ao exercício físico. Imageticamente, acreditam que para conseguir o tão almejado corpo, precisam passar por sofrimentos e privações. Acabam assumindo esse errôneo fardo sem muitos problemas. Querem ‘suar’ e não compreendem como alguns exercícios que não causam desconforto e dor podem resultar em benefícios. A dor passa a representar um obstáculo a ser suportado, superado, ou inclusive, convertido em fonte de prazer (VAZ, 2001). Precisam sentir os ‘músculos trabalhando’. E ainda resistem fortemente a apelos gastronômicos que representem uma ameaça ao corpo tão sonhado. Reforçando a relação que se estabelece entre indivíduo, dor e superação dos próprios limites na ambiência das academias:

Como se sabe, a dor não é uma “aliada” do treinamento corporal, mas, do ponto de vista subjetivo, o inimigo a ser combatido, superado, suportado, ignorado – ou ainda, num registro mais fronteiriço, a experiência a ser glorificada, desejada, certificação de que de fato se está indo além dos

limites e que, portanto, há mérito na dilaceração do próprio corpo (HANSEN; VAZ, 2004, p. 141-142).

Outro ponto relevante é a escolha dos ambientes aonde vão se expor, ou seja, aonde vão expor os corpos. Na rotina da academia, entre um exercício e outro, foi possível perceber alguns discursos sobre a aderência específica a certos lugares, tais como praias, restaurantes e bares. O estilo de vida é influenciado pela ‘malhação’ do dia-a-dia. Ao percorrer a praia de Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro, percebe-se que existem alguns pontos mais propícios à exibição, onde é incomum esbarrar com alguém fora do padrão estético vigente - fora da forma física propagada pela ‘comunidade dos malhadores’. A grande maioria das pessoas que frequenta esses pontos é ‘sarada’²⁶. Na mesma praia, existem outros locais onde a forma física não se apresenta de forma tão enaltecida.

Parece que a busca pelo hedonismo - sugerido por Maffesoli - presente nas sociedades contemporâneas, tal como na cidade do Rio de Janeiro, pode ser refletida, entre outras coisas, pelo culto ao corpo, que se apresenta de forma tão destacada. Grupos se formam na tentativa de compartilhar ritos e símbolos inerentes a este fenômeno. Buscam insaciavelmente estar dentro dos padrões de beleza difundidos, transformando o corpo num verdadeiro projeto de vida.

É possível pensar sobre a ‘comunidade dos malhadores’ à luz do termo “comunidades imaginadas”, de Benedict Anderson, na tentativa de clarificar a forma com que algumas narrativas contemporâneas exploram a idéia de nações imaginadas, sinalizando e fundando comunidades de sentimentos pautadas, entre outras coisas, na diminuição das fronteiras nacionais, étnicas, culturais e ideológicas. Para Anderson (1993), as “comunidades imaginadas” se constroem por meio de estratégias discursivas, compostas por imagens, panoramas e cenários de eventos históricos, que procuram estabelecer uma experiência compartilhada, realçando a idéia de origem comum, de continuidade e de tradição compartilhada. Estas “comunidades imaginadas” são expressas também pelas culturas nacionais através de identidades, evidenciando que as identidades culturais são vistas, atualmente, dentro de um contínuo processo de construção e reconstrução. As nações, de acordo com a interpretação de Anderson (1993), referem-se às identidades nacionais como conjunto de “comunidades imaginadas”. Isto passa pelo conceito antropológico utilizado pelo autor, que entende a nação como: “comunidades politicamente imaginadas”, limitadas e soberanas.

²⁶ Termo utilizado para descrever pessoas que possuem corpos esculpidos e lapidados pelo exercício físico.

Outra característica relevante das “comunidades imaginadas” citada por Anderson (1993), é o caráter de companheirismo profundo e horizontal ao qual se concebe a nação. A fraternidade e o sentimento de cumplicidade e proximidade de ‘camaradas’, de poder ser solidário e poder sentir a solidariedade dos outros, de proteger e ser protegido por um grupo que consideramos parte nossa, são aspectos centrais no sentimento de comunidade. Os indivíduos, ao se debruçarem sobre os sentimentos e valores comunitários, abrem mais espaço para percorrer o trajeto entre as visões estáticas e as visões dinâmicas, do fixo para o mutável, do sólido para o vaporoso. Na verdade, o trabalho de Anderson consiste na ‘desterritorialização’, na proliferação do ‘transnacionalismo’, nos novos agrupamentos étnicos, nos movimentos separatistas e nas novas formações políticas.

Seu conceito de “comunidades imaginadas” foi também importante por ter reavivado o binômio real/imaginário, visto que ele defende a importância de considerar os sonhos, fantasias, mitos e histórias, novos poderes da vida social contemporânea, para fazer uma “macroetnografia” do mundo ‘desterritorializado’. Anderson duvida - ainda que timidamente - que alguma forma comunitária possa existir sem um componente imaginado. Ele defende a hipótese de que todas as comunidades são imaginadas. Ora, o imaginário, para ele, é uma característica positiva, que permite o surgimento e fortalecimento de sentimentos e ações benéficos para diferentes grupos oriundos de qualquer nação. Neste sentido, sentimentos compartilhados por um grande grupo de pessoas, nascidas e socializadas dentro de um território imenso, definido por fronteiras, estão presentes no cotidiano de grande parte das pessoas no mundo todo. Aliás, não experimentar esses sentimentos pode ser considerado, inclusive, sintoma de exclusão social nas sociedades complexas.

Esse nacionalismo que todos na atualidade possuem e consideram normal é muito curioso: os indivíduos se sentem parte de uma comunidade composta por milhões de pessoas que, apesar de não se conhecerem, se apaixonam por um grupo seletivo de símbolos de coesão – hino nacional, bandeira, carnaval, futebol, estrelas de cinema, novelas da Globo entre outros. A nação é uma “comunidade imaginada” por milhões que se consideram parte dela e que, em distinto grau, e com distintos objetivos e interesses, usam esse sentimento comum como parte do convívio social cotidiano, e como parte dos projetos pessoais e coletivos. O exemplo do nacionalismo, da consciência nacional, recheada de símbolos e sentimentos imaginados, mas reais, permite visualizar também as comunidades como símbolos presentes nas consciências das pessoas. Sua materialidade é relativa: ela importa na medida em que viabiliza - de uma forma ou de outra - a realidade sentimental e ideológica.

Voltando à questão do presente estudo, como é possível fazer a inter-relação dessas questões com a proposta sugerida denominada ‘comunidades de malhadores’? Primeiramente, uma relação simbólica, permitida pelo fenômeno do culto ao corpo nas academias, acontece em relação à construção da imagem de um ideal de nação, que é percebido nesses ambientes. Ou seja, o conjunto de ‘malhadores’ pode ser compreendido como uma “comunidade imaginada”. Comungam-se não apenas ritos, símbolos e sentimentos nestes ambientes, mas também uma identidade cultural, que faz com que esse fenômeno seja representativo do que é ser brasileiro ou, por exemplo, do que é ser carioca na sociedade contemporânea.

Um dos imaginários contemporâneos compreende o corpo físico como uma meta de vida. Esse imaginário se reflete no real e é por ele influenciado. Real e imaginário devem coexistir, o que vem ao encontro dos conceitos propostos por Anderson, Durand e Maffesoli. A sociedade impõe um padrão de beleza física e os indivíduos absorvem esse padrão de forma imaginária, tentando alcançá-lo. Por outro lado, esse imaginário é propagado no real e nutrido por ele. Portanto, cultivar o corpo na academia é uma forma do indivíduo demonstrar que faz parte da nação (brasileira, carioca ou, inclusive, ‘nação dos malhadores’), da “comunitas” da tribo ou da “comunidade imaginada”. O símbolo de coesão, o vínculo neste caso, passa a ser o corpo, mas poderia ser qualquer outra coisa ou outro objeto que pudesse representar alguma identidade cultural, algum sentido simbólico ou sentimento comum. A imaginação remete à fantasia de pertencimento a uma estrutura comum que representa - e de maneira significativa - uma grande quantidade de pessoas.

Pessoas de diferentes etnias, classes sociais e religião, desfazem-se de suas fronteiras no momento em que estão praticando exercícios físicos na academia. Nesta, a ‘comunidade dos malhadores’ pode ser compreendida, análoga e simultaneamente, sob o viés das diferentes noções do que seria comunidade, demonstradas neste momento do trabalho: milhões de pessoas no Brasil, mais precisamente nos grandes centros urbanos, dedicam horas semanais ou até mesmo diárias às academias de ginástica e, com isso, compactuam com um ideal comum que, no imaginário e/ou no real, modificam uma série de relações sociais. Portanto, a academia aparece como uma boa alternativa - não a única - para a realização de estudos que procurem analisar vínculos desse porte.

O culto ao corpo contemporâneo, sob o viés do exercício físico regular, na perspectiva da ambiência estimuladora das academias de ginástica parece representar o que Durand chamou de “bacia semântica”. Isso ocorre porque esse fenômeno é reflexo de um imaginário que veio se propagando e se intensificando nas últimas duas décadas, o que faz com que se possa pensar numa amplitude e numa globalidade que este imaginário possa vir a atingir, se é

que já não o fez. A tribo que tem no corpo o seu símbolo de funcionamento parece não se restringir à cidade do Rio de Janeiro, nem tampouco ao Brasil. O corpo, como um dos meios de perpetuação do hedonismo, já possui amplitude coerente com o que Anderson chamou de nação. O símbolo tribal, denominado corpo, é partilhado pela ‘comunidade dos malhadores’, que é uma tribo, um estado de “comunitas” e, mais do que isso, uma “comunidade imaginada”, sem fronteiras ou território demarcado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO HEDONISMO DIONISÍACO À DISCIPLINA APOLÍNEA PREVALECE A IMAGEN DE NARCISO

A idéia aqui é voltar-se às questões e aos objetivos propostos inicialmente, na tentativa de respondê-los. Sobretudo, não existe a intenção de que este trabalho comprove alguma realidade ou, tampouco, disseminar os dados encontrados como verdade absoluta, mas descrever uma realidade, em um determinado contexto, com base no que foi escrito sobre a temática até então por alguns dos diversos estudiosos da área. Nesse sentido, as considerações finais não se apresentam de forma unívoca, fechada e nem mesmo pretensiosa. Deve-se ter muito cuidado quando se trabalha com temas complexos, tais como os imersos nas ciências humanas, à medida que cada objeto de estudo ou cada fenômeno possui uma gama de olhares diferenciados, que podem ou não dar vazão à compreensão dos mesmos. O importante é tentar mapear as questões inerentes à temática, compreendendo que este mapeamento é apenas uma faceta, um olhar, uma visão, um enfoque dentre muitos outros, do objeto de estudo em questão. Desse modo, manteve-se, ao longo do presente estudo, um cuidado constante em não transparecer qualquer intenção de globalizar ou universalizar os dados encontrados. Eles fazem sentido apenas nos limites da esfera em que foi proposta a pesquisa. Portanto, outras pesquisas acerca da mesma temática com outros referenciais teóricos e outros métodos de coleta e tratamento de dados podem vir a apresentar resultados diferenciados dos encontrados aqui.

Primeiramente, deve-se considerar que a descrição do fenômeno do culto ao corpo, sob o viés da categoria ambiência, foi realizada em um momento anterior, quando se confrontaram os dados da realidade, encontrados na pesquisa de campo, com a literatura que fundamenta o trabalho. Discute-se, portanto, o que foi encontrado por meio da observação participante com o que foi desenvolvido na fundamentação teórica. A partir dessa discussão, foi possível destacar algumas questões acerca do fenômeno do culto ao corpo nas academias de ginástica. O estudo, de cunho etnográfico, parece ter contribuído para o preenchimento de uma lacuna da literatura referente à descrição e ao mapeamento do que ocorre na ambiência das academias.

O mapeamento e a descrição da ambiência da academia se realizaram através da pesquisa de campo, desenvolvida sob o prisma da observação participante, isto é, da etnografia. Para tal, freqüentou-se a academia diariamente por um período ininterrupto de dois meses em diversos horários. O objetivo inicialmente proposto foi descrever o fenômeno do culto ao corpo sob o viés da ambiência. A partir dessa proposta, algumas questões e reflexões

surgiram atreladas à compreensão desse fenômeno, dentre as quais, destacam-se: de que maneira a ambiência, ou seja, os sentidos atribuídos à disposição física dos objetos, dos indivíduos envolvidos e das formas, propicia a exaltação e o enaltecimento do fenômeno do culto ao corpo? Que função exerce o profissional de educação física neste local? Como o corpo pode ser imagetivamente, compreendido como símbolo tribal? O imaginário que perpetua esse fenômeno se encerra nessa ambiência ou é levado para o dia-a-dia? Considerando que exista o culto ao corpo nas academias, por meio de um imaginário que assim o dissemina, como este pode ser descrito na perspectiva das relações sociais que puderam ser observadas dos indivíduos uns com os outros, da ambiência que os cerca e de cada um consigo mesmo?

Inicialmente, pode-se ressaltar que, no capítulo anterior, foi possível responder às questões descritas acima a partir da discussão realizada. Na tentativa de não expandir muito o objeto de estudo em questão e perder os argumentos condizentes, conduziu-se a análise dos resultados de forma que fossem focadas as questões que se apresentavam diretamente relacionadas ao objetivo principal do trabalho.

A ambiência da academia de ginástica é altamente propícia à *cultuação* do corpo. Ali, a trama de relações simbólicas que se estabelecem confirma um imaginário majoritário, que compreende a busca por uma determinada forma física e aparência como um ‘dever ser’, que tem que ser almejado e perseguido. Os indivíduos ali presentes compactuam e compartilham um imaginário que entende o local da academia com uma boa possibilidade para se efetuar essa perseguição e, portanto, obter êxito. Assim, uma ambiência acolhedora, estimuladora e sedutora, parece contribuir significativamente para a modelação do corpo e para a exclusão de todos aqueles que não são capazes de se entregar a esse fim. A disposição dos espelhos, as cores escolhidas para a pintura das paredes, o estilo da música, a limpeza permanente, a claridade, as imagens pregadas em lugares estratégicos com mensagens motivantes, as frases espalhadas, também estimuladoras, os aparelhos de última geração e a presença de profissionais com boa aparência, são alguns dos pontos que se destacam como responsáveis pela conformação dessa ambiência. Como diria Retondar (2004), se não há uma ambiência específica, não há condições objetivas para a produção imaginária e simbólica emergir.

O profissional de educação física faz parte da ambiência do local e, sobretudo ele exerce influência fundamental na propagação desse fenômeno, haja vista que é o mediador, o detentor dos meios pelos quais o desejo de cada um poderá ser alcançado. Além disso, ele é o **interventor**, aquele que detém o poder de intervir na realidade, isto é, nos corpos que lhe são entregues. Ele é o responsável por prescrever, orientar, corrigir e analisar o treinamento de

seus alunos. Ademais, ele deve, também, motivá-los e estimulá-los o tempo todo. Na verdade, os profissionais são tidos como exemplos nessa ambiência, estão expostos e, portanto, devem ter muito cuidado com a própria aparência e com as atitudes tomadas. Dado que os resultados do presente estudo compreendem o profissional como parte da ambiência, pode-se articular que não há variação no que diz respeito ao comportamento do mesmo durante sua atuação profissional. A grande maioria acaba por voltar sua atenção, quase que exclusivamente, ao grupo daqueles que buscam cultivar o corpo a todo custo, estimulando-os, auxiliando-os e amenizando suas dúvidas. Parecem partir do princípio que todos ali possuem o mesmo objetivo: a estética corporal. Logo, agem de forma excludente ao preconizarem uma vertente do treinamento físico.

O corpo, nesse contexto, pode acabar se transformando num símbolo tribal. Nessa perspectiva, autores como Maffesoli, Turner e Anderson, cada qual com suas noções do que seria comunidade, trazem significativas contribuições acerca da descrição da chamada ‘comunidade dos malhadores’. Os autores, com suas teorias flexíveis sobre a forma com que se dão alguns agrupamentos humanos na sociedade pós-moderna, acabam por fornecer fontes interessantes para se pensar não apenas o corpo, mas qualquer outro objeto passível de representar um símbolo a ser compartilhado. Sendo assim, destaca-se que os autores citados anteriormente trabalham com noções de comunidade respaldadas em algumas teorias do imaginário. Entendem que as pessoas passam a se agrupar à luz de processos imaginários, isto é, da produção simbólica. Durand (2004), com sua teoria denominada “bacia semântica”, acaba complementando essa idéia ao demonstrar a existência de um período de transição, no qual se pode perceber a mudança dos paradigmas e dos imaginários até então majoritários. O período atual parece representar essa noção de “bacia semântica”, na medida em que as formas de organização social da modernidade vão sendo substituídas na pós-modernidade por novas maneiras de agrupamentos humanos, representadas por algumas idéias de comunidade, tais como aquelas propostas por Maffesoli, Turner e Anderson.

O fenômeno do culto ao corpo, referente no presente estudo às academias, bem como a formação de comunidades, grupos ou tribos em função da aparência corporal, parecem não se encerrar com o término da sessão de treinamento físico. Para Goldenberg (2002), apesar de o corpo ter se emancipado de muitas de suas antigas prisões - reflexo de imaginários diferenciados na contemporaneidade - ele, atualmente, encontra-se preso a simulacros mais imperativos do que em outros períodos históricos. Desse modo, a pesquisa de campo demonstrou que o imaginário que perpassa a ambiência da academia é levado para outras esferas da vida social. Na verdade, é como se houvesse uma interseção do que acontece dentro

da academia com o que acontece fora. Os ‘segredos’ da ‘comunidade dos malhadores’, que auxiliam a *cultuação* do corpo, perpetuados fora dali encontram, nas academias, um espaço apropriado para serem partilhados. E a academia é o local onde os indivíduos - ‘malhadores’- descobrem novas formas, dicas, ‘segredos’ sobre o corpo, os quais são levados para dia-a-dia e incorporados ao estilo de vida de cada um. Um constante ir e vir, que auxilia a conformação da comunidade perante a sociedade e, à medida que o estilo de vida vai sendo modificado, este imaginário específico vai se disseminado, dilatando suas redes de influência, tornando-se paulatinamente majoritário.

Para falar do indivíduo imerso na ambiência, isto é, de algumas relações sociais já descritas, porém inesgotadas se pode estabelecer uma analogia com algumas passagens da mitologia grega, no intuito de aprofundar e esclarecer o imaginário propagado especificamente na academia de ginástica. Procura-se, nesse momento, incrementar as considerações finais acerca da pesquisa, voltando-se ao objetivo principal a fim de trazer um olhar metafórico que, em consonância com a análise dos dados encontrados, resume muito do que foi abordado até aqui.

O estudo do mito é, atualmente, um valioso instrumento de investigação. No caso do presente trabalho, é possível considerar que a ambiência da academia de ginástica aponta para uma trama simbólica, que representa as relações que se dão entre os indivíduos e a ambiência, entre eles e outros e, finalmente, entre cada um deles e sua individualidade. Em outras palavras, essa trama se estabelece no sentido: do hedonismo Dionisíaco à disciplina Apolínea, prevalece a imagem de Narciso. Em termos gerais, pode-se chamar apolíneo e dionisíaco tudo o que se relaciona com os mitos gregos de Apolo e Dionísio. Para a compreensão dessa relação simbólica sugerida como desfecho para a presente pesquisa é necessário que seja descrito, brevemente, a representação simbólica de cada um dos mitos citados para, então, ser possível explicar de que forma essa relação pode ser levada para o dia-a-dia da academia.

Gontigo (2006) afirma que, no que tange à arte e a vida, pode-se denominar apolíneas, as manifestações que expressem exatidão, harmonia, prudência, ilusão como, por exemplo, as artes plásticas e dionisíacas, as manifestações que expressem desmedida vibração, autenticidade, como por exemplo, a música, o sofrimento, o sexo dentre outros.

Segundo Retondar (2004), Apolo é o Deus que representa o espírito da individuação, que fala de si, de suas aparências por meio dos gestos e olhares, que põe ordem no caos dos sentidos, o que os torna inteligíveis, palpáveis. Por outro lado, Dionísio vem em direção contrária. Ele é aquele que, por meio do êxtase, destrói a individuação, isto é, que faz o indivíduo se perder de si mesmo momentaneamente para retornar do mundo imaginário mais

calmo, mais aliviado. Portanto, a tensão entre Dionísio e Apolo caminha no sentido de identificar o que já é identificado desde a Grécia Antiga: “a tensão entre dois ‘espíritos’ que, na sua luta incessante, são capazes de fazer emergir a criação, em que a existência de um necessariamente passa pela supressão momentânea do outro numa luta infinita de contrários” (RETONDAR, 2004, p. 211). Isso significa dizer que *um* só pode ser explicado pelo *outro*, isto é, Dionísio só pode ser explicado por Apolo, assim como o inverso também é verdadeiro. Portanto, é possível falar em uma unidade ou uma tensão denominada Apolo-Dionísio que pode ser representada, por exemplo, historicamente, em determinado momento ou determinada cultura, mais precisamente quando se percebe o predomínio do espírito apolíneo ou do espírito dionisíaco.

Para Maffesoli (2004), o mito de Apolo representa o período da modernidade, momento em que a racionalidade deveria ser preconizada em nome de um imaginário de progresso. Já o mito de Dioniso, representa a pós-modernidade, constituído pelo sensível, pela efervescência, pelo *presenteísmo*, pela busca do prazer, expresso pelo hedonismo. Na tentativa de representar a importância concedida à imagem e à estética, o mito de Narciso vem recebendo grande destaque na contemporaneidade. Entretanto, apesar de muito se ouvir falar sobre ele no senso comum, pouco se sabe sobre o que realmente é abordado em sua narrativa. Resumidamente, o enredo do mito de Narciso gira em torno de um jovem que é punido ao se recusar a amar alguém. Isso ocorre após o impacto que ele tem com a sua própria imagem, fazendo com que não consiga querer ninguém além de si mesmo.

Com essa breve explanação sobre os mitos que podem representar as relações presentes nas academias de ginástica, é possível mergulhar na realidade específica dessa ambiência, apontando o simbolismo que cada um deles possui. A tensão Dionísio-Apolo é observada como o pilar da ambiência, onde se tem, ora um querendo predominar, ora outro, o que representa uma necessidade constante de ‘diálogo’ entre os opostos. Tanto o mito de Dionísio como o de Apolo, trazem à tona questões que representam um desafio para a vida em sociedade: o limite e a transgressão; a natureza e a cultura; o signo e o símbolo; o inteligível e o sensível.

De um lado se tem o *presenteísmo*, a busca pelo prazer, o jogo de sedução, a ambiência de festa, a excitação da tribo, do viver junto, do coletivo, do compartilhamento; por outro lado, observa-se a individualidade, a auto-superação, a disciplina, a força de vontade, a energia racional dedicada ao culto ao corpo e à forma física. A ‘festa’, a bagunça, a ‘orgia’, a irracionalidade, a ‘embriaguez’ e a euforia seguem sobrepostas à razão, ao dever, à luta, à ordem do caos. Mas quem pensa que essa tensão é ruim se engana. Essa tensão é essencial

para a organização da comunidade local. Imagine que o mito de Dionísio reinasse sozinho, o que seria da sistematização do treinamento físico? Os indivíduos poderiam se afastar de tal forma de sua racionalidade, que seriam capazes, até mesmo, de anular a prática de exercícios físicos. Os sentidos eufóricos emergidos da efervescência poderiam proporcionar-lhes um estado de sublimação que os afastaria deles mesmos, prevalecendo a força do ‘estar-junto’, ‘do horror ao vácuo’. Mas, e se Apolo predominasse, o que seria passível de acontecer? É possível dizer que a prática de exercício também poderia ser anulada, mas por outro prisma. Ora, se o símbolo tribal representado pelo corpo é que dá vida a esse agrupamento humano, denominado ‘comunidade dos malhadores’, como compreender o seu bom funcionamento senão pela ótica das emoções e dos sentimentos que são evocados coletivamente? Como desconsiderar a irracionalidade presente na busca do exercício físico praticado nas academias de ginástica?

Apolo personifica o ponderado, o equilibrado, o autêntico jogador de xadrez, aquele que visa atingir o fim almejado. Dionísio é o desequilíbrio, a paixão pelo movimento, sua responsabilidade radica na idéia de infinitude e de êxtase pelo processo vivido. Nas academias de ginástica, Apolo torna possível o progresso por meio do exercício físico. Dionísio possibilita a perpetuação do transe provocado pelo culto ao símbolo corpo. Quando cada indivíduo se volta para a execução da sua série de treinamento físico, respeitando cuidadosamente certos princípios que o perpassam, com o intuito de ‘vencer a batalha’, de persistir, acreditar e atingir o objetivo determinado é Apolo prevalecendo. No entanto, quando os indivíduos escapam à racionalidade, deixando fluir seus imaginários, entrando em consonância com as relações sociais que se desenvolvem na ambiência é Dionísio que ganha força.

Mas se essa tensão descrita anteriormente é o pilar da ambiência, Narciso aparece como o mito capaz de sustentar esse pilar, o magma no qual ele está submerso. A casa dos espelhos não permite um desapego à imagem. Esta fica estampada o tempo todo, estimulando a adoração ao que pode ser refletido nele. A modelação a qual o corpo é submetido, isto é, o resultado positivo dos exercícios físicos expostos fisicamente encontra, nos espelhos, a expectativa de comprovação do objetivo que foi ou que está sendo alcançado. Portanto, é naturalizada na ambiência da academia o culto ao corpo por meio da admiração de si mesmo. Um fascínio que é criado em torno do que pode ser visto em relação à (re) construção corporal e que atrai os indivíduos para si, afastando-os momentaneamente da vida real.

Tem-se, portanto, a tensão entre a busca do hedonismo representada pela importância concedida ao corpo e a propagação da disciplina inerente ao treinamento físico, mergulhados

numa permanente necessidade de constatação dos resultados alcançados, o que é expresso pela imagem de cada um refletida nos espelhos. Levando em consideração as categorias analisadas na descrição etnográfica do estudo, conclui-se que o mapeamento da ambiência da academia, tendo o corpo como 'pano de fundo', é dentre outras, uma fonte interessante para se pensar algumas das relações sociais da contemporaneidade que, quando comparadas a outros períodos históricos, mantiveram-se, modificaram-se ou que estariam em processo de transição. O fenômeno do culto ao corpo e a forma com que as relações se estabelecem em função da busca pela estética, decerto, representam o momento transitório ao qual as sociedades complexas estão submetidas.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de cultura económica, 1993.
- ANTUNES, C. A. **Perfil profissional de instrutores de academias de ginástica e musculação**. Buenos Aires, año 9, n. 60, mayo 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd60/perfil.htm>>. Acesso em: 20 de dez. 2007.
- ANTUNES, L. O fim de um mito: praias do Rio não têm só corpos belos. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 28, 08 abr. 2007.
- AUGRAS, M. **Psicologia e cultura**. Rio de Janeiro: Nau, 1995.
- _____. Mil janelas: teóricos do imaginário. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.107-131, 2000.
- AZEVEDO, A. L. O paradoxo da beleza. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 50, 28 out. 2007.
- BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins fontes, 2005.
- BARBANTI, V. Aptidão Física e Saúde. **Revista da Fundação de Esporte e Turismo**, Curitiba, v.3, n. 1, p. 5-8, 1991.
- BERGER, M. Mídia e espetáculo no culto ao corpo: o corpo miragem. **Revista Sinais**, Espírito Santo, n.2, v.1, p. 121-160, 2007.
- BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- BRASÍLIO, L. A. **Um certo modo de olhar**: a desigualdade do padrão de beleza entre os sexos. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.
- BRAUNSTEIN, F.; PÉPIN, J.- F. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- CARVALHO, Y.M. **O Mito da atividade física e da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- COELHO FILHO, C.A.A. O discurso do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro. **Motus Corporis**. n.6, v. 1, p. 61-83,1999.
- COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Memória olímpica**: histórico. Disponível em: <http://www.cob.org.br/site/memoria_olimpica/memoria_1.asp>. Acessado em: 10 abr. 2007.
- COURTINE, J-J. Os Stakhanovistas do Narciso: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SAN'TANA, D.B. (Org), **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação liberdade, 2 ed., 2005. p. 81-114.

DA COSTA, L. P. Identidade cultural e base do saber esportivo. In: VOTRE, S.; COSTA, V.L. (Orgs). **Perfil do mestrado em Educação Física da Universidade Gama Filho**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1994.

DA MATTA, R. A ressurreição da carne. O culto ao corpo no Brasil moderno. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 07 abr. 1996.

_____. R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 6. ed., 1997.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DURAND, G. **Imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 3 ed., 2004.

EDMONDS, A. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, M. (Org), **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.189-261.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERREIRA, N. T. Olhares sobre o corpo. In: Votre, S. (Org.). **Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001. p.13-43.

FONTES, M. **Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo**. Bahia, v.4, n.1, jun. 2006. Disponível em: <http://www.contemporanea.poscom.ufba.br/v4n1_pdf_jun06/MFontes-leitura-v4n1.pdf>. Acesso em: 20 de dez. 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GIACOMINI, S. M. O corpo como cultura e a cultura do corpo: uma explosão de significados. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.395-423, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOLDENBERG, M. Apresentação. In: GOLDENBERG, M. (Org). **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 7-17.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org). **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.

GOLDENBERG, M. **De perto ninguém é normal**: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HANSEN, R.; VAZ, A. F. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 135-152, 2004.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores de renda**: nível e composição. Disponível em:
<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/1174_renda%20per%20capita%20proveniente%20de%20transferências%20governamentais.XLS>. Acesso em: 28 mar. 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da educação superior de 2003**. Disponível em:
<<http://www.edudatabrasil.inep.gov.br>>. Acesso em: 05 abr. 2007.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2. ed., 1996.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LEVI-STRAUSS, C. **Desvendando as máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

LOLLO, P. C. B. **Perfil dos alunos das academias de ginástica de Campinas, SP**. Buenos Aires, año 10, n.76, sept. 2004. Disponível em:
<<http://www.efdeportes.com/efd76/acad.htm>>. Acesso em: 20 de dez. 2007.

LOVISOLO, H. **A arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

MAFFESOLI, Michel. Os imaginários sociais. **Psicologia e Práticas Sociais**, Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.5-22, 1993.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2 ed., 1996.

_____. **A transfiguração do político, a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.15, p.74-81, 2001. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 4. ed., 2006.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org). **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 79-137.

MARCONI, M de A. & LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4. ed., 1999.

MARINHO, A. Trato com o diabo: para emagrecer, mulheres aceitam tomar drogas e hormônios letais. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 44, 18 nov. 2007.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. Do tradicional ao alternativo: o “vale-tudo na era do corpo”. In: AISENTEIN, Ângela (Org). **Cuerpo y Cultura**: práticas corporales y diversidad. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2006. p. 283-291.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MELO, S. I. L.; OELKE, S. A.; TESSARI, Marino. Determinantes pela procura de cursos de educação física. In: IV jornada de pesquisa da UDESC, 1995, Florianópolis. **Anais da IV jornada de pesquisa da UDESC**. Florianópolis: UDESC, v. 1, p.83, 1995.

MICHENER, H. A.; DELAMATER, J. D.; MYERS, D. J. **Psicologia Social**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

NEVES, L.F.B. **O combate dos soldados de cristo na terra dos papagaios**: colonialismo e repressão cultural. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

_____. **A construção do discurso científico: implicações sócio-culturais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998

NOVAES, J. DA SILVA. Identificando os valores orientadores das atividades gímnicas em academia no Rio de Janeiro: uma análise de conteúdo. **Revista Motus Corpus**, Rio de Janeiro n. 4, p. 16-26, 2001.

_____. **Estética**: o corpo na academia. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996a.

_____. **Discurso e leitura**. Campinas, SP: Cortez, 3. ed., 1996b.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 3. ed., 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 3. ed., 1997.

PEDROSA, I. **Da cor à cor inexistente**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editora, 8 ed., 2002.

PEREIRA, F. M. **Dialética da cultura física**: introdução à crítica da Educação Física do esporte e da recreação. São Paulo: Ícone, 1988.

PEREIRA, R. G.; DE PAULA, A. H. **Perfil profissional de instrutores de musculação das academias da cidade de João Monlevade-MG**. Ipatinga: Unileste-MG, v.4, n.1, fev./jul.

2007. Disponível em:

<http://www.unilestemg.br/movimentum/index_arquivos/movimentum_V2_n1_pereira_rodri go.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2007.

PEREIRA, V. A. **Corpo ideal, peso normal**: transformações na subjetividade feminina. 104 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

RETONDAR, J.M. **A produção imaginária de jogadores compulsivos**: a poética do espaço do jogo. São Paulo: Vetor, 2004.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SABA, F; ANTUNES, F. **Gestão em atendimento**. Manual prático para academias e centros esportivos. São Paulo: Manole, 2004.

SABINO, C. **O peso da forma**. Cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas. 336 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SAUTCHUK, C. E. A medida da gordura. O interno e o íntimo na academia de ginástica. **Revista Mana**. Rio de Janeiro, n.13, v.1, p. 181-205, 2007.

SEIDL de MOURA M. L. &, FERREIRA, M. C. **Projetos de Pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

SIEBERT, R. S. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p. 15-42.

SILVA, J.M. da. **Tecnologias do imaginário**: esboços para um conceito. Recife, 2003. Disponível em: <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB5.PDF>>. Acesso em: 14 abr. 2007.

SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Florianópolis, SC: Autores Associados, 2001.

SOLARES, B. Aproximaciones a la noción de imaginário. **Revista mexicana de ciencias políticas y sociales**. Distrito Federal, n. 198, p. 129-141, 2006.

SOARES, E. **Metodologia Científica: lógica, epistemologia e normas**. São Paulo: Atlas, 2003.

TORRI, G.; BASSANI, J. J.; VAZ, A. F. Dor e tecnificação no contemporâneo culto ao corpo. **Pensar a prática**, v. 10, n. 2, p. 261-273, 2007.

TOSCANO, J. J. de O. Academia de ginástica: um serviço de saúde latente. **Revista Brasileira ciência e movimento**. Brasília, v. 9, n. 1, p. 40-42, 2001.

TURNER, V. W. Liminaridade e “Communitas”. In: **O processo ritual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. p. 116-159.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VAZ, A. F. Técnica, Esporte, Rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v.7, p. 87-99, 2001.

ZANETTE, E. T. **Análise do perfil dos clientes de academias de ginástica**: o primeiro passo para o planejamento estratégico. 2003. 154 f. (Mestrado profissionalizante em Engenharia) - Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto alegre, 2003.

ANEXO 1 - Exemplos de salas de musculação e de salas de treinamento cardio-respiratório em academias de grande porte. Imagens extraídas da *internet*.

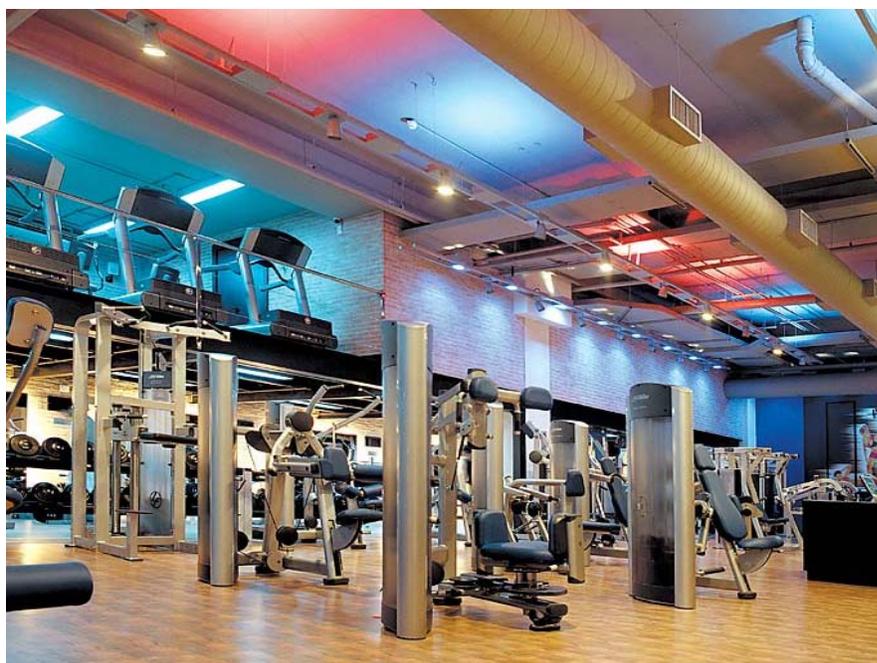


Figura 1 - Sala de musculação com aparelhos de treinamento de força no nível inferior e aparelhos aeróbios (esteiras) no segundo nível:



Figura 2 - Sala de musculação com aparelhos aeróbicos e aparelhos de treinamento de força intercalados no mesmo ambiente



Figura 3 - Salas de treinamento cardio-respiratório (observam-se esteiras, bicicletas e aparelhos de *transport*):



Figura 4 - Sala de musculação exclusivamente com os aparelhos de treinamento de força.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)